

Paul Brunton

MENSAGEM DE ARUNACHALA



UNIVERSALISMO

Sumário

Introdução

Capítulo 1 — A Colina

Capítulo 2 — Preâmbulo

Capítulo 3 — Política

Capítulo 4 — Negócios

Capítulo 5 — Sociedade

Capítulo 6 — Crise do Mundo

Capítulo 7 — Religião

Capítulo 8 — Intelecto

Capítulo 9 — Música, Máscara e Pena

Capítulo 10 — Solidão e Lazer

Capítulo 11 — Felicidade

Capítulo 12 — Sofrimento

Capítulo 13 — O Eu e o Eu Superior

Capítulo 14 — Epílogo

Ao Maharichi da Índia do sul este livro é dedicado ¹

1. Maharichi — Grande (*maha*) sábio (*richi*).

Muito tempo depois de ter escrito este livro, viajei novamente para o vosso país. Porém — ai de mim! — já ali não estáveis. A grande transição do mundo do ser, para outro que os homens chamam morte, vos levara, como leva todos os homens.

Isso já foi bastante doloroso, mas não foi tudo, porque vi que com a vossa partida a Colina Arunachala havia perdido muita da sagrada atmosfera que a envolvia outrora, e que bem pouca magia restava em sua aura.

Ela se havia tornado igual a tantas outras colinas que eu já visitara. Foi, assim, uma lição de que são o homem e sua mente que dão santidade a um lugar, e não o lugar que dá santidade ao homem.

A lembrança de vosso espírito encantador jamais me deixará.

Introdução

Por SIR VEPA RAMESAN, KT., B.A., BL.

Presidente efetivo, aposentado, do Supremo Tribunal de Madras

O nome de Paul Brunton não precisa apresentação junto dos leitores ingleses. Onde quer que se leia a língua inglesa — na Inglaterra, na América, e também na Índia — seus livros têm sido amplamente lidos, e têm feito homens pararem para pensar que é bem possível estar a humanidade na iminência de receber um novo conhecimento.

O presente livro chama-se, com muita propriedade, *Mensagem de Arunachala*, porque foi escrito em poucas semanas, no eremitério piedoso do mestre do autor, nas encostas mais baixas daquela colina. Paul Brunton descreve a colina em seu primeiro capítulo, e nele mostra as sagradas e inspiradas associações nascidas no local.

Em duas ocasiões visitei a colina e o eremitério, e na segunda ocasião renovei minha amizade com o Dr. Brunton, observando o rápido acrescentar-se de página após página de seu trabalho.

Este volume é a aplicação dos principais ensinamentos de seu venerado mestre, o Maharichi, que foi mencionado em *Índia Secreta*. Tal doutrina, isto é, o “conhece-te a ti mesmo”, foi aplicada, em princípio, a vários problemas da vida moderna. O capítulo final dá o clímax de seus ensinamentos, e transporta-nos de nosso ambiente mundano para altitudes espirituais.

Posso mencionar, incidentalmente, que Arunachala é, antes de mais nada, o nome de uma colina, e não, como parece pensar o erudito crítico de *Índia Secreta* do *The Times* de Londres, o nome de uma pessoa. A palavra, em sânscrito, significa “colina vermelha”, enquanto Tiruvannamalai, nome do povoado que se aninha próximo de seus pés, significa, em tâmil, “colina vermelha sagrada”. É hábito do povo da Índia dar a seus filhos não só nomes de deidades, mas também de lugares sagrados, como rios, colinas, etc. Assim é que acontece encontrarmos, no sul, homens que levam o nome de Arunachala.

Nós, hindus, perdemos muita da nossa herança antiga, filosófica e espiritual. Temos, agora, de recuperar o ouro básico que nela existe, limpo das impurezas entre as quais ficou incrustado.

Na certeza de que os leitores deste livro irão considerá-lo não só tão interessante quanto os demais trabalhos do autor, como, talvez, espiritualmente mais proveitoso, recomendo-o ao mundo leitor, tanto do Oriente como do Ocidente,

Espero que ele se faça um laço a trazer ambos os hemisférios a uma proximidade espiritual maior, a fim de que possam cooperar na futura evolução de uma humanidade superior.

1

A Colina

Algures, ao sul da Índia, há uma colina solitária que foi honrada com elevado *status* nas tradições sagradas e na história lendária do país. Situa-se quase que na mesma latitude da Pondicherry, governada pelos franceses, mas não goza da vantagem desta última, que recebe as refrescantes brisas da costa. Diariamente, um sol violento a esfolia com o arremesso de seus dardos. Sua forma é desgraciosa — uma coisa desajeitada e rude, cujas escarpas são irregulares e fraturadas, cujo rosto é massa de seixos misturados e moitas espinhosas. Cobras, lacraias, e escorpiões, emboscam-se entre as fendas de suas inumeráveis pedras. Durante o dia, nos meses de verão, chitas [1](#) fazem seu ousado aparecimento ao escurecer, descendo a colina em rosnadora procura de água.

[1. Carnívoro da espécie dos felídeos. Pode ser domesticado.](#)

O pico, por inteiro, não oferece bonito panorama de contorno regular, rampas lisas e proporções equilibradas, bem ao contrário. Mesmo sua base espalha-se, como que ao acaso, por um circuito de oito milhas, com vários esporões e contrafortes, tal como se se sentisse incapaz de resolver quando chegaria ao fim. Sua substância é inteiramente ígnea, e de rochas de laterita.

Um amigo da América, geólogo, visitando-me ultimamente, declarou que Arunachala foi atirada para a superfície da terra sob pressão de qualquer violenta erupção vulcânica, em época obscura, quando nem mesmo os estratos carboníferos tinham sido formados.

Datou aquela rochosa massa de granito, realmente, do mais recuado período da história da crosta do nosso planeta, a época que precedeu, longamente, às vastas formações sedimentares nas quais registros fossilizados de plantas e de animais foram preservados. Existia ainda antes que os gigantescos sáurios do mundo pré-histórico movessem suas formas desgraciosas através das primeiras florestas que cobriam nossa terra primitiva. Foi ainda mais longe, e deu o lugar como contemporâneo da formação da própria crosta da terra. Arunachala, afirmou ele, era quase tão antiga e tão encanecida quanto o nosso próprio lar planetário. Seria, na verdade, um remanescente do continente desaparecido da submersa Lemúria, do qual as lendas indígenas ainda conservam alguma

lembrança. As tradições tâmile 2 não só falam da imensa antiguidade daquela e de outras colinas, mas sustentam que só mais tarde os Himalaias foram erguidos. Séculos incontáveis, portanto, fizeram sentir seu peso sobre aquele monte desafiador do tempo, que tão bruscamente se erguera acima da planície.

2. Habitantes de determinada zona da Índia Meridional, que falam o tâmil.

Ainda assim, o mal-parecido e senil ancião entre as altitudes teve meu coração empenhado há alguns anos atrás, e não deixou que eu liberasse a caução. Manteve-me prisioneiro, em escravização intangível e indefinível. Aprisionou-me desde o primeiro momento em que meus olhos se lançaram sobre ele, até o derradeiro e relutante voltar de cabeça. Já não podia considerar-me um homem livre, quando aquelas cadeias invisíveis retiniam ao redor de meus pés.

Mesmo quando pensei, no memorável ano em que o Eu Superior estendeu sua mão e tocou-me, que a volta às distantes terras do Ocidente, às frias, cinzentas, mas vitalizantes terras do Norte, salvaria minha saúde das nuvens sombriamente obscurecedoras da prostração física, que pairavam, ameaçadoras, sobre mim, não dimensionei corretamente a força daquela atração.

O tempo cruzou comigo o oceano e fêz sentir ainda mais pungentes os ventos frios de janeiro, os dias gélidos de fevereiro, o nevoeiro lutuoso de novembro — todos aqueles elementos do clima da Europa, realmente, que outrora, em minha ignorância, eu tinha detestado. Então, levou-me de cá para lá, mas a sombra singular de Arunachala tombava, constantemente, sobre o meu caminho.

Eu não tinha permissão para me esquecer do meu distante captor. Continuamente, a pergunta relanceava através do espaço, como que trazida por algum sistema telepático de telegrafia sem fio: “Quando retornas, meu vadio? Porque de forma alguma podes escapar de mim, *e tu sabes disso!*”

Sim, eu sabia. Aquele encanto peculiar que envolvia a colina mostrou-se demasiado magnético para mim. Então, finalmente, voltei. Arunachala, a irresistível, me havia reconquistado.

* * *

Na noite passada resolvi subir ao cimo da colina. A noite era ocasião estranha para começar tal operação, mas, seja como for, mostrava-se mais temperada — consideração importante aos olhos europeus, numa região onde a temperatura sobe a graus fantásticos. Fiz meu caminho através das ruas desertas do povoado até o portão ocidental do vasto templo, que se levanta em oposição à estrada rudemente traçada. Sacerdotes e peregrinos fazem aquele trajeto uma vez por ano, e quando terminam a lenta subida, acendem enorme fogueira-guia no topo da colina.

Minha própria caminhada se fez quatro dias depois da deles, e o fogo amarelo ainda estava aceso. Manifestava-se, espasmodicamente, em névoa pesada e leitosa que amortalhava o pico, dando-lhe o aspecto de fantasma gigantesco, sob a luz das estrelas.

A lua cheia espiava para baixo, de um céu anilado, iluminando a enorme estrutura que se erguia, muito alta, sobre o portão. Dois morcegos voaram rapidamente, em descida, e quase roçaram meu rosto. Repousei num nicho da parede, onde fiquei sentado durante alguns minutos, a contemplar a sombria silhueta que tinha à minha frente, e a sentir a paz serena da noite. Algumas árvores marcavam o cenário, mas o resto era rocha e pó.

Com uma lâmpada de bolso iluminando o caminho mal definido, fui subindo, finalmente, escalando as rochas de granito circundadas pelos cactos, que a natureza espalhara com mão pródiga. Avancei o mais rapidamente que me foi possível, disposto a alcançar o topo antes que o sol da manhã se fortalecesse até o ponto da violência. As névoas se adelgaçaram, tornando-se véus finos, semitransparentes, e movendo-se lentamente em redor do pico. Com sua passagem, a primeira luz cinzenta que preludia o alvorecer mostrou-se no oriente, através do povoado, e tocou a face da paisagem quando olhei em derredor. De vez em quando um vulto imenso de rocha ígnea avermelhada mostrava-se à beira do caminho, apresentando em seus flancos as marcas do formão do canteiro — evidência de que a colina tinha sido usada como pedreira e fora lascada em busca do material com o qual se construiu o templo.

Toda a face sombria da colina depressa tomou aparência enrubescida sob a transformação temporária que sofria, diante do alvorecer em crescimento. Daquele colorido viera o seu nome, pois Arunachala não é senão a palavra sânscrita para “Colina Vermelha”.

Tropeçando um pouco, às vezes escorregando, saltando ocasionalmente por sobre fendas, reuni toda a minha energia para fazer rápida a subida, e quando o sol do oriente chegou a difundir-se maciamente pelo horizonte, em grandes massas de violento colorido vermelho, eu havia terminado um terço da minha tarefa.

A noite desaparecera completamente, as estrelas já não habitavam o céu, o dia mostrava-se em plena ascensão, e repousei sobre o topa liso de um penedo, para bebericar um pouco de chá e contemplar a paisagem que se estendia aos pés da colina. Todo o quadro via-se envolvido na amarelada luz tropical que dá àquela cena seu esplendoroso remate.

Daquela altura se recebia a visão imponente do projeto geral do templo, planejado em meio a bazares e ruas estreitas, no centro do pequeno povoado ficando este último, por sua vez, no centro de uma grande extensão de terra, inteiramente plana. Nove altaneiros portões-torres, completamente recobertos

com uma riqueza de figuras entalhadas, levantavam-se, em esculturada magnificência, do conjunto retangular cercado pelas muralhas.

As formas daqueles pagodes gigantescos, que iam paulatinamente diminuindo, com suas bases amplas e seus cimos estreitos, apontariam, simbolicamente, para algum ponto do céu, onde a matéria desaparecia, fundindo-se com o espírito infinito? A estrutura em espiral do templo, com seus pagodes voltados para cima, ofereceria silenciosa alegoria de pedra? Suas formas curiosamente piramidais levavam meus pensamentos de volta ao Egito, à terra onde torres similares podiam ser vistas sobre os velhos portões dos templos, inteiramente despojadas, contudo, daqueles profusos e elaborados ornamentos. Os pilones egípcios tinham os mesmos flancos em declive, os mesmos topos truncados, as mesmas estreitas escadas internas, mas daí por diante a semelhança cessava.

O gosto revelado por eles era mais simples, mais severo, e o resultado talvez fosse maior, mais impressionante. De novo meditei sobre a misteriosa analogia entre o antigo Egito e a Índia pré-ariana, e recordei a declaração de um grande Vidente, o Maharichi, que vivia no sopé da colina, e que me contava como o continente perdido da Lemúria se estendera inteiramente, outrora, através do Oceano Índico, envolvendo em seus limites o Egito, a Abissínia, e o Sul da Índia.

Eu conhecia grande quantidade de indicações reveladoras de que a sociedade e os monumentos dravidianos ³ do Sul da Índia derivavam da Lemúria, e que entre os colonizadores do Nilo estavam seus primos, ou parentes ainda mais próximos. Assim, a cultura da perdida Lemúria fora levada em fluxo dirigido para o Ocidente, a fim de mesclar-se no Egito com a cultura dos atlantes, ⁴ que disseminaram sua civilização por muitas e longínquas regiões do Oriente Próximo. De início, os lemurianos se instalaram no Alto Egito, enquanto os atlantes se espalhavam pelo Baixo Egito. Daí os “Dois Reinos”, que duraram tão longamente, antes que os tempos históricos testemunhassem a sua união.

3. Povo do Sul da Ásia — Da Índia ao Anam.

4. Habitantes da Atlântida, continente altamente civilizado, que foi submerso durante um cataclismo, que até o presente se considera como história praticamente lendária.

* * *

Fiquei ouvindo o bater monótono dos tantãs, vindo do templo, e então volvi os olhos para o ocidente, para onde se estende o matagal enfezado e seco, manchas verdes parcimoniosamente pontilhadas de rochas de um tom castanho, de ocasionais e enormes penedos, cujas formas se mostravam caprichosas, e de estéreis trilhas de pedregulhos, o todo sustentando a vida árida dos cactos espinhosos e das urtigas picantes e farpadas.

Aquela região estava oficialmente assinalada nos registros do Governo como Área Reservada de terra devoluta, e tinha cerca de trezentas milhas quadradas

de extensão. Toda a paisagem do matagal parecia envolvida numa aura de silêncio. Aquela planta agreste e misteriosa, o cacto de aspecto selvagem, mostrava-se ubíqua e abundante ali, de forma que para onde quer que se olhasse, esporões de um cinzento esverdeado apontavam, como que desafiando o mundo. O cacto selvagem é uma dessas plantas que prosperam em circunstâncias adversas. As cobras têm predileção especial pelas suas raízes retorcidas. Lá em baixo, na planície, amendoim e arroz, os dois principais produtos alimentícios, eram alternadamente cultivados. Os arrozais, rodeados de pitorescas palmeiras ou de coqueiros vastamente carregados de frutos, formavam brilhantes ilhas verdes no mar circundante de poeira escura.

Em torno da base da colina corria uma estrada circular, suas margens salpicadas de curiosos santuários e templos em miniatura, agora decrépitos pelo atrito dos anos, e quase que reduzidos a pedras e pó. No todo, era uma bonita região rural, com seus declives, árvores, rochas e açudes.

A estrada levava ao leito pedregoso e íngreme de um riacho que secara. Algumas cavernas tinham sido cavadas em seus flancos, e outras deviam sua formação à Natureza, através de grandes pilhas de penedos. Suas entradas, às vezes, eram resguardadas por moitas baixas e bravias. Em certa época tais cavernas representavam refúgio natural para leopardos e tigres, mas agora os animais tinham desaparecido, deixando-as vazias, ou ocupadas por eremitas e monges que haviam renunciado ao mundo, afastando-se dos confortos e prazeres da vida.

Com o rosto voltado para cima, continuei a subida escarpada. Meus sapatos iam moendo lascas de rochas contra o pedregulho vermelho, à proporção que eu subia. Quando, por fim, alcancei o topo propriamente dito, tão estranhamente desolado, sentei-me sobre um penedo chamuscado, juntei as mãos ao redor dos joelhos, recostei-me contra uma pilha de pedras roladas, para repousar e contemplar a impressionante paisagem que tinha à volta e abaixo de mim. A luz do sol matinal batia-me em cheio na cabeça desguarnecida, porque eu me dava ao capricho, de vez em quando, de perambular sem um capacete protetor, só para desafiar os raios solares e fortalecer minha resistência contra eles.

O templo mostrava, agora, o tamanho de uma estrutura de brinquedo, e o mundo que o rodeava se havia tornado remoto. Eu podia sentar-me, confortavelmente, separado do teatro planetário que fora o palco de minhas atuações durante tantos anos. Daquele pico final podia avaliar as atividades e as pessoas, tanto do Oriente como do Ocidente, com as quais tinha sido posto em contato, mas, especialmente, as do Ocidente.

Observei um enorme abutre que pairava sobre mim, alto, no céu, precipitar-se depois para baixo, fazendo círculos, vindo, finalmente, empoleirar-se sobre um penedo quadrado, agarrando-se a ele com suas feias e imensas garras. Depois

de alguns grasnidos estridentes compôs suas penas, de maneira desajeitada, mostrando o horrível pescoço, vermelho e implume.

À minha esquerda havia enorme caldeirão preto, e em redor dele vários potes de barro, vazios, que tinham contido a cânfora e o óleo de manteiga usados para alimentar a fogueira-guia, todos os anos. O caldeirão ainda ardia, e as últimas chamas fumacentas apareciam por sobre a sua borda. A tradição antiga dedicara aquela coluna e seu templo ao deus Chiva ⁵ que aparecera no topo sob a forma de um jato de chamas. Por isso, o costume estabelecera o hábito de acender a fogueira-guia como recordação anual do acontecimento que terminara com as trevas que outrora envolviam o mundo. Imensa era a felicidade prometida ao adorador que, no topo da colina, avistasse a primeira labareda a saltar do caldeirão, na escura noite de dezembro. Pensei que, embora tendo perdido a oportunidade de ter aquela boa fortuna, podia, pelo menos, satisfazer-me com a idéia de que era a última pessoa a observar, naquele ano, a morte da chama.

5. Chiva, ou Siva, é uma das divindades da trindade do hinduísmo — Brama, Vixnu e Siva.

Na verdade, já tinha encontrado minha própria boa sorte e não precisava de outra, porque de há muito descobrira um dos últimos super-homens espirituais da Índia, em seu eremitério, que dormia entre os coqueiros, no sopé da colina. Não era outro senão o misterioso Maharichi, o “Grande Vidente”, o Sábio Iluminado de Tiruvannamalai. “Sentei-me a seus pés”, conforme diz, poeticamente, a antiga frase da Índia referente ao aprendizado, e aprendi desse modo, através de uma experiência dinâmica, de que matéria divina e imortal é feito o homem. Que fortuna maior do que essa podemos nós, insignificantes mortais, exigir?

A meio caminho da descida da colina, e de certa forma inclinando-se para um dos lados, no qual um riachinho de água fria e cristalina saltava de uma fenda entre as rochas escaldantes, havia uma grande caverna natural, onde o Maharichi tinha morado, desconhecido e despercebido, sem reconhecimento e sem apreciação por parte dos demais, durante um período de sua jovem, ascética, e quietística ⁶ masculinidade. Ano após ano ele deve ter ficado ali, contemplando a mesma paisagem, observando afastadamente a humanidade, daquela altura, observando o mundo representado pelo templo e pela povoação que acolá estavam, o mundo que ele deixara. Três ou quatro eremitérios maiores, cada um deles abrigando alguns anacoretas, ⁷ ficavam espalhados pela colina.

6. Relativo ao Quietismo, sistema místico que vê a perfeição no amor de Deus e na vida contemplativa.

7. Pessoa que se retira do mundo para fazer vida contemplativa.

Naquela sombria caverna o Maharichi havia passado horas incontáveis de intensa concentração espiritual, em paz ascética, fechado nos refolhos de seu

próprio coração, onde a divindade habitava. Ficava sentado, imóvel como um rochedo no oceano, pernas cruzadas, em meditação. Imaginamos, tolamente, que um homem assim deixou de manter-se ao nível da tumultuosa marcha da vida. Nunca nos ocorre que ele possa ter ultrapassado de muito essa marcha.

O Sábio selecionou, certa vez, alguns versos de antiga escritura histórica da Índia, que se refere a essa notável colina. Tal escritura, conhecida como *Skanáa Purana*, é, ela própria, de imensa antiguidade. Seus versos selecionados aqui vão, livremente traduzidos:

Este é o lugar sagrado! Arunachala é o mais sagrado de todos! Ela é o coração do mundo. Deves saber que ela é o secreto e sagrado centro do coração do deus Chiva! Neste lugar ele sempre existe como o glorioso Monte Aruna.

Chiva disse: “Embora realmente violento, o aparecimento sombrio de uma colina neste lugar se deve à graça e à amorosa solicitude pelo erguimento espiritual do mundo. Aqui eu sempre resido como o Ser Perfeito. Medita, então, que do coração da Colina emana a glória espiritual, dentro da qual estão contidos todos os mundos.

Aquela cuja visão é suficiente para remover todos os pecados que impedem as criaturas vivas de conhecer sua verdadeira natureza espiritual, é esta gloriosa Arunachala.

O que não pode ser adquirido sem infinito sofrimento — a verdadeira significação das místicas revelações das escrituras — é facilmente apreendido por todos aqueles que contemplem diretamente esta Colina, ou mesmo concentrem seus pensamentos nela, se estão distantes.

Ordeno que a moradia dentro de um círculo de trinta milhas desta Colina seja o suficiente para redimir todos os defeitos e mesclar o homem com o Espírito Supremo.”

Mas não é preciso que se vá tão longe naquele livro maltratado pelo tempo para descobrir a mística reputação de Arunachala. Porque o próprio Maharichi compôs alguns curtos poemas em prosa, de singular sentimento patético, ⁸ dirigidos à Colina. Tomo alguns versos, ao acaso, e ligo-os frouxamente uns aos outros, para mostrar o que aquele maravilhoso Sábio pensa, pessoalmente, da acidentada elevação:

8. Qualidade na fala, no escrito, ou no acontecimento, que provoca piedade ou tristeza.

Por que tu, entrando em meu lar e seduzindo-me para que viesse ao teu, conservas-me prisioneiro em tua caverna?

Atraindo-me para fora do meu lar tu te insinuaste em meu coração e me enfeitiçaste para que eu viesse à tua morada. Ó resplandecente coluna de luz em forma de Colina Arunachala!

Em silêncio tu te comunicaste comigo e me ordenaste que fosse silencioso; tu própria te conservas calada. “Olha para dentro; contempla com firmeza o teu ser, com tua visão interior; então, encontrarás” — assim tu me ordenaste.

Não me chamaste? Pois agora meu bem-estar é responsabilidade tua. No mesmo momento em que me recebeste, entraste em mim, e me conferiste vida divina, perdi a minha própria individualidade.

A Colina — encantadora de vidas — seduz o que apenas uma vez pensou nela, torna-o suscetível e ávido por ela, e tão aquiescente quando ela; por fim, apodera-se da sua alma, que se tornou doce pela autocapitulação. Acautelai-vos, ó homens! Tal transformadora de vidas é esta magnificente Colina Arunachala.

Cuidado! Embora pareça inanimada e nua, esta Colina pode erradicar a mundanidade. Seus atos são misteriosos e ficam para além da compreensão humana. Desde a primeira infância eu tinha o vago entendimento de que a palavra Arunachala era sublime e única, e ainda assim não podia penetrar seu significado. Sendo incautamente atraído para ela, pelo contato íntimo descobri que era esta a Colina. Então, fiquei imóvel e compreendi que Arunachala significava Repouso Perfeito.

Tais eram os pensamentos e os sentimentos nascidos no coração e na mente daquele grande Vidente, em relação à estranha elevação cujas vertentes escabrosas eu tinha escalado. Ademais, o Sábio me contara, de vez em quando, espantosas histórias de suas experiências psíquicas em relação à Colina. Descobrira que era a moradia de uma legião de espíritos de grandes Sábios, Seres Perfeitos que possuem poderes maravilhosos, e que se ergueram e o receberam bondosamente quando os conheceu pela primeira vez. “Arunachala é uma pirâmide natural” — tinha ele acrescentado, a meio gracejar, referindo-se a uma experiência mais ou menos semelhante que eu tivera, na famosa Grande Pirâmide do Egito.

* * *

Lá fora, no mundo moderno, para além daquela altitude lemuriana, naquele mundo onde os homens aderem apaixonadamente tanto à esperança ilusória como às amargas necessidades, fervia um oceano de múltiplas atividades, cuja natureza variava dos mais graves empreendimentos aos quais os homens jamais tinham posto as mãos, até o mais festivo relacionamento com os engalanados prazeres que sua mente fértil podia encontrar. A verdade é que

eles veneravam a Matéria. Amavam a vida material tão fortemente que tinham perdido a sensibilidade para a vida espiritual, elemento dominante entre os antigos. Através dessa portentosa perda tinham vindo todas as perturbações que ameaçavam a estrutura social, sua paz de espírito, e mesmo a continuação de sua existência. Eu sabia que tal calamidade de lento crescimento era a causa-raiz de todos os infortúnios descidos sobre a humanidade, porque também eu havia mergulhado bem no centro daquela existência fragilmente fundamentada, e porque agora me afastara dela, tornando-me, por esse motivo, possuidor de um ponto de vista que me permitia, alternadamente, e conforme o desejasse, tomar posição tanto dentro como fora de tal estrutura.

Conhecia o mundo e não o temia, como o temem alguns monges que renunciaram à vida; podia, portanto, julgá-lo sem prevenção. Ali, naquele penedo acidentado de granito, naquele solitário topo de colina, no pico sagrado de Arunachala, podia ver o mundo e observar a humanidade, uma vez mais, de longe, na esperança de que a mente visualizadora pudesse gravar em algumas tabuinhas os pensamentos que talvez viessem a servir aos meus companheiros mortais.

* * *

O sol declinava, e tinha começado a mergulhar em sua morada noturna quando regressei ao sopé da colina e entrei em meu minúsculo chalé, que o crepúsculo ensombrava, depois de um dia passado em repouso sob o calor escaldante que secava e abrasava a garganta, meus braços carregados com uma porção de tabuinhas gravadas, que eu viera trazendo desde o alto.

Tinham sido gravadas rapidamente aquelas tabuinhas, por ordem de um estranho Mensageiro, que olhou para mim autoritariamente, e disse: “Ouve, meu filho: toma tua pena e escreve. Procura profundamente dentro da tua mente os pensamentos vitais. Contudo, não escrevas palavra alguma a não ser que o fogo entre em teu coração e a sua mensagem arda dentro de ti. Porque, aproxima-se a hora em que o mundo irá encontrar a si próprio, e verá sua própria face livre de véu. É a ocasião de pesar todas as coisas na balança, e aqueles que carregam a pena carregam também, uma grande responsabilidade. Fica firme, com a humanidade, nas encruzilhadas, e aponta para as graves questões que estão em jogo. Então, quando tiveres feito isso, termina com a mais alta sabedoria que tiveres adquirido, recordando, sempre, que o inescrutável Anjo do Destino enfrenta hoje a raça humana com uma espada desafiadora, de dois gumes. Não tenhas medo; escreve. Que assim seja!”

Não gastei um momento sequer a contemplar o sublime poente tropical, quando o ouro acobreado estende-se lado a lado com o opala brilhante do firmamento, de tal forma estava estimulado naquela tarde, embora ame aqueles belos momentos místicos em que o dia foge, derrotado, diante da penumbra conquistadora.

Não se passaram muitos dias e pareceu-me que me devia desembaraçar das tabuinhas mosaicas que gravara, das denúncias e mandamentos que trouxera do meu estranho Sinai. 9 Por mais que tentasse, não consegui ligá-los uns aos outros. Pareciam fragmentos separados, e o tempo de tal forma se fazia urgente para mim que não me permitia trabalhar com maior lonjura na tarefa de fazer deles um livro encadeado. O mundo deve recebê-los, portanto, de minhas mãos, tão fragmentadamente quanto ali foram postos.

9. Monte onde Deus, por intermédio do Moisés, enviou a Tábua das Leis para os israelitas. A tradição local situa-o em Jebel, ou Jebel Musã (Montanha de Moisés, parte do maciço rochoso da Península Sinática, na extremidade Norte do Mar Vermelho, entre a Arábia e o Egito).

Se este volume não é, então, um tratado sistemático, também posso solicitar indulgência, porque a Natureza não me deu o cérebro mecânico próprio para realizar tal trabalho. Estas páginas apanharam apenas reflexos das minhas disposições e ecos das minhas meditações. Não posso pretender usar da forma metódica dos escritores capazes, que eu devo, portanto, admirar.

Assim, apresento estas lembranças da minha última perambulação sobre a Arunachala, e submeto-as aos feitiços da oficina gráfica, onde os fantasmas dos pensamentos dos homens são materializados nos sólidos lingotes de chumbo das linotipos! E lanço estes pensamentos sobre o mar de indiferença em relação à espiritualidade, próprio dos dias presentes, sabendo que, algures, haverá uns poucos portos à espera de recebê-los. Para poucos, portanto, escrevi, e do infinito virão brisas suaves para impelir estes escritos ao longo dos caminhos certos, melhor do que eu jamais poderia fazer.

2

Preâmbulo

Não tenho qualquer desejo de resolver problemas do mundo, ou de correr atrás de soluções para enigmas sociais que têm desalentado mentalidades mais inteligentes do que a minha. Não conheço qualquer esquema fácil, bem lubrificado, que funcione como perfeita máquina, quando aplicado aos problemas autoconstruídos pelo homem. Não conheço a metade, nem mesmo a quarta parte de um desses esquemas.

Mas sou dono de certas idéias que gostaria de atirar para o cérebro de algumas pessoas. Isso é tudo. Talvez seja o bastante, entretanto, pois não disse Napoleão que “Se os princípios são corretos, os pormenores se arranjarão por si mesmos”? E se não posso ter a pretensão de levar no bolso da jaqueta um projeto infalível para a salvação da sociedade ferida, posso afirmar que levo no coração e na cabeça a única base duradoura de tal salvação.

Os que desejam fatos para justificar críticas, irão encontrar alguns deles nas páginas que se seguem. Qualquer homem dotado de olhos pode reunir todos os fatos que venha a desejar, bastando-lhe olhar em derredor, para o norte, para o sul, para o leste e para o oeste.

* * *

O filósofo que corre pelo mundo procurando problemas para resolver, depressa estará com as mãos razoavelmente cheias deles. Eu preferiria deixar tais assuntos para a nossa classe erudita, e resumir-me a uma só questão: *QUE É O HOMEM?* Sentado sobre aquela colina distante, entretanto, gozei a oportunidade rara de observar a vida moderna de um ponto remoto, como espectador privilegiado, de ter uma vista aérea, por assim dizer, e foi quando a incisiva ordem que veio ter comigo inesperadamente mandou que eu registrasse pensamentos cuja aparição não pode ser ignorada.

* * *

É melhor que não leiam este livro os que não quiserem cansar um pouco a mente. Simples relancear de olhos sobre suas declarações os levará ao ponto do protesto; olhar mais longo pode levá-los ao ponto do pensamento — e isso

conduz a um estado desconfortável, que é sempre melhor evitar. Contudo, eu gostaria que o homem chegasse a uma opinião integralmente sua, e não aceitasse o simples reflexo do pensamento de outros homens. Não pretendo escrever para os intelectualmente vacilantes: há penas suficientes para eles, despejando um infindável chuvisqueiro de sentimentos convencionais.

* * *

Este é um livro que exige de seu leitor alguma meditação. Os que preferem alimentar a mente através da mão alheia, é melhor que não lhe voltem as páginas. Livros de verdade não passam de dedos apontando para a realidade e indicando a sua direção. Não se fazem balões que levam pessoas ao objetivo desejado.

O homem que se aproximar destas páginas como deve aproximar-se, precisa poder deter-se, a qualquer momento, e dizer: “Este livro está me ajudando a pensar por mim mesmo, a ver problemas velhos de maneira nova”. O que, como bem observarão, não é o mesmo que dizer: “Este livro trata os velhos problemas da única maneira certa”. Deixo estas modestas reivindicações à multidão que está soltando seus brados de alarma em nossa moderna Babel.

* * *

Devido ao meu próprio temperamento, sinto necessidade de inteira liberdade intelectual. Possuo o ceticismo suficiente para encontrar prazer na convivência de cientistas livres-pensadores, mas sou religioso bastante para sorrir diante da auto-suficiência tanto da ciência como da religião. A independência é a agradável penalidade para isso tudo.

Não consegui me encaixar numa organização, nem houve organização que pudesse encaixar-se em minha natureza. As organizações, mais tarde ou mais cedo, colocam laços na alma, e eu não poderia tolerar isso. Uma sociedade e uma organização fornecem, indubitavelmente, o veículo reconhecido para difundir qualquer causa, nos dias de hoje. Mas não vejo causa alguma vital bastante aos olhos do público para que se erga em mim um entusiasmo excessivo.

* * *

Também não me evadi de seitas maculadas pelo tempo nem de sistemas novos, a fim de cair em armadilha por mim mesmo fabricada. Os que quiserem aprisionar tanto a mim como a eles próprios numa série de doutrinas, desperdiçariam suas energias. Não tenho doutrina formal, nem sistema pré-fabricado de pensamento. Não há filosofia especial que eu me desse ao trabalho de provar.

Tudo quanto tenho é uma atitude diante da vida. Não é uma atitude mental. É, antes, estranho senso do valor íntimo do homem. Antes de encontrar essa atitude, entretanto, tive de encontrar-me.

Ralph Waldo Emerson ¹⁰ escreveu, certa vez, um trecho cujas palavras ressoaram três mil milhas através das ondas do Atlântico para se aprofundarem em meu próprio coração:

10. Ensaísta, filósofo, e poeta norte-americano (1803-1882). Entre suas obras principais estão: “Natureza”, “Ensaaios”, “Homens Representativos”, “Sociedade e Solidão”.

Escrevi e falei o que outrora chamavam novidades, durante vinte e cinco e trinta anos, e agora não tenho um só discípulo. Por quê? Não porque aquilo que eu disse não fosse verdadeiro, não porque não tivesse encontrado mentalidades inteligentes que recebessem minhas palavras, mas porque tais palavras não tinham sido lançadas através de qualquer desejo de atrair pessoas para mim. Disso me gabo: não tenho escola de adeptos. Eu ficaria certo da existência de certa proporção de impureza de visão interior naquilo que disse, se não tivesse despertado independência.

Portanto, os que se contentam em ter um cabresto colocado ao redor da mente e em serem cegamente conduzidos por algum escritor de rápida produção, recebem, aqui, o aviso de que não devem aproximar-se! Não desejo lançar âncora nem anzol a fim de atrair outras almas para junto da minha. Desejo seguir o caminho da mais completa independência e dar aos outros homens uma liberdade igual à que gostaria que eles me dessem. Influenciarei pessoas, se puder, mas só no sentido de que elas possam descobrir a si próprias — e, com isso, uma vida intemporal, que realizará suas melhores esperanças.

Também interpretarão mal os meus esforços os que pensarem que sou levado pela simples ambição de acrescentar mais um livro aos tantos milhões dos que se acham no Museu Britânico. Se pensam que desejo me reunir à multidão de escritores que produzem trabalhos brilhantemente polidos, realizados em seus confortáveis estúdios, estão enganados.

Escrevi cada parágrafo retirando-o, quente, do fogo do meu próprio coração. Se ele não pudesse fazer isso eu não desejaria, absolutamente, ter escrito. Não sou um propiciador de divertimentos nem um instrutor público. Tenho mensagem para uns poucos, e por amor deles escrevi. Tenho alguns pensamentos que ofereço como incentivo para suas mentes esperançosas, como conforto para suas almas sobrecarregadas, como indicação para seus próprios pensamentos. Lanço meu brado na imensidão da estultícia espiritual que me rodeia, não porque acredite que muitos ouvirão, mas porque acredito que uns poucos procurem estas palavras.

Não desejo me tornar compreendido por ninguém, exceto por mim mesmo, nem proponho permitir que meu corpo seja apanhado pelas rodas dentadas dos

debates. Não há explicação que explique o que uma pessoa não pode compreender.

Esta mensagem nunca será popular, com sua crítica dos nossos padrões de adoração da matéria e com seu evangelho de silenciosa meditação. Os mentalmente menos dotados não apreciarão sua forma de avaliar as experiências da vida; os superdotados desdenharão suas impalpáveis inspirações como retrocesso em direção de desacreditada superstição religiosa.

É de se esperar, portanto, que o livro seja queimado no violento fogo de seu duplo desdém. “Se eu revelasse o que tenho na alma, esta época poderia suportá-lo?” — indagava um poeta persa. Aquele que procura difundir uma doutrina transcendental como esta deve esperar a zombaria quase certa da multidão. Porque a dificuldade para entender seus pensamentos se faz barreira e porta para as massas, embora seja um simples “Abre-te, Sésamo” para uns poucos que o assimilam. Ele não terá ilusões. Compreenderá, perfeitamente, que quando o fenômeno nada familiar de uma mensagem mística aplicada aos assuntos materiais ousa erguer sua cabeça entre nós, a habitual arremetida da lapidação verbal será provocada.

Talvez um ou dois ouvintes dotados de intuição, ofereçam, todavia, um ramalhete. Então, se for sensato, o escritor não procurará pregar nem converter. Revelará seus pensamentos apenas àqueles que os apreciarem, e entregará sua mensagem só aos que lhe derem bondoso porto de acolhimento.

* * *

Aqueles, porém, que procurarem nestas páginas a formalidade, que, segundo se presume, beneficia os filósofos escrevinhadores, procurarão inutilmente. Deve recusar o uso da máscara que a convenção polidamente me oferece. Ao invés de mostrar rosto frio diante de sentimentos cálidos, prefiro sair da categoria dos Eruditos Respeitáveis, e ser colocado numa outra menos admirada.

É melhor ofender os rígidos acadêmicos, e seu séquito, e ser eu mesmo, do que tentar satisfazê-los, e conseguir, somente, fazer-me a cópia de alguma outra pessoa. Estas páginas não saíram da cadeira de algum frequentador de bibliotecas. Foram escritas por alguém que trabalhou duramente, viveu duramente, e sofreu muito. Os livros que recendem a lâmpada das bibliotecas jamais podem reunir a força dos livros escritos com o coração.

Devo escrever sem reservas, porque estes pensamentos ardem como violenta labareda em minha mente, e exigem expressão. Se me aproximo com uma espada oral de dois gumes daqueles que ignoram, faço-o para despertá-los, e não para feri-los. Quando considero as condições da chamada vida civilizada do nosso tempo, minha pena, que normalmente desliza obediente à mão, salta fora

de controle como coisa enfeitiçada, e traça palavras candentes e destrutivas, saturadas do vitríolo da sátira.

* * *

Às vezes hesito em confiar esses ardentes pensamentos a frias folhas de papel. Receio que estas últimas não comuniquem a solene emoção que me conduz enquanto escrevo. Receio reler, mais tarde, as páginas impressas, esperando, a meio, um desapontamento tão profundo como o dos jovens idealistas que chegam às metrópoles cheios de róseas esperanças, apenas para descobrirem que elas são sombrias e desapiedadas opressoras.

* * *

Quem quer que considere estas páginas como prédica é cordialmente convidado a rasgá-las. Desejo, apenas, lançar ao ar algumas idéias que comprei por alto preço: quem quer que deseje apanhar uma ou duas delas, à proporção que tombam, é bem-vindo.

Estas palavras podem ser rejeitadas facilmente pelos desdenhosos, mas, um dia — dentro desta década, ou mais tarde — elas trarão seu eco de volta, zunindo em seus ouvidos. Esse dia virá, fatalmente, pois a vida não admite repouso enquanto formos perturbados pela ignorância. As pessoas que jamais dedicaram pensamentos à vida, não podem esperar satisfazer-se com explicações oferecidas pelos que pensaram. Não sei se terei recolhido ou não algumas uvas na videira da sabedoria, mas espero, pelo menos, agitar os apáticos, levando-os a pensar.

A mim importa mais despertar pensamentos do que transmiti-los. Nossas ruas estão repletas de homens que são apenas o eco do pensamento alheio. Talvez esses paradoxos do pensamento místico venham a acicatá-los para que saiam de sua preguiça mental. Embora não embale ilusões quanto ao valor destes pontos de vista para os meus contemporâneos, tenho a esperança de que eles os intriguem bastante para levar seus átomos cerebrais a funcionar! Desafiar a opinião e atrair o pensamento, são, portanto, duas das metas deste livro.

* * *

Deve preocupar-me quanto ao fato destes pensamentos encontrarem apenas uns poucos adeptos, sendo inútil o uso de minha pena do trato de tais assuntos? “Toda opinião nova, quando se inicia, vem, primeiro, da minoria representada por um: só na cabeça de um homem ela habita, então. Um só homem no mundo acredita nela” — fêz sentir, orgulhosamente, o rude Carlyle. ¹¹ Escreverei exatamente como sinto, em palavras que podem ferir muitos, porém que talvez ajudem uns poucos. Como poderei ter a esperança de chegar a ser um escritor popular? Preocupa-me, apenas, escrever sobre aquela verdade chamada mística somente por ser tão clara. E essa espécie de verdade é a mais impopular

do mundo. Se minhas palavras não despertarem na vossa mente o eco da convicção que é minha, inútil será pedir-vos que sigais na minha esteira. Só posso deixar que meu livro se movimente entre os homens, e procure o que lhe pertence.

11. Thomas Carlyle: filósofo, historiador e escritor inglês (1795-1881), sua obra mais conhecida é “Os Heróis”. Em religião foi “espiritualista e universal”.

* * *

Se alguém supõe que há parágrafos serenos e confiantes neste livro, saiba que os pensamentos tão facilmente saídos da minha pena são verdades aprendidas através de lentos anos de experiências bem altamente pagas. A sabedoria é dura de aprender, mas fácil de olvidar. Escritores que viveram através de cada linha do que redigiram, que dependem antes do conhecimento de primeira-mão do que de leitura de segunda-mão, destilam os anos trabalhosos em serena sabedoria. Ainda assim, poucos são os parágrafos tranquilos.

Porque o mundo se parece a um doente, arrastando sua carcaça exausta para seu próprio desconforto e fazendo-se penoso objeto-lição para outros. Assim, se minha pena corre como um cruzado na tentativa de colocar verdades profundamente sentidas, quem sou eu para solicitar que ela apague a sua paixão?

3

Política

Os políticos tentam esquecer o fato da existência de Deus e das grandes mensagens de orientação e advertência enviadas à humanidade, de vez em quando, pelos Seus Profetas. Há, nessas coisas, algo que os leva a sentirem-se desconfortáveis. Deus está longe demais deste globo para que Sua presença seja notada, em sua silenciosa implicação.

A sociedade não pode ser baseada em leis divinas, dizem eles, deploravelmente — portanto, é melhor que a baseemos em leis próprias dos pátios das lavouras, das estrebarias e dos jardins zoológicos. Contudo, o governo sem Deus não conseguiu tornar felizes os homens, apesar de suas abundantes promessas. Conseguiu, isso sim produzir nações de mendigos espirituais.

Porque o político, fechando cuidadosamente os olhos para as realidades mais profundas da vida, faz prestidigitação com as coisas exteriores. Precisa acreditar que a vida tem um propósito, e que esse propósito ou é político ou é divino. Se aceita o primeiro, deve dedicar sua força para apoiar o partidatismo político; se acredita no último, pode dar o tributo de seu tempo e de sua energia ao espírito imortal.

* * *

O político pertence à superestrutura da vida, o fundamento sendo o ponto de vista espiritual, a atitude das próprias pessoas em relação à vida. Estamos atarefadamente ocupados em levantar uma guinchante Torre de Babel, mas não nos demos ao trabalho de indagar sobre a qualidade de nossos alicerces. E esses alicerces são reconhecidamente defeituosos.

Sem a criação de uma nova atitude espiritual, de um novo programa de valores íntimos, lutamos penosamente, como insensatos. Se devemos construir, por que não construir, então, algo durável? Façamos nossos alicerces corretamente, e então poderemos levantar os andares superiores da nossa construção.

Não há sociedade organizada que possa durar longamente sem uma base espiritual, isto é, sem base moral, sem reconhecimento do valor do nosso próximo. Sem tal base nosso edifício um dia desmoronará. “Ah! Então és um

idealista nada prático! — declara um crítico, ansioso por marcar um ponto. Respondo: “Quais são os nada práticos? Os europeus, construtores de uma sociedade que se espatifou em tremenda guerra fratricida, em 1914? Os americanos, que construíram uma civilização que se espatifou financeiramente em 1929? Ou nós, que desejamos construir sobre alicerces de boa vontade, justiça e verdade?” Não se deixem iludir pelo sucesso temporário, repito, porque quanto maior for a superestrutura que levantarem sobre alicerces defeituosos, maior será a sua queda.

* * *

Substituímos com a frágil figura da Conveniência a robusta forma da Ética. Não nos queixemos, então, se aquele nosso alfenim rolar, tombando no pó. Uma avalanche de panacéias políticas são oferecidas às nações perturbadas, como remédios positivos para todos os males, porque atualmente os homens nascem cegos. Aceitam o transitório e o superficial, em lugar do permanente e do verdadeiro. Não conseguem ver que o renascimento espiritual é a precondição necessária a uma feliz restauração. O fato de darem direito de voto a um homem que até então não o tinha tido, não o faz menos cego. Sem aquele princípio mais alto continuaremos a colher os frutos ácidos da nossa loucura.

* * *

A não ser que um estado seja governado com boa vontade, razão, coragem espiritual e justiça, ele não é realmente governado. Possui, apenas, uma coleção de documentos e papéis chamados leis, não o correto governo.

* * *

Podemos encarar a democracia como estabelecida quando cada pessoa em particular se imagina como que encarregada dos negócios públicos, quando cada pedreiro deixa de lado a sua trolha para dar, com um gesto ligeiro, a solução correta para problemas econômicos sobre os quais as melhores mentalidades do país não puderam chegar a um acordo, quando cada funcionário se recosta na cadeira de seu escritório para ditar a política exterior apropriada que o Governo deveria adotar em relação a um país que ele nunca viu, e que, provavelmente, nunca verá. Os cidadãos sensatos de um país deixam de ser particularmente computados nas cifras obtidas pelo censo que informa sobre os milhões que representam sua população.

* * *

Não se pode levar um país a usar de boa vontade através de legislação. Muitos acendem lâmpadas votivas diante do Socialismo. Compreenderão eles que o Socialismo precisa ter boa vontade em seu âmago — boa vontade para com os ricos não menos do que para com os pobres, se quiser ter sucesso?

Enquanto cada homem não usar de boa vontade para com o seu próximo, não poderá haver verdadeiro Socialismo. A vida precisa crescer de dentro para fora, não menos que de fora para dentro. O homem afeta seu ambiente tão certamente quanto é afetado por ele. À proporção que o coração do homem se dilata para abranger seu próximo, suas instituições políticas refletirão tal sentimento. Então, o mundo externo ficará em paz com a vida interior.

* * *

É fato auto-evidente não ser o egoísmo, hoje em dia, monopólio de uma só classe, pois que foi mais ou menos socializado. A distância cultural entre Poplar e Park Lane [12](#) pode ser uma questão de quarenta ou cinquenta milhas: a distância física entre eles é de cerca de quatro ou cinco milhas. A distância espiritual, entretanto, está agora quase desaparecida.

[12. Respectivamente, o bairro popular e o bairro aristocrático de Londres.](#)

Os cento e um fantasmas das perturbações econômicas, sociais e políticas, não se aquietarão enquanto as pessoas não se espulgarem do egoísmo excessivo e não aprenderem o valor da boa vontade mútua. No entretanto, a política separa os homens e separa as classes. A consciência de sua natureza espiritual une os homens. Se déssemos à averiguação da nossa natureza espiritual a energia e o tempo que damos à política, nossos tormentos se desfariam por si próprios. Essa é a verdade, tão estupenda quanto o Himalaia. Contudo, nós a ignoramos.

* * *

Embora eu escreva tão severamente sobre política, porque desperta as mais baixas paixões e os piores preconceitos das pessoas, ela é um mal necessário. Alguém precisa governar-nos, alguém deve tomar as providências que nos levem ao bem-estar mútuo. Lamento aqueles que têm essa tarefa indesejável, em nossa malfadada época sendo o mundo o que é. O político toma um caminho semeado de desapontamentos, e as plantas que crescem às margens desse caminho escondem sob cada rosa de poder e posição os mais agudos espinhos da ingratidão e das injúrias. Esse político empreende trabalho incerto, estonteado pelo incenso, que inalou, do aplauso popular. A mesma multidão que lhe atira flores, num ano, poderá lapidá-lo, no próximo. As mesmas pessoas que cantam: “Ele é um companheiro jovial”, [13](#) podem voltar-se, mais tarde, e vaiá-lo. A mesma turba que clama por um Governo novo tem de aprender, ainda, que troca não é sinônimo de progresso. No entretanto, os políticos, a cavaleiro em suas ambições, escalam a colina incerta da fama vã e da recompensa transitória.

[13. Trecho de uma canção usada para homenagear amigos, tanto na Inglaterra como nos Estados Unidos.](#)

* * *

As doenças sociais e econômicas de nossos dias estão mais arraigadas do que as massas e a maioria de seus líderes imaginam. Necessitam, portanto, de remédios que atinjam a profundidade. As perturbações são, antes de mais nada, espirituais, e só podem ser radicalmente curadas através de meios espirituais. Temos sido iludidos com os remédios empíricos da política. Pensávamos, e ainda pensamos, encontrar neles a panacéia maravilhosa que devolverá à raça humana sua felicidade perdida.

A política é o substituto moderno da religião, mas ambas essas coisas se têm extraviado. A busca febril de panacéias, em toda a parte, menos no lugar exato, é, em si mesma, um sinal e um sintoma da podridão que hoje campeia. Reformadores sinceros, mas conturbados, políticos egoístas, mas de olhos ávidos, e os poucos destituídos de egoísmo que se dedicam ao serviço público para realmente prestar-lhe assistência, estão, todos, correndo seu arado pelas areias estéreis da política, na esperança de alimentar a alma faminta da humanidade durante esta época única, e crítica.

Muitas de nossas verdadeiras aflições são, ao que parece, antes de mais nada, psicológicas. A solução será encontrada na aproximação junto do coração e da mente das pessoas, não apenas através de teorias estéreis. Nossa época não faz caso da promulgação da mais antiga das teorias exposta por Crisna, [14](#) por Buda, [15](#) por Jesus, por Maomé, [16](#) há muito tempo — de que a regeneração da sociedade tem de ser obtida pela modificação individual do coração, e nunca pela multiplicidade dos debates.

[14.](#) Na religião hinduísta é o oitavo avatar (reencarnação) de Vixnu, por sua vez uma das divindades da trindade hinduísta. Diz a tradição que Crisna nasceu no ano 1400 a. C.

[15.](#) Buda, ou Çakiamuni, ou Sidarta Gautama, fundador do budismo. Nascido em Kapilavasta, no Nepal, Índia, pela altura do ano 560 a. C., de família nobre. Abandonou o mundo, ao considerar-lhe as dores, e entregou-se à meditação. Recebeu o que chamam “iluminação” mais ou menos em 525, e morreu em 480, depois de ter pregado longamente em todo o vale do Ganges. A China, o Japão, a Indochina e o Tibete têm, no budismo, uma de suas principais religiões.

[16.](#) Maomé, “o louvado”, “o desejado”, fundador do islamismo, ou maometismo (c. 571-632).

* * *

Cheguei à conclusão de que, na verdade, tomar lugar entre os adeptos de partido político — seja ele vermelho ou azul — é violentar a integridade do meu entendimento. Cada um tem sua contribuição dirigida para o bem-estar comum, porém cada um solicita pesado pagamento, representado pela estreiteza das limitações que exige de seus filiados. Ao invés de solicitar inscrição num partido político prefiro solicitar licença para me afastar deles. Os deuses não abençoam partidos políticos em particular, mas usam-nos, todos.

As forças dos Conservadores reprimidos são tão necessárias quanto as dos extremistas avançados, em diferentes épocas, para ajustar os negócios de uma nação, ou para realizar seu bom ou mau destino, de forma que os partidos representantes dessas forças têm licença para passar, temporariamente, ao poder. Sempre houve Conservadores. Sempre houve extremistas. O Egito, a Grécia, e Roma, os conheceram tanto quanto a Inglaterra, a França e a Rússia os conhecem hoje. Os nomes, apenas, é que são diferentes.

* * *

Contudo, embora eu tivesse resolvido manter-me distante da política, adotando atitude estritamente neutra em relação a ela, essa não é a orientação que recomende a outros.

Tal maneira de ser representa uma questão de gosto e de temperamento, e existe porque meu interesse reside em outra direção. Há muito lugar na política para o homem que nela queira entrar por motivação destituída de egoísmo, com idéias de puro serviço, com a sensatez e a espiritualidade a guiar-lhe os passos, e a energia divina a agir através de suas mãos. Tais homens brilharão como bocados de ouro amarelo num pedaço de quartzo. Podem ir longe, e fazer muito — mas onde os encontraremos?

* * *

Somos politizados conforme merecemos!

* * *

Apreciamos bastante os ideais para discuti-los nas salas-de-visita e conversar sobre eles em torno das mesas de chá, mas não suportamos ver alguém dar início à prática desses ideais. Batemos palmas ao corajoso rebelde, sabendo que mais tarde, à força de ridicularizá-lo, iremos levá-lo a reverter ao Respeitável, e assim a Convenção poderá reclamar o que lhe pertence.

Gostamos de ouvir os argumentos radicais da mente liberta, mas depressa encontraremos uma forma através da qual possamos encadeá-la, porque jamais todos poderão praticar o que qualquer um pode pregar. Assim, esperamos pelo momento apropriado, e o esmagamos com a nossa crítica, pendurando seu nome bem alto, no patíbulo. Fornecemos, dessa forma, um exemplo adequado aos iconoclastas tolos e aos inovadores inexperientes, cuja mente honesta, mas destituída de sentido de humor, imagina que o mundo aceitaria o caminho apenas por enxergar os postes indicadores.

* * *

Desdenho os métodos políticos — embora levado pelo utilitarismo a aceitá-los — porque confio nos métodos espirituais. Assim que se resolve um problema

através de método político, outro se levanta, inevitavelmente, em seu lugar. Não há, não pode haver, um fim para tais transtornos, porque a raiz — a natureza ávida, antagônica, do homem — conserva-se intocada. E rebenta, como erva má entre os brotos novos. Cérebros podem planejar melhoramentos, mas só a boa vontade pode dar-lhes início. Há uma única maneira de tratar esses problemas, maneira satisfatória e durável. Transformem-se os homens, e desse modo transformam-se todos os problemas que nascem de sua natureza falha.

Esta é uma verdade que será recordada e repetida muito depois que esta época passar. Espiritualizem-se os homens, e na atmosfera de boa vontade que então surgirá, todos os problemas serão resolvidos para sempre. Porque na sublime atmosfera da vida interior, todas as aflições, fricções, e ódios, desaparecem, através das próprias divergências, automaticamente. Não haverá necessidade de cortar a raiz de cada um em separado. Mas lembrem-se: só nos é possível começar a mudar os homens depois que nos tivermos mudado a nós próprios.

Palavras, apenas, não farão tal coisa, mas o poder do Espírito fará. O efeito de simples palavras pregadas a outros provavelmente se apagará com seu eco, mas os pensamentos concentrados de domínio próprio, resistência, e sabedoria, que ganharam intenso poder vencendo os erros longamente estabelecidos da mente, irradiam sua força e iluminação para todas as mentes que ficam sob a esfera de sua influência.

* * *

A única reorganização proveitosa da sociedade virá quando uma transformação espiritual do próprio homem tenha espalhado suas ondulações de uma ponta a outra da raça humana. Todas as outras reformas são remendos. Não podem durar, e passarão, depois de uma vida mais ou menos breve. Egoísmo cego continuará a existir, enquanto a ignorância espiritual prevalecer. São, ambos, as raízes da vida do homem, e os frutos da árvore devem ser sempre os mesmos — infelicidade, opressão, tormento, descontentamento e discórdia.

* * *

Procuramos no Estado a nossa salvação, quando toda a história e toda a experiência provam que o caminho para a felicidade é solitário e pessoal. O Estado é feito de indivíduos, e cada homem pode pensar e comportar-se melhor do que pelo menos um cidadão que tantas vezes lhe passa despercebido, isto é, ele próprio. Compreendamos essa verdade irrefutável, e depositemos menos fé nos grandes esquemas dos pequenos políticos — por muito bem intencionados que sejam — para salvar seus povos ou reformar seus países.

E compreendamos que poderemos encontrar felicidade mais ampla para o mundo apenas quando nos encontramos a nós próprios. Pode ser dito, com

alguma veracidade, que temos uma grande quantidade de reformadores dispostos a reformar toda a gente, menos a si próprios.

* * *

Não há quantidade de consertos dirigidos à forma física da sociedade que remova o perigo da destruição que nos aguarda, porque a Natureza também tem algo a dizer sobre esse assunto. Ela pode varrer, num dia, o que a sociedade construiu num século. E a Natureza não é cega nem destituída de inteligência: é o instrumento dos deuses do destino.

Ainda assim, não podemos esperar pelo desaparecimento da paixão que o mundo nutre pela revolta enquanto as justas causas de queixa não forem removidas de seu caminho. Se o mundo fosse sensato, entretanto, colocaria a tarefa de obter condições mais felizes nas mãos de homens que possuem sabedoria espiritual combinada com iniciativa de ação.

Embora a democracia tenha sido o resultado do inevitável movimento oscilatório nascido de uma aristocracia deteriorada, a única forma de governo social que pode dar benefício permanente a qualquer sociedade é a da divina autocracia, e com isso não me estou referindo à autocracia sacerdotal.

Embora tal forma de governo possa parecer tão afastada como qualquer estrela, não se deve impugnar o fato de que um só homem, cuja mente está iluminada por Deus, cujo coração não tem egoísmo, e cuja vontade é dinâmica, está mais apto a servir toda uma nação do que qualquer outro. O mundo precisa de líderes inspirados. Mas sua inspiração deve vir do reino do céu, e sua maneira de liderar deveria ser tal que despertasse amor, e não ódio, no coração de sua gente.

4

Negócios

Os velhos reis da história estão dando lugar aos reis dos negócios. A escravização do feudalismo está quase terminada, apenas para ser sucedida pela menos aparente escravização do industrialismo. Não há cadeias visíveis, naturalmente, mas elas estão aí. A vida mecanizada de muitos trabalhadores torna-se um moinho, e o evangelho moderno da glorificação desse moinho não é atraente. A vida fabril faz-se, muitas vezes, de desalmado labor, existência sombria em atmosfera plúmbea. O monstro metálico desta Idade da Máquina trouxe muitos benefícios, mas exigiu alto preço em relação a cada um deles.

* * *

Porque a civilização industrial produziu auxílios materiais para o viver, em enorme escala, não devemos nos deixar cegar para o fato de que ela produziu também empecilhos espirituais para o existir. Em certo número de casos sua ampliação significou o desaparecimento de uma vida mais bela.

A ciência aplicada reivindica ter liberado muita da energia do homem: suas realizações são colossais, e somos testemunhas involuntárias disso, sob todos os aspectos. Só foi tocado, entretanto, o homem físico, não o homem espiritual. O preço que isso exige é realmente pesado. A alma ainda está encadeada. O coração do homem está mais pesado do que antes, sua mente mais inquieta e mais preocupada. A Ciência, utilizada pelo Negócio, continua contentando a humanidade com notas promissórias de felicidade. “Mais alguns poucos anos e o mundo estará repleto de riqueza e meio vazio de trabalho. Verão que grande mágica eu sou” — é a sua reiterada promessa. E nós, pobres incautos, somos apanhados por ela, inteiramente esquecidos do fato de que a felicidade deve vir principalmente do Espírito, vindo a Ciência e os negócios depois dele, como acessórios.

* * *

A implacável competição do comercialismo induz os fortes a explorar os fracos. A louca e desordenada luta da indústria moderna exclui as almas mais delicadas, que não deixarão voluntariamente em casa seus ideais de honestidade, verdade, e justiça, quando tomam o trem das 8,30 para a cidade. ¹⁷ O jovem que deseja

alcançar certo grau de sucesso espiritual atrai, dessa forma, o fracasso no mundo comercial. Tanto a mecanização como a nossa presente condição social encorajam falsos padrões de sucesso.

17. Referência aos subúrbios e aos trens subterrâneos que transportam ao centro comercial a grande maioria dos empregados.

Tornam mais fácil para o astuto, para o trapaceiro, para o especioso, para o aventureiro, para o ávido, o obter vantagens sobre pessoas honestas e mais talentosas. O homem que faz sua auto-investida e sua autopublicidade, tem sucesso mais rápido do que o homem de talento que não arremete. Existimos, assim, numa desordenada luta social, não numa ordem social, onde obter algo em troca de nada, a expensas do nosso próximo, enganando outro para que se possam fazer milhões, é tido como coisa louvável.

* * *

Cercada de excessiva atividade materialista, martelada pelos aríetes da indústria mecanizada e pelo lazer mal usado, a alma fica fechada na cidadela do homem e está faminta. Precisamos simplificar nossa civilização, se quisermos salvá-la, mas os materialistas dizem que precisamos complicá-la, enquanto os revolucionários afirmam que devemos despedaçá-la!

Ambos deixam de ver que é um benefício dúbio, esse de enriquecer o bem-estar material do povo, quando esse mesmo ato de enriquecer necessita de uma descida na escala dos valores espirituais. Atividade insensata, que afoga todo o pensamento belo e mantém os homens eternamente ocupados em fazer algo na crosta deste planeta, ou em seus corpos transitórios, pouco melhor é do que nada fazer.

A vida febril de uma grande cidade, voltada agudamente para o que chamam realização e sucesso, ainda é metade de uma vida. Homens ligados a uma atividade inteiramente mecânica, como essa, tornam-se meios-homens; aleijaram-se, através daquilo mesmo que criaram. Os que trabalham demais e ganham de menos, mal podem esperar a possibilidade de lazer adequado e de liberdade da mente para estudos enobrecedores. Alguns imaginam que o fato de nos precipitarmos na Matéria, via mecanização, promoverá a vinda da felicidade dos homens. Só podemos julgar pelos resultados.

O resultado de um século e meio de tal pressa é a paralisação, a meio, da vida espiritual do homem. Os remanescentes batidos e maltratados dos grupos humanos que povoam as nossas grandes cidades industriais, são adequada evidência desses resultados. Quantos, numa grande cidade como Londres, já descobriram que a existência era intolerável e compraram seu frasco de veneno, ou subiram ao parapeito do Dique do Tâmis e saltaram à água, pondo-se para fora deste mundo desanimador e de seus desgostos?

Industrialismo, eficiência, mais maquinária, sim, eles têm seu lugar, com certeza, mas cuidado para que não se industrialize a alma do homem, roubando-lhe quase a existência. Que os ruidosos mecanismos das nossas máquinas não o afastem completamente da divindade que ele traz dentro de si, com seu zunido.

* * *

O espetáculo da realização industrial não é para ser visto apenas através de suas presentes proporções, mas, também, pelos seus resultados espirituais. Não o vejamos apenas do ponto de vista do tamanho, mas também do ponto de vista da alma do homem. Homens que se transformaram em dentes da engrenagem de sua máquina gigante, podem não compreender o mal que ela lhes faz — a não ser que sejam dentes da engrenagem profundamente cogitadores! — podem não compreender que tudo que é sereno e bom, belo e criativo dentro deles próprios, vai sendo lentamente esmagado pelo mecanismo impiedoso. O homem que passa sua vida junto de um torno automático e não faz outro trabalho, já não é um homem integral: é parte de um torno.

A chamada divisão do trabalho — frase quase bíblica para os economistas — deveria ser chamada, realmente, “divisão do homem”, porque consiste em reduzir o homem à quarta parte do que ele de fato é. O declínio e desaparecimento do artesanato é um caso a observar. Uma fábrica moderna de sapatos tem um homem fabricando ilhós para os cordões, e nada mais. Esse é o seu trabalho durante todos os dias de sua vida. Nos velhos tempos, tal homem fazia o sapato completo, com suas mãos, e assim podia contemplar sua obra com dignidade e contentamento. Agora, perdeu a possibilidade de dar escoamento à sua criatividade humana, privando-se, portanto, de um dos principais caminhos para a criatividade espiritual, para a liberdade, para a felicidade. Sua ansiedade para ganhar a subsistência cegou-o para o resultado espiritual, e ele já não é consciente do mal que lhe foi feito.

Já não pode atrelar seu carro triunfal em nenhuma estrela, antes o amarra a uma coleção de dentes mecanizados de engrenagens. A máquina, que o deveria ter auxiliado a passar a uma vida mais livre, está apressando sua alma para o túmulo. Outrora, ele era um criador, quando trabalhava num ofício. O trabalho era, então, alegre expressão de sua alma, e assim se fazia, em parte, sua própria recompensa. Hoje, ele tem apenas um emprego. Indústria sem alma transforma-se em brutalidade. Milhões de pessoas oferecem hoje, no Ocidente, o triste espetáculo de almas assassinadas pelo industrialismo excessivo, porque não puderam conceber nada mais real, mais importante, do que seu descolorido e mecânico labor diário.

* * *

Contudo, o progresso mecânico e a engenhosidade científica podem tornar-se servos da alma do homem, não seus assassinos. A Máquina está amplamente

assinalada no horóscopo do homem, e não podemos evitá-la. Precisamos aceitar suas frias mãos de aço, sem voltar covardemente as costas ao laborioso passado. Não podemos, nem precisamos, voltar as costas ao relógio, mas podemos usar corretamente a máquina, encontrando um equilibrado e sensato local para ela, não consentindo que se torne em monstruoso Frankenstein para nos devorar.

Da mesma maneira devemos aceitar e usar os confortos e conveniências da moderna vida civilizada, sem deixar que *nós próprios* sejamos escravizados pelo uso deles. A Máquina é o milagre desta época, mas milagre que estamos realizando com excessiva frequência, já que ela está começando a governar o homem, quando o homem é que deve governar sua máquina. Precisamos de toda a quantidade de auxílio que pudermos obter dela para aliviar o labor humano, mas não precisamos esmagar o equilíbrio espiritual da vida para conseguir isso. Devemos usar nossos objetivos de progresso material, não como cativo, mas para nos libertarmos.

* * *

Há vitórias sobre o eu que dão ao homem mais satisfação e recompensa mais duradoura do que as vitórias em negócios. Os mais notáveis triunfos comerciais escoam-se, às vezes, e deixam o triunfador desiludido e desapontado, mas o sábio que conquistou o próprio eu teve como prêmio a paz perdurável.

O desapontado magnata pode ter estado com o controle de cinco mil pessoas ao mesmo tempo, enquanto o Sábio se ocupava em controlar uma única pessoa: ele próprio. Mamom [18](#) não dá aos seus devotos a melhor recompensa. Nem por todo o dinheiro do mundo eu morreria vinte anos antes do meu tempo, como acontece a vários americanos aprisionados em seus negócios, nem passaria a minha velhice bebendo apenas pouco apetitosa água quente, como certo milionário faz.

[18. Símbolo do ganho, do lucro, citado como tal na Bíblia: “Ninguém pode servir a dois senhores: porque ou há de aborrecer um e amar o outro, ou há de acomodar-se àquele e desprezar este. Não podeis servir a Deus e às riquezas”. Mateus, 6, 24.](#)

* * *

O homem que toma a velhacaria como sucesso está incorrendo em lamentável erro. Perde o respeito das pessoas dignas, e, o que é pior, o envolvimento defensivo de seu Eu Superior. Virá certamente o dia em que, nas caladas da noite, com o cérebro latejando em rebeldia e o sono afastado, ou na misteriosa condição do após morte, que se assemelha àquela, os rostos de suas vítimas se erguerão como espectros, saindo das trevas para enfrentá-lo e persegui-lo desapiedadamente. Não será apenas uma ceia tardia que lhe dará insônia, mas, também, uma consciência tardia.

Ele vendeu seu respeito próprio e sua honra. Deus tenha piedade dele! Desse homem que negociou sua alma, suas noites tranquilas, por um monte de dinheiro, que tomou a estrada sinuosa para a opulência e abandonou o caráter nesse caminho! Suas belas roupas e refulgentes brilhantes não o arrastarão de volta à proteção que perdeu.

Tal homem aceitou a adoração de vultosa conta bancária, coisa que o mundo tanto preza, porque, na verdade, o dinheiro é o segundo grande poder sobre a terra. Mas, do outro lado do livro de suas contas está feito um lançamento invisível, que representa o que ele teve de dar em troca daquele tesouro mundano. Deu sua alma. Seu divino protetor abandonou-o.

Há processos espirituais que operam para além da nossa compreensão, e aquele homem exemplifica o paradoxo da fortuna mal adquirida, o sucesso do mundo que significa fracasso na vida. Mais de um Beemote [19](#) dos negócios modernos tornou-se criança indefesa quando nasceu para o mundo “dos mortos”. Porque o homem é imortal, e a fagulha do seu ser é inextinguível.

[19. Animal fabuloso a que Job faz referências no Cap. 40, v. 10-28, Bíblia.](#)

* * *

Nos velhos tempos, o homem que conspirasse contra a vida de um rei era enforcado, arrastado e esquartejado. Nos nossos dias o homem que conspira contra a vida do povo arrebanhando tudo quanto existe de certa utilidade, vendendo-a a preço exagerado, torna-se, no devido tempo, um grão-senhor, e recebe as honras consequentes nos círculos sociais. Sua atividade anti-social pode lhe ter valido imensas somas, sem que houvesse qualquer retribuição correspondente de serviços à comunidade.

Nem todos os criminosos são apanhados e confinados em Dartmoor. [20](#) Alguns fogem para Park Lane e tornam-se hóspedes festejados da sociedade. O manufactureiro que adquire fortuna e obtém um pariato [21](#) fornecendo mercadorias de primeira necessidade, pode dizer que ganhou tais coisas, mas o homem que manipula rudemente os preços para servir por completo seus próprios fins, nada mais é do que um pirata.

[20. Famosa prisão da Inglaterra.](#)

[21. Dignidade de “par” do Reino, na Inglaterra.](#)

Se os negócios fossem feitos à luz da alma, esses especuladores parasitas deixariam de encontrar apoio para seus pés. É o homem de negócios que existe para benefício da sociedade, não é a sociedade que existe para benefício do homem de negócios.

* * *

A Regra de Ouro [22](#) está sendo coberta de pó. A Regra do Ouro é que domina.

[22. “Não faças a outros o que não queres que te façam” — recomendação encontrada nas palavras de Cristo e também em Confúcio \(563-483 a. C.\) o “Apóstolo da Moralidade” da China.](#)

* * *

Se julgarmos pelas aparências, irá parecer-nos que o reino de Deus foi suplantado pelo reino dos dólares e *dimes*. [23](#)

[23. Moeda de prata, décima parte do dólar.](#)

* * *

Em épocas melhores os negócios nada mais serão do que a arte a serviço humano. Sucesso será a recompensa inevitável para o melhor serviço. A presente idéia é: “Que lhe posso vender?” Esta frase tem dado a volta ao mundo. A nova idéia será: “Como posso servi-lo?” A prosperidade de um homem ou de uma firma crescerá conforme cresça sua reputação em termos de serviço. A fama virá do reconhecimento desse serviço, e não da publicidade paga.

* * *

A propaganda, e a arte de vender, têm seu direito a um lugar na vida, mas reconhecerão suas responsabilidades, em tempos melhores. A arte da publicidade não degenerará, então, em inconscientelouvaminha. Anúncios escritos em gritantes superlativos é melhor que não sejam de todo escritos. Todas as artimanhas da nossa Nova Chelsea de após-guerra, transplantadas para Fleet Street, são, sem dúvida alguma, armas necessárias no arsenal do anunciante, mas ele não precisa tornar-se *amok* [24](#) ao dispará-las.

[24. Tipo de loucura que se apodera subitamente da pessoa, incitando-a a matar indiscriminadamente. Aparece, principalmente, entre os naturais da Malaia.](#)

De cada vez que abrimos nossos jornais e revistas, as colunas de anúncios atiram-nos granadas de mão aos olhos, sob a forma de tipos espalhafatosos, que nos exortam, em tom declamatório, a comprar isto e a usar aquilo. Alguns derramam-se quanto às pílulas de alguém, outros, lamentavelmente clamorosos e desmiolados, dizem-nos que o segredo da felicidade está no uso do sal de um indivíduo qualquer.

Os publicitários agiriam melhor fazendo circular suas bonitas, mas irrelevantes imagens de jovens sedutoras, do que fazendo declarações que nem são verdadeiras nem representam crédito para a sua inteligência. Assim, poderiam atrair o dinheiro duramente ganho do proletariado, ou forçar as classes douradas a largarem suas notas de cinco libras.

* * *

A moderna superarte de vender é um vício, quando se torna nada mais do que tentativa para vender algo de que ele não precisa, através do exercício, sobre o comprador, de uma pressão hipnótica. O homem que entra num escritório e tenta agredir mentalmente seu ocupante, antes por desejar enriquecer seu bolso do que para prestar-lhe um serviço, não é um vendedor, é um rufião.

* * *

O dinheiro é ingrediente vital na vida moderna, mas a adoração excessiva desse ingrediente, em detrimento de todos os ideais verdadeiros, produziu uma era gananciosa. Mamom permanece invicto em nosso mundo, levantando suas mãos rudes para criar miragens diante da mente dos homens. É adorado tanto pelos abastados como pelos indigentes. O mundo oferece complacentes congratulações a cada um dos devotos que conseguem evocar resposta liberal daquela deidade. Ignora o fato de que quando excesso de propriedades se acumula na mão de um só homem, isso se acompanha de perigo para a sua alma.

Cada moeda se torna um laço que o prende à vida deste mundo. Ele terá de caminhar pelo caminho estreito como fio de uma navalha da renúncia íntima, se quiser escapar com segurança. Precisarão considerar-se uma espécie de curador, e curador que terá de prestar contas aos deuses do destino, pelo uso correto, sensato, e considerado de sua fortuna. Mesmo o mais rico proprietário de terras do país terá apenas sete palmos delas, quando morrer!

* * *

A munificente mesa da Natureza está carregada de coisas boas, com abundância, e ainda assim poucas mãos conseguem agarrá-las. Os demais existem no mundo com as mãos vazias, talvez meio esfaimados, certamente mal equipados com as utilidades exigidas para uma existência decente.

Milhões de tais seres — homens, mulheres, e crianças, dotados de sangue quente e de nervos sensíveis, que sentem dor — vivem existência sombria, que só pode ser chamada “engaiolada, enfundada e confinada”. Na descomedida luta geral muitos naufragam sem que ninguém perceba, e outros sucumbem em consequência da áspera operação de um sistema impiedoso. “Sou o guardião de meu irmão?” ²⁵ — é uma queixa antiga, e a ela todos os homens iluminados por Deus têm respondido pela afirmativa. Porque cada homem iluminado por Deus sabe que a raça humana deve, eventualmente, tornar-se uma gigantesca família, uma fraternidade universal. Sabe, também, que seja o que for que façamos aos outros para nós é feito, em retorno pelo processo misterioso das leis invisíveis.

25. Resposta de Caim a Adão, que lhe perguntava sobre o paradeiro de Abel: “Acaso sou eu o guardião do meu irmão”? Gênese, cap. 6, v. 9.

5

Sociedade

A estultícia entra em nossa sala-de-visitas e nos engabela para que entremos no clube da Convenção. A ignorância vem atrás e atira seus duros grilhões ao redor de nossas mãos e membros. A solenidade aparece, movendo-se com ar empertigado e rígido, e quer passar por espiritualidade; a moda faz ranger suas sedas joviais, afetando ar de mistério, enquanto perambula sobre duas pernas; homens do mundo, pondo em circulação gracejos polidos e flertando mulheres através de risos cadenciados; conversadores de longa corda; descendentes dos vitorianos; jovens epigramatistas amigos de pilhérias; santos de rostos nobres e prostitutas de faces avermelhadas; mandarins dos negócios modernos, homens de mandíbulas fortes, bocas como armadilhas de aço e olhos como verrumas de aço; políticos obtusos e seu séquito de esquentadores de cadeiras de escritórios; homens de meia-idade chamuscados pelas labaredas da guerra em sua juventude; escritores condenados ao olvido e ao pó; anjos sob forma humana e demônios em elegante indumentária, materialistas dogmáticos e místicos perplexos; cínicos azedos e meigas debutantes; os nascidos sem uma colher de prata na boca e aqueles em benefício dos quais o fado e a fortuna conspiraram para fornecer artigos assim desejáveis; os nobres e os notáveis; visitantes de outras terras, pesados holandeses, animados espanhóis e astutos gregos — todos esses são anunciados pelo mordomo, e ajudam a formar a sociedade dos nossos dias.

* * *

A conversação social está repleta de lugares-comuns porque discute o óbvio, geralmente; o tempo, por exemplo, é o tópico mais discutido na Inglaterra, contudo ainda é o único assunto de interesse permanente nos meses que vão do Ano Novo até o Natal de cada ano. Nossa conversação deriva assim, facilmente, para o raso e para o superficial, porque os preferimos ao que é profundo. Isso, naturalmente, não é crime, porque nasce com a nossa constituição, e assim nossas mentes instintivamente procuram o que é simples e palpável quando buscam um tópico para a conversação. Cometemos, contudo, o erro fácil de perpetuar o auto-evidente, repetindo-o em regulares doses diárias, com uma extensão tal que ele começa a tornar-se uma colossal maçada.

Quando o tipo de conversação é o que levará um homem além do profundo tema referente ao tempo — que será ou não chuvoso no dia seguinte — chegou o momento de protestar. Nossa conversação não passa de uma bolha, de espuma e de leviandade, e com todas as palavras que usamos pouco dizemos. Nossa conversação revela a personalidade transitória, mas não traz em si qualquer sugestão do homem verdadeiro e eterno. O que ousasse falar num *salon* cotidiano tal como o Eu Superior lhe solicita que faça, e não movesse apenas a língua, seria tratado com olhadelas significativas por alguns e franco escárnio por outros.

* * *

O mundo já não procura as suas sanções nas páginas profundas dos clássicos ou nas palavras cristalinas de um Cristo; quem quer que ousasse citar um trecho de tal sabedoria numa sala-de-visitas da moda, seria rapidamente posto de parte, como um pedante, ou, mesmo, um maçador.

Quanto às esqueléticas e infelizes favelas, não se pode esperar que saibam se Platão [26](#) foi um general da última guerra ou um fabricante vivo de cigarros gregos. Quem quer que seja tolo bastante, entretanto, para desejar fazer citações dos antigos Sábios, deve retirar-se para lugares afastados e dizê-las aos pardais, ou escrevê-las em pedaços de papel, pendurando-os às árvores, que não resistem.

[26. Filósofo grego \(427-347 a. C.\), nascido em Atenas. Seus trabalhos consistem numa série de diálogos, e em quase todos eles é Sócrates, seu mestre, o interlocutor. Santo Agostinho inspirou-se, muitas vezes, na obra de Platão.](#)

* * *

Podemos bem recordar — o que a presente geração não se preocupa em fazer — que a não ser que vivamos com o Princípio a guiar nossos passos através de algum padrão ou modelo proveitoso, já não somos homens e mulheres, mas, simplesmente, animais dotados de inteligência. Ó, sim! Namoramos teorias da moda e distraímos-nos com o culto mais recente, porém nada reunimos. Nossas almas superficiais não procuram verdadeiro amor, mas contentam-se com beijos ocasionais, dados à flor dos lábios, e obtidos de fontes promíscuas.

* * *

O homem nasceu para a felicidade, é fato, mas não nasceu para a ronda incessante dos prazeres estéreis. Na verdade, seja o que for que Deus tenha reservado para o homem, veremos claramente, se pensarmos um pouco, que ele não foi imaginado para mergulhar completamente em seus sentidos físicos. A vida não é apenas uma taça de prazer a ser bebida. É, também, medida que se enche com esforço honesto. Devemos lamentar esses fracos viandantes das ilusões terrestres, dos quais a cada semana esperamos novas loucuras; esses

buscadores de prazer que rodam através de suas inúteis engrenagens, e, entretanto, apodrecem em seu mais íntimo coração. Enquanto se banqueteiam ao ritmo de um *jazz-band*, há um esqueleto na festa, por quê...?

* * *

Hoje em dia caráter é coisa tão fora da moda! Uma boa consciência nos pode ajudar a dormir melhor, é o que dizem, mas uma boa dose de cloral fará o mesmo! A sedução de uma vida artificial fascina a gente da moda, e seus imitadores proletários. A existência movimentada de uma parte faz-se complemento adequado para a miséria de outra. O homem subiu, vagarosamente, pela árvore da vida, deixando sua cauda para trás, mas ainda agora olha muitas vezes para baixo. Se as paixões elementares do homem não fossem oprimidas pelas restrições complicadas que a lei e os costumes construíram em torno dele, o mundo ofereceria um espetáculo bem estranho.

* * *

De certa forma envergonho-me de confessar que ainda não fui contagiado por esta era do *jazz*. Sei que é a febre da moda, correr atrás de noites agitadas e de dias desvairados. É bastante correto atirar por sobre a amurada as congeladas convenções. Com esta última aspiração eu me sinto tomado de grande solidariedade, mas atirar fora as poucas coisas decentes, junto com as más, coisas que a humanidade tem trazido consigo através dos tempos, é como atirar fora o bebê, com a água de sabão de seu banho.

Afanar-se ao longo da enxurrada dos desejos descontrolados, quando é possível respirar o ar límpido da paz espiritual, parece-se a uma espécie de loucura. Muitos, entre os da nova geração, fizeram-se materialistas até a ponta dos dedos, e pagão até a sola de seus pés que dançam o *jazz*. Passam suas horas de lazer em busca de novas sensações, de alguma emoção nova, repetindo a dose diária de titilação dos nervos, até que tal coisa se faça um hábito imperioso, e, finalmente, um desejo insaciável. Isso mal pode ser autêntica alegria. Assim, aquilo que usado corretamente poderia levá-los à sua verdadeira felicidade — o lazer — torna-se veneno para suas almas.

* * *

O mundo é dado ao esnobismo. Humilha-se diante da cabeça que use uma coroa de conde ou de duque, gaba-se do Senhor-Bolsa-de-Dinheiro, mas desdenha o sábio pobre. Escaladores tentam subir pela pirâmide da sociedade contemporânea, sem jamais imaginar que aquilo pode não valer a pena. O vinco perfeito de uma calça é considerado mais importante do que o vinco perfeito dos princípios de alguém. A multidão, dourada ou simples que seja, é fraca, e aceita a egoística fatuidade da riqueza e da moda como coisa altamente valiosa, escravizadamente imitada e ardentemente desejada.

Os elegantes e os dotados de boas maneiras, que estão mais atentos ao corte de suas roupas do que aos pensamentos do seu coração, aceitam o padrão de numerário que é o critério da pseudo-aristocracia do nosso tempo, enquanto os verdadeiros aristocratas preferem fazer a côrte a obrigações impostas ao caráter pelo nascimento em alto plano social.

O aparato embaraçoso do privilégio social não pode enganar os que vêem com clareza, os que compreendem que os ricos e os titulares, os poderosos e os preeminentes, merecem respeito apenas até onde seu caráter se fizer digno dele — e não mais. Tanto príncipes como prelados são medidos pelo que valem — não pelo nascimento que tiveram. Sinto respeito e admiração exclusivamente por aqueles aristocratas que herdaram algo mais do que um título e uma propriedade — e tive a satisfação e a sorte de conhecer alguns deles — mas não sinto respeito nem admiração por aqueles que jamais aprenderam, e, conseqüentemente, jamais praticaram as virtudes que as palavras “noblesse oblige” ²⁷ sugerem.

27. Expressão francesa, em francês no original, que significa “nobreza obriga”, no sentido de que o nobre não se pode conduzir como um vilão.

* * *

Ainda assim, as frases polidas da polida sociedade são um pobre substituto para o fato de que muitas pessoas obrigadas a usá-las estão intimamente infelizes. Corações desventurados revelam-se aos que sabem discernir. Os tormentos interiores não se aquietam com uma porção de bailes, festas e entretenimentos. Esta é uma das lições que eles aprendem um tanto tardiamente: que a maioria das rosas da vida estão dolorosamente pontilhadas de espinhos imprevisíveis. O ritual do incessante remoinho da sociedade exige que não usem as palavras que têm em seus corações, mas usem palavras ocas. Sentem-se torturados e inquietos, não conhecem calma nem contentamento. Os jovens perderam seu ponto de ancoragem, e, simplesmente, derivam para o mar das emoções extraviadas, enquanto os mais velhos sofrem às mãos do Tempo, ladrão ameaçador que lhes roubou as ilusões juvenis e privou-os de suas antigas esperanças.

Assim, secreta melancolia se esconde atrás de cada um de seus sorrisos. Os rostos que se voltam para o mundo não são os mesmos que se voltam para seus próprios pensamentos e desejos, nos momentos de sua solitária insônia.

* * *

Vejo a assinatura autêntica da decadência espiritual claramente legível sobre a sociedade, seja a de Mayfair ou a das favelas, mas ainda alimento uma grande esperança. Posso dizer, como Abraham Lincoln: ²⁸ “Também isso passará”.

28. Abraham Lincoln, (1809-1865) 16.º Presidente dos Estados Unidos, de 1861 a 1865. Tendo proclamado a abolição da escravidão desencadeou com isso a Guerra Civil, ou de Secessão, e foi assassinado pelo ator John Wilker Booth, com um tiro pelas costas, quando assistia a um espetáculo, após a vitória das forças abolicionistas.

* * *

Afinal, a melhor aristocracia é a da alma. Um homem é grande, não por ter nascido em alta categoria social, mas porque nasceu com uma alma de alta categoria. Todas as outras aristocracias, por mais antigas e reverenciadas, são secundárias. Jesus, por exemplo, foi um homem assim. Não me consta que Ele tenha sido apresentado “às pessoas exatas”, nem que se movimentasse entre a melhor sociedade. Se bem recordo, foram justamente tais círculos os que O repeliram. Juntou-se Ele às “pessoas erradas” e à pior sociedade.

Talvez Seu amor fosse tão grande que Ele preferisse os não amados aos que amam a si próprios. Entre os Seus discípulos estava o que O negou, receoso das autoridades do mundo: não neguemos o eu-Cristo que há dentro de nós, por medo da sociedade convencional, entre a qual o nascimento nos atirou.

* * *

Passamos nossos dias ocupados com a complicada arte de nos acomodarmos às opiniões alheias. Esquecemos de SER. O julgamento do mundo nos traz encantados, como sob ação mágica, e receamos romper as cadeias para viver nossas próprias vidas. Mesmo os jovens, que são chamados destruidores das convenções sociais, não buscam ter coragem pessoal para isso, porque agem *em massa*, e porque estão apenas cedendo a emoções descontroladas. Reprimimos nossas palavras, ou contemporizamos com elas, porque receamos dizer a verdade tal como vem do coração. O que venceu a convenção é o herdeiro da própria alma.

* * *

A obtenção da verdadeira felicidade através do processo de aumento das necessidades materiais é a absurda tarefa de Sísifo ²⁹ que o homem dos nossos dias se impôs. As complexidades da vida moderna apenas evitam que ele encontre a verdadeira meta, e distraem sua atenção, não deixando que procure dentro de si o seu contentamento.

29. Figura da mitologia grega, que, por ter tido má vida, foi forçado a rolar enorme pedra até o alto de uma montanha. Quando alcançava o topo a pedra tornava a rolar para a base e ele tinha de recomeçar. “Trabalho de Sísifo” é o trabalho penoso, que nunca se chega a concluir.

Os valores da vida são enganosamente pesados através de padrões unilaterais, resultando em consequências irônicas e motejadoras para a sociedade. O subordinado torna-se o supremo. Há na sociedade moderna a mania da inquietação. Homens e mulheres só encontram felicidade em atividade intensa,

e em incessante agitação. Procuramos os campos pelo alimento, mas só encontramos palha e restolho, rejeitando o verdadeiro trigo.

Assim, a sociedade agarra-se à circunferência da roda da vida e consente em ser rodopiada e arrastada para não sabe o quê. Há uns poucos, porém, que conseguiram arrancar-se dali e que estão diante do Girador da Roda, com os rostos torturados pelos pensamentos, e ansiosos de saber para onde estão sendo levados.

E para eles, tarde ou cedo, uma resposta virá. Então, podem encontrar novo e apaixonado propósito na vida. De seus dias recolhem algum fruto e não um mero punhado de cinzas. Desde entre os representantes mais notáveis da ciência moderna, até entre os mais humildes dos trabalhadores braçais, em alguma fazenda tranquila, encontram-se ainda homens que se agarram à visão que lhes foi outorgada, que não duvidam de que a alma é divina e imortal, e que se apegam, com firmeza, aos ideais que sua visão solicita.

6

Crise do Mundo

O mundo entrou diretamente para a maior transição registrada pela história, mas a estrada que palmilhará depois disso não é facilmente discernível. Pacificamente, à luz da razão, ou penosamente, pela força das circunstâncias, terá que tomar nova orientação. Isso o mundo compreenderá, mas até que ponto ele irá voltar-se, não sabe.

Só numa época assim, quando muitos dos valores econômicos, sociais, políticos e religiosos da vida nacional fraquejam, os homens descobrem quão frágeis eram os seus apoios, quão incertos os seus guias. Quem pode culpá-los por encararem o futuro com certa apreensão? O navio está começando a derivar, e poucos entre eles sabem em que direção o barco flutua. Esta época tumultuosa em que vivemos é um hieróglifo sombrio e indecifrável, e a esperança faz-se o único luxo que nos resta em nossos instantes de pressentimentos. Os deuses podem aguardar o momento que lhes é destinado, sabendo que ele modificará completamente a situação.

* * *

O estado presente da humanidade é adequadamente exposto pelo escocês Burns: [30](#) “E não posso enxergar diante de mim, faço conjecturas, e tenho medo”. É de evidente clareza para todos quantos habitam e sabem pensar, que este planeta e seus habitantes foram atirados para uma espécie de cadinho, desde o vasto conflito que se iniciou em 1914. Tínhamos orgulho do “progresso” do século XX, e então fomos humilhados e arrastados para baixo. Nosso trem corria moderadamente bem, naqueles dias, embora as rodas rangessem alto de vez em quando — até certa tarde fatal de agosto, que muitos jamais esquecerão, quando os cidadãos ouviram, estupefatos, os rudes gritos dos vendedores de jornais, clamando: “Declarada a guerra”.

[30. Robert Burns \(1759-1796\), famoso poeta escocês.](#)

O povo comum pouco sabia da guerra em expectativa, e aquilo estourou sobre ele como uma bomba. O nascimento de cada guerra corresponde à morte de toda esperança. Só uns poucos — homens do serviço secreto, que tinham o ouvido colado ao solo, desorientados líderes políticos recolhidos aos seus

escritórios de frias paredes e movimentando cordões que mergulhavam o mundo na perdição, governantes incapazes de governar a si próprios, causando sofrimento às suas nações através da fraqueza que demonstravam — só esses tinham mergulhado na guerra, em pensamentos, e estavam preparados para ela.

Então, a cortina ergueu-se subitamente, e o primeiro e sombrio ato surgiu, lançando o terror sobre todos, assustando até mesmo os próprios atores. Assim, vimos as cenas sangrentas e os atos cheios de agonia do maior drama que o Teatro da História jamais apresentara à humanidade, um drama que alcançou seu clímax inevitável e desenlace final somente depois que uma cortina de fogo passou através do planeta, forçando todos a suportar seu impiedoso calor.

Muitos não mais foram vistos, outros foram vítimas de ferimentos penosos, mas todos viram a terrível Némesis [31](#) que estivera pairando sobre a raça humana. O mundo voltou as costas a Deus e o rosto para Marte, [32](#) e não poderia, com justiça, queixar-se por estar recebendo os amargos frutos que escolhera. Contudo, pagou a Marte um alto preço pelo privilégio de assassinar seu próximo, enquanto a deidade se ria da estultícia de um mundo que se mostrava tão fácil vítima. A carnificina humana foi sem paralelo. Samael, o Anjo da Morte, caminhou por este globo de aurora a aurora, e sentou-se no vestíbulo do Lar do Homem.

[31. Na mitologia grega, a filha do Oceano e da Noite, deusa da vingança e do castigo. É chamada ainda, Adrástia, “aquela da qual ninguém escapa”.](#)

[32. Na mitologia grega, deus da guerra.](#)

Durante aqueles lentos e amargos anos, o terror assenhoreou-se do mundo. O rosto mais corajoso devia descorar, pois que pode a coragem mortal contra os frutos diabólicos da engenhosidade científica? O homem podia lutar contra outro homem, mas não podia lutar contra o terrível amontoado de máquinas infernais, contra a mortífera aparelhagem mecânica que seu próprio intelecto criara.

Marte desferiu seus golpes impiedosos sobre sua vítima, regozijando-se entre o sangue e as lágrimas, e levantou pirâmides de crânios como monumentos à falta de boa vontade entre os homens. A bolha do Progresso estourou, e vimos que os passos materialistas que tomamos tinham haurido sua inspiração na descendência do Minotauro [33](#) e de Circe, [34](#) que povoa as trevas da perdição.

[33. Na mitologia grega, monstro fabuloso, meio touro, meio homem, que se alimentava de moças e moços que lhe eram enviados de Atenas, como tributo ao Rei Minos II.](#)

[34. Figura mitológica, versada em artes mágicas.](#)

* * *

Depois que a tempestade da guerra fez seu caminho violento através do planeta, agindo de sua pior maneira, ficou a humanidade prostrada como uma penitente

aos pés de seus deuses? Voltamos para uma vida mais autêntica, palmilhando o caminho de voluntária *volte-face*? ³⁵ O mundo, doente do fascínio da guerra, encontrou o muito menos óbvio fascínio da paz? Com a antiga civilização despedaçada, feita em pedaços pelos canhões da guerra, organizamos uma civilização nova e digna?

35. Em francês no original, significa mudança súbita de ponto de vista ou opinião, reviravolta.

Embora a humanidade tenha alcançado uma época crucial da história, como não teve igual antes, confusão e caos que lhe ofereciam oportunidade de um reinício, depressa deslisou ela para seus antigos preconceitos, para os antigos e fúteis caminhos, para os antigos erros. Mas estava por demais enervada pela guerra, demasiado cansada para andar às tontas em direção de outro inferno vermelho, e assim andou às tontas para a verde selva do caos econômico. O melhor estado do após-guerra, que otimistas da imprensa e da política prediziam tão resplandecente, deixou de aparecer.

Milhões de pessoas perambularam pelo mundo, procurando com olhos ansiosos uma oportunidade de trabalho, uma chance de ganhar o pão e afastar o sombrio fantasma da fome. Milhões mais tiveram trabalho, sim, mas tiveram, também, suas mentes lentamente consumidas pelas aflições e angústias das tentativas de manter famílias com salários adequados para sustentar apenas um homem. A odiosa figura da Doença meteu-se entre as multidões e aumentou sua desgraça.

Todos ansiavam por felicidade, mas poucos a encontravam. Todos se tornavam inquietos, nervosos, ávidos, competitivos, tensos e destituídos de paz. Pode dizer-se que a época encerrada nos primeiros dias de agosto de 1914 era, pelo menos, uma época mais segura, mais estável, e, sob certos aspectos, mais satisfatória do que a que lhe tomou o lugar. Pelo menos uma pessoa podia acordar a cada manhã razoavelmente certa de que o mundo não rolaria em ruínas ao redor, certeza que hoje ninguém possui. E assim, com os corações descontentes e as mentes insatisfeitas, a corrente perturbada das nossas vidas vai lutando. Devemos tanto rir como chorar sobre o drama rapidamente movimentado de nossos dias: tão rápido que ninguém parece saber o que o amanhã trará, e tão movimentado que ninguém sabe se a direção é para o paraíso ou para a perdição. O mundo vive hoje uma espécie de filme cinematográfico de movimento rápido, onde os acontecimentos se sucedem com ofegante sequência. Dificilmente alguém saberia qual será a próxima cena, ou o que será o clímax final.

Houve, naturalmente, um período muito breve e muito alegre, ironicamente chamado de “reconstrução”, logo depois da guerra, quando toda a gente dizia que um tão terrível conflito jamais tornaria a acontecer; que aquela seria a última guerra a ser registrada pelos nossos historiadores. Nossos líderes e guias, e outros que se acomodam em altos cargos, declararam — e sem dúvida bastante

sinceramente — que a guerra tinha cavado um grande fosso ao redor do passado: portanto, iríamos ter uma Nova Época, na qual os sonhos dos políticos idealistas e as aspirações do povo comum iriam encontrar expressão.

É surpreendente que ninguém se lembrasse, na ocasião, de destruir os velhos calendários, dando início a esse período promissor como Ano Um. Muitos anos agora se passaram e a cada um deles nossas esperanças foram recuando. Hoje, ninguém se agarra à tola e vã ilusão de que estamos vivendo uma Idade Nova, porque vemos ainda os sinais que indicam a presença de Marte em nosso meio. A vitória no último conflito revelou-se uma peça oca, feita de vaidade. A própria Europa é ludibriada por uma paz militar, estado estranho de segurança volátil.

Uma observação atenta do estado internacional do mundo e do estado interno das nações, mostra que existe suficiente material explosivo para que não haja garantia de repouso, e sim, de inquietação. Lemos, como clarividentes, os símbolos terríveis que Marte tornou a lançar, em emaranhada escrita cifrada, para o globo de cristal do futuro do nosso mundo. Temos a vaga esperança de que algum surpreendente, mas bondoso dom do céu, apareça mais ou menos uma hora antes que seja tarde demais, embora esse enevoadado otimismo mal seja garantido pela leitura da história.

Há quem seja tolo bastante para ver o presente estado de coisas como abençoado, canonizado e santificado por Deus, e não como um retorno às trevas: apiedemo-nos deles, pela sua cegueira. Nosso povo é prosaico e prático. A imaginação não é um de seus maiores dons. Mas não será necessário possuir imaginação titânica para ver o inevitável resultado das condições presentes, se o mundo não tiver coragem e força para recomeçar tudo.

* * *

Como, então, houve tal erro por parte dos nossos estadistas? Eles esperavam demais e nós encontramos tão pouco. Eles viram um mundo novo e nós só percebíamos o velho mundo. A resposta é obscura apenas porque persistimos em procurá-la no lugar errado. Culpamos este ou aquele homem, este ou aquele partido, esta ou aquela raça, novas e antigas condições — tudo, realmente, menos o verdadeiro culpado. Se querem a resposta verdadeira, não procurem os estadistas, não procurem o homem de negócios, não procurem os elegantes homens do mundo, não procurem sequer o camponês em seus campos. Procurem, se puderem encontrá-los, o Vidente e o Sábio.

* * *

O Sábio desapareceu da existência moderna: não temos lugar para as tolices que ele está habituado a praticar. Queremos apenas homens atarefados, ativos, úteis, que façam alguma coisa. Nos velhos tempos, entretanto, sempre havia um

lugar para os Homens Sensatos. Jesus e Buda são dois dos nomes mais conhecidos entre os daqueles dias, e houve alguns outros.

Videntes desse tipo falam-nos em tons autênticos, usam a linguagem universal da inspiração divina, e difundem graça em nosso coração. Poucos — muito poucos — ainda são encontrados no Oriente, porque o Oriente ainda é antiquado bastante para encontrar um lugar, em sua escala de valores, destinado a tais homens. É verdade que atualmente os genuínos Sábios Orientais “fecham a porta” aos estranhos carentes de simpatia, enquanto os que deles se aproximam levando as flechas farpadas da crítica hostil, nada obtêm pelo seu trabalho, já que se retiram tomados de falsas noções.

Tais Sábios, entretanto, valorizam o que obtiveram por preço demasiado alto para exhibir o que possuem entre os que com certeza não lhe dariam o mesmo valor. E pelo fato de se terem mantido à parte do amplo fluxo da humanidade é que podem ver toda a confusão que ali existe. Sua distância espiritual deu-lhes perspectiva. Os acontecimentos palpitantes que atualmente vão pelo mundo, estão demasiadamente perto de nós e não cedem de pronto ao nosso escrutínio. Não percebemos quando eles estão carregados de significação para que nos orientemos futuramente. Não podemos ler sua significação mais profunda, mas o Sábio iluminado pode, porque está observando do lado de fora do campo o jogo que fazemos. Pode ver, claramente, o que só vemos de maneira obscura.

Não é que se dê ao luxo de manter displicência olímpica, tombando em silêncio de coruja enquanto seu próximo está dominado pela tensão da vida moderna. Trata-se, antes, do fato de ter ele aprendido todas as lições *essenciais* que a escola da existência oferece, diplomando-se com honras espirituais. Não tem interesse pessoal, e irá dar-nos sua opinião sem considerações pessoais. É livre, destemido e verdadeiro, ao expressar-se. Indaguemos dele, então.

* * *

Consegui encontrar três ou quatro homens assim e todos concordaram em dar a mesma resposta. Já que, no momento, estou vivendo aqui, no minúsculo chalé que fica na raiz da Arunachala, torna-se apropriado que transmita as declarações que o Maharichi, o Sábio de Arunachala, fez, não há muito tempo, quando alguém, em sua presença, lançou a velha indagação sobre as angustiosas condições do mundo. O Maharichi, como a maioria dos Sábios, não faz conferências. Sua fala é sóbria e concentrada, portanto sua declaração foi tão curta que chegou a parecer brusca. Disse o Maharichi: “O sofrimento leva o homem a voltar-se para o seu Criador”. Doze simples palavras, e ainda assim toda uma filosofia está concentrada nessa frase.

Poderão pensar que ela seja banal. E seria, se não derivasse de um homem que sabia o que estava dizendo porque tinha ascendido a regiões espirituais para além da nossa compreensão, para regiões onde Deus está. Pensem nessa frase,

e compreenderão que ela revela o motivo pelo qual nossos estadistas tomados de otimismo cometeram seu erro, e por que o mundo desliza de volta para a discórdia e a guerra. Porque nossos líderes e liderados deveriam ter aproveitado a terrível lição da última guerra ³⁶ e “se voltado para o seu Criador”. Fizeram isso, por acaso? O estado presente das coisas é evidência visível da negativa.

36. O autor se refere, aqui, à Primeira Guerra Mundial, de 1914-1918.

Em todos os seus planos para a chamada “reconstrução” omitem o único fator útil, o único fator vital, que outorgaria sucesso ou fracasso aos seus planos — deixaram de voltar-se para o seu Criador. O tremendo sofrimento envolvido no conflito deixou de ferir profundamente bastante para que chegasse a oferecer nova orientação.

A lição foi mal aprendida. Enquanto enchiam a cabeça com grandiosas fantasias, a omissão do fator “x” ou valores espirituais, arrastou seus planos para a queda e para a morte, no próprio momento em que nasciam. Teremos de suportar novamente o sofrimento, e aprender a pavorosa lição de uma forma ainda mais severa? A Natureza nos está sempre ensinando, mas nem sempre estamos dispostos a aprender.

* * *

Seria uma pena que tivéssemos de tatear nosso caminho através de uma segunda grande guerra mundial para encontrar a procurada era de coisas melhores, mas a culpa seria nossa. Contudo, não sou um desses pessimistas mórbidos que vêem tão terríveis coisas acontecendo por predeterminação, e aventuro-me a entreter certa esperança que pode ser negada a outros. Mas está meridianamente claro que a não ser que apareça algo de novo em nosso meio, para reviver a vida espiritual no mundo, que está morrendo, a existência se tornará uma selva brutal, e a própria vida perderá seus mais belos valores. Embora eu não seja um grasnante pessimista, embora acredite que o coração inato do homem é bom e sólido, não estou cego para as forças ameaçadoras que se estão reunindo em torno de nós. Se os deuses permitirem que o materialismo presente continue indefinidamente, dentro de duas ou três gerações mais as pessoas estarão procurando um dicionário para descobrir o significado de palavras tais como “espiritualidade, boa vontade, bondade, paz e altruísmos”. Nós nos extraviamos da senda da espiritualidade, e teremos, necessariamente, de retornar a ela. Continuar para a frente pela simples força do hábito, e por tradição, é loucura. Voltem para o caminho certo — é o conselho dado pela sabedoria.

* * *

Os deuses estão encurralando o mundo. Nosso chamado progresso, nosso movimento aparente para cima, para a perfeição, mostra-se cada vez mais unilateral, e, portanto, ilusório. Tudo em torno de nós é testemunha vociferante

do erro que cometemos arrancando da vida o núcleo espiritual. Estamos caminhando para um beco sem saída. A Natureza, derrotada, exerce sua vingança de outras maneiras. Cada melhoramento para a vida material tem sido pago pela humanidade por um preço amargo, com a perda da visão espiritual interior e das faculdades psíquicas.

Se o mundo for sensato, reconhecerá francamente sua posição e saberá submeter-se e render-se. Centenas de remédios são oferecidos à nossa decrépita civilização, desde a revolução furiosa até a ditadura completa, mas a doença é tal que desafia todos os remédios que não sejam baseados no reconhecimento dos valores espirituais. Doença espiritual necessita o remédio correspondente. A visão de Deus no homem, que animou grandes líderes do passado e fez nascer grandes acontecimentos, desapareceu. A não ser que a restaurem, todos os nossos esforços continuarão a mostrar-se penosamente inúteis. Só os que podem restaurar aquela visão têm o remédio exato. Pusemos as últimas coisas em primeiro lugar e as primeiras em último. Essa é a razão principal pela qual a humanidade está nesse estado caótico nos dias de hoje, a razão pela qual o mundo está doente em seu coração, em consequência de seus sofrimentos. Os problemas políticos, econômicos, e sociais, são apenas uma fachada altaneiramente construída, que esconde o problema real. É a atitude errada do homem em relação à vida — e, conseqüentemente, ao seu próximo, que forma nossa aflição maior.

Se isso pudesse ser corrigido, tudo o mais se corrigiria, automaticamente. Os homens discutem violentamente sobre seus Governos, mas deixam escapar a causa verdadeira de todos os transtornos — eles próprios. A desapontadora experiência dos anos do após-guerra indica que a humanidade não enfrentou sua crise com o espírito adequado. As formas erradas de pensar têm de ser repelidas. O mundo não pode fugir à decisão. Deve aceitar a Regra de Ouro — ou aceitar a derrota.

Não podemos diminuir o alcance da nossa visão. Uma nação disposta a deixar-se guiar por princípios mais altos, está fadada a beneficiar-se, no fim de contas, digam o que possam dizer os sábios do mundo. A tarefa de espiritualizar nossos valores, o trabalho de respaldar nossa civilização com material divino, não pode deixar de justificar-se completamente.

* * *

Porque o homem não pode existir sem uma vida mais alta. A Rússia depôs Deus apenas para deificar o Comunismo. Os homens pretendem ser indiferentes ao pensamento de Deus: podem, mesmo, declarar-se, com ousadia, completos descrentes. Ainda assim, há uma secreta insegurança neles, quanto a estarem realmente certos disso.

Portanto, dessa maneira mesmo, Deus está tentando falar com eles. Devemos esperar que os deuses permitam que milhões de seres deste mundo pereçam miseravelmente, enterrando suas derradeiras esperanças, privados de luz espiritual e mergulhados no embotamento da existência material? Nós, que acreditamos naquele Poder Mais Alto, achamos que não. Esperamos a hora marcada pelo destino, quando, dentro de um tempo facilmente mensurável, a lâmpada sombria de novo brilhará. Então, purificado pelo sofrimento, e iluminado por experiências mais altas, o homem tornará a erguer-se do estado inferior em que se acha, e reassumirá, mais uma vez, sua divina soberania.

7

Religião

A inteligência da massa está lamentavelmente atrasada em relação às descobertas de cientistas avançados como Einstein, ³⁷ Eddington, ³⁸ Lodge ³⁹ e Jeans. ⁴⁰ Enquanto os primeiros mergulharam mais profundamente na consciência material, os últimos ergueram-se em contato confirmatório com a verdade da realidade espiritual. A ciência, realmente, através de suas melhores mentalidades, tornou-se um pouco mais reverente.

^{37.} Albert Einstein (1879-1955), físico, nascido na Alemanha, naturalizado americano do norte, autor da célebre Teoria da Relatividade. Prêmio Nobel em 1921.

^{38.} Arthur Stanley Eddington (1882-1944), físico e astrônomo inglês.

^{39.} Oliver Joseph Lodge (1851-1940), físico e escritor inglês.

^{40.} James Hopwood Jeans (1877-1946), físico, astrônomo, e escritor inglês.

Ainda assim, não tem que agradecer às doutrinas religiosas pelos seus avanços, e sim, aos seus próprios e sinceros esforços. A religião, que nos tempos antigos instruía os homens na verdade e lhes dava vivificante sustentáculo espiritual, desmoronou diante do intelecto em desenvolvimento do homem, e não pode enfrentar suas críticas razoáveis. Se as doutrinas que, em sua mescla, passam por religião hoje em dia, tivessem sido um por cento verdadeiras, os líderes religiosos nada teriam a temer dos progressos da ciência.

* * *

O Cientista começou a despir o disfarce do Universo, e a olfatear a presença do Criador desse Universo.

* * *

Não sou membro de qualquer confissão religiosa, no sentido convencional. Não sou cristão, judeu, muçulmano ou hinduísta. E confessarei, francamente, aqui, que nasci sem qualquer tendência particular para a religião, e que as niquices teológicas me divertem. Mas sou um crente em muitas das grandes confissões religiosas, de acordo com a interpretação que, tenho a certeza, seus próprios Fundadores lhes deram.

Sou cristão até o ponto em que estou de acordo com São Paulo, quando ele diz: “E se eu tiver o dom da profecia e conhecer todos os mistérios, e quanto se pode saber, e não tiver caridade, não sou nada”. ⁴¹ Sou budista até o ponto em que compreendo, com Gautama que só quando o homem abandona todos os seus desejos é que está realmente livre. Sou judeu até o ponto em que acredito profundamente na expressão: “Ouve, Israel, O Senhor nosso Deus é Um”. Sou hinduísta até o ponto de aceitar e praticar a soberana ciência da ioga, a ciência da união com o eu espiritual. Sou muçulmano até o ponto de confiar em Alá, acima de tudo. E, finalmente, sou um adepto de Lao-Tse ⁴² até o ponto em que aceito sua percepção dos estranhos paradoxos da vida.

41. I Epistola de São Paulo aos Coríntios, cap. 13, v. 2: “E se eu tiver o dom da profecia, e conhecer todos os mistérios, e quanto se pode saber, e se tiver toda a fé, até ao ponto de transportar montes, e não tiver caridade, não sou nada”.

42. Filósofo chinês (604 a. C.). Inculcou as virtudes da compaixão e da humildade e recomendou que se retribuísse o mal com o bem. Hoje, o Taoísmo pouco se relaciona com o que pregou o filósofo ao qual atribuem sua fundação.

Mas não irei, nessas confissões religiosas, além dos pontos expostos: eles são os limites indicadores, junto dos quais eu retorno. Não caminharei com os cristãos na exaltação de Jesus — a quem amo mais profundamente do que muitos deles — acima dos outros mensageiros de Deus. Não caminharei com os budistas na negação da beleza e dos prazeres que a existência me oferece. Não caminharei com os judeus para os apertados grilhões da mente quanto a observâncias superficiais. Não caminharei com os hinduístas para um fatalismo inerte, que nega a força divina inata no homem. Não caminharei com os muçulmanos para a prisão de um único livro ⁴³ por muito sagrado que ele seja. E, finalmente, não caminharei com os taoístas chineses para um sistema supersticioso de cerimonial, que ridiculariza o grande homem que pretende honrar.

43. Corão ou Alcorão, livro sagrado do islamismo, ou maometismo. Corresponde à Bíblia dos Cristãos.

Não acredito que Deus tenha dado o monopólio da Verdade a qualquer de nós: o Sol nasce para todos. Não há país ou raça que possa reivindicar tal monopólio, e a inspiração divina pode descer sobre os homens, em toda a parte. Não há credo que tenha o poder de adquirir os direitos autorais da Verdade. Portanto, posso ver, com visão imparcial e desprendida, por que se ergueram e se tornaram grandes, e por que estão, em alguns casos, em declínio e queda.

* * *

Cada credo e seita acredita, ingenuamente, que o Criador tem um interesse particular em seus negócios particulares. Acontecimentos banais, de todos os dias, tornam-se desfigurados através do olhar munido dos óculos cor-de-rosa das dispensações especiais de Deus. Os mais insignificantes casos erguem-se,

altaneiros, como notáveis milagres, realizados em seu especial proveito. É preciso manter o senso das proporções nessas coisas.

* * *

As diferenças denominativas que levaram os puseístas ⁴⁴ de esquecida memória a negar o céu aos presbiterianos ⁴⁵ e que iludiram os presbiterianos para que fechassem suas portas aos puseístas, passaram a ser coisas fúteis nesta época racional. As vãs discussões das nossas seitas devem morrer, humilhadas, diante da Grande Presença.

^{44.} Partidários de um movimento anglo-católico surgido em 1843. O nome vem de um de seus líderes, Edouard Pusey.

^{45.} Protestantes que não reconhecem hierarquia eclesiástica acima de presbítero ou ministro.

Disse o profeta persa, Abdul Baha: ⁴⁶ “A religião deveria unir os homens em toda a parte. Ao invés disso ela os divide e separa. A religião mostrou ser, entre os homens, uma navalha, quando deveria curar-lhe as feridas”. Homens de pensamento observam isso e perdem seu ardor pelo que deveria dar ao homem seu mais ardente estímulo. Torna-se esclarecedor e instrutivo comentário sobre a vida moderna o notar-se que um conferencista, na *University College* de Londres, fazia duas perguntas aos seus estudantes, há alguns anos: “Acreditam em Deus?” era a primeira. A resposta foi um unânime: “Não!” “Sentem alguma necessidade de acreditar em Deus?” A segunda resposta também foi unanimemente negativa.

^{46.} O nome verdadeiro era Abbas Effendi (1844-1921). Lider da religião persa, o Bahaísmo, ou Baheísmo. Pregava a união da humanidade e a paz universal.

Podemos censurar inteiramente esses jovens diplomandos? Muitas doutrinas teológicas cheiram a cemitério: seus ossos apodrecidos causam repulsa à viril gente jovem de nosso século. Assim, a religião codificada passou, na maior parte do mundo, o junho de suas vidas, e está começando a mostrar a forma engelhada que precede a ruína. A idade sombria das ameaças teológicas, quando as pessoas, por puro medo, eram trazidas aos pés de um Deus fabricado, já não existe.

* * *

Embora tenhamos começado a duvidar tão vastamente da religião, não é necessário atirar o bebê fora, com a água do seu banho! Embora nos ocupemos em rejeitar as superstições, os absurdos e as carolices da religião, não é necessário atirar fora belezas, verdades, e realidades interiores.

* * *

Quando o credo se insinua e instala os ídolos de madeira, a espiritualidade suspira tristemente e se vai embora. Do caminho reto e estreito que Jesus

mostrou aos homens, vemos, hoje, trezentas amplas estradas. Cada uma delas é chamada Cristã, e cada uma delas pretende conduzir ao céu.

* * *

É conveniente para muitos recordar o nascimento de Cristo a cada ano, mas é igualmente conveniente esquecer Seus princípios.

* * *

Os teólogos diferem e estão em desacordo. Para compreender como pode ser doce e simples a verdade espiritual, só precisamos ler as palavras de Jesus. Para compreender quão tortuosas e repulsivas o não iluminado pode tornar essas palavras, basta-nos ler as lamentáveis expansões de alguns que pregam em Seu nome. Para saber com que bondade os espiritualmente fortes tratam os espiritualmente fracos, só precisamos recordar como Jesus falou a Maria Madalena. Para saber com que crueldade os pseudo-religiosos crucificaram a fragilidade humana, basta-nos aprender a história interna de cada cidade, no cristianismo.

Deus é um assunto de que os homens falam com frequência, mas raramente entendem. Ao ler aquelas rubras páginas da história, não consigo encontrar muitos dos suaves gestos de misericórdia que Jesus ensinou aos Seus adeptos, para que os praticassem. Apesar disso, cada aldeia da Europa tem sua igreja, e o sino dessa igreja tange, chamando os devotos.

A mesma coisa, precisamente, aconteceu na Índia, sob outra fé. Clérigos obstinados e sacerdotes obtusos, cujos corações estavam mais cheios de doutrinas mortas do que de amor divino, não deviam culpar a ciência, os céticos, o modernismo, ou o materialismo, pela debandada dos adeptos, mas a si próprios.

* * *

É tal a bondade de alguns clérigos, que se nos caceteiam com sermões faltos de inspiração enquanto estamos vivos, confortam-nos com túmulos consagrados, quando morremos. Ouvindo os insípidos sermões de alguns clérigos, é difícil aceitar que realmente creiam e confiem naquilo que pregam. É difícil acreditar que também eles foram convertidos com Saulo, na estrada de Damasco, ou que estiveram de pé, destemidos, ao lado de Jesus, diante de Pilatos.

* * *

Parecem homens que se tornaram excessivamente ligados à Bíblia, estreitando a vida para encaixá-la em escrita e citação, incapazes de confirmar, pela sua própria experiência, os altos ensinamentos que tentam propagar. Com sua visão

mundana têm podado as palavras de Jesus e de Crisna de seus verdadeiros sentidos e implicações. Outrora, o padre interpretava Deus para o homem; agora ele se interpõe entre Deus e o homem.

O sacerdote do templo da Índia é primo-irmão do sacerdote ou do clérigo da Europa. A história da maioria das religiões de hoje é a mesma: sacerdotes sem inspiração governam onde outrora viveram os profetas inspirados. Nosso século desiludido fez a desagradável descoberta de que seus guias espirituais não são, necessariamente, espirituais; de que quando abençoam exércitos opostos, ou propõem políticas contraditórias com igual veemência, apenas se revelam homens comumente cegos, que têm opiniões, tal como leitor e eu, e outros mortais menos esclarecidos.

Também é verdade que os curadores da religião sectarista em cada país estão entre os primeiros a atacar a verdadeira religião, quando esta última aparece publicamente e é exposta pelos grandes profetas. Já que retiram seus estipêndios apoiando mescla de atrasadas e obsoletas superstições e audaciosas verdades, mal se poderia esperar que suportassem a Verdade sem diluição.

* * *

Qualquer vila construída à última hora pode ser mais sagrada para nós do que Jerusalém, contanto que nossos pensamentos sejam sagrados enquanto ali vivemos. A verdadeira santidade está dentro de nós, não em paredes de pedra ou em telhados de vigas de madeira.

* * *

Cinco religiões diferentes são, apenas, cinco maneiras diferentes de falar de Deus.

* * *

Quando uma religião sofre de decadência senil espiritual, as pessoas se tornam demasiadamente dependentes de formas meio congeladas e de uma distante Deidade, através dos ofícios de um sacerdócio não iluminado. As costas deste último ficam carregadas de tralhas teológicas, e as das primeiras se curvam sob futilidades antiquadas. O que deveria ser a voz divina para os vivos, torna-se sombrio e insípido, incapaz de responder às necessidades atuais, e constantemente revertendo a um passado morto.

Podemos culpar os jovens que hesitam em confiar seu destino espiritual aos que dizem enfadonhas banalidades sobre a divindade, porém bem pouco mostram dessa divindade neles mesmos? Sacerdotes cujos dogmas se revelam tão revestidos de ferro e tão intolerantes quanto eles podem fazê-los; pregadores que estão mais preocupados com o aluguel dos bancos do templo do que com

a espiritualização de seus próprios eus; clérigos prisioneiros das doutrinas não provadas que pertencem ao seu grupo; bispos de batinas abotoadas que cometem o erro de imaginar que uma organização religiosa deve ser sustentada pelo Estado, respaldada pelo poder do Estado e alimentada pelas finanças do Estado, ao invés de ser a Igreja inspirada e vital bastante para apoiar o Estado com sua energia espiritual; clérigos que derramam insuportável cantilena e santificam parvoíces, suas palavras ocas voltando com o eco pelas paredes das igrejas meio desertas; adeptos que não aprenderam sequer a primeira letra do alfabeto da verdadeira religião, assim merecendo a cínica e sábia frase de Montesquieu ⁴⁷ quando lhes pedia que “se não podiam agir como cristãos, agissem ao menos como homens!” — todos esses servidores sem visão de um Deus irracional, não deveriam deplorar as deficiências da nossa geração, mas atentar para as suas próprias deficiências.

^{47.} Charles de Secondat de Montesquieu, barão de la Brède (1689-1755). Filósofo e historiador francês, autor, entre outras obras, das célebres “Cartas Persas”, do “Espírito das Leis”, e da “Grandeza e Decadência dos Romanos”.

* * *

Há quatro séculos e meio atrás um homem saiu de seu mais alto êxtase espiritual e ensinou a verdade à Índia. “Não há hinduísta nem muçulmano”. E disse aos brâmanes que “o verdadeiro sacerdote é aquele que conhece Deus”. Então ele, o guru ⁴⁸ Nanak, nascido entre os hindus, foi à Meca ⁴⁹ muçulmana e ali disse ao xeque Farid: “Alá é sempre o objetivo dos meus esforços, ó Farid. Alá é sempre o meu objetivo”.

^{48.} Nanak Nirakari, que quer dizer “Servo Daquele que não tem forma”, nasceu numa aldeia próxima de Lahore, Índia, no ano 1469 a. C. Foi reformador e pacificador. Não queria divergências entre hinduístas e maometanos, e a quem lhe perguntava a qual das duas religiões pertencia, dava a seguinte resposta: “Só há uma religião fundamental. Eu apareci nesta era para indicar aos homens o caminho. Rejeito todas as seitas e só conheço um Deus, a Quem reconheço na terra, nos céus, e em todo o lugar”. “Guru” é palavra sânscrita que quer dizer “mestre”, no sentido didático de instrutor de uma disciplina científica, ética ou filosófica. Em geral, aos mestres de espiritualidade e sabedoria só os “chelas”, ou discípulos, noviços, dão esse nome.

^{49.} “Mãe das cidades”, uma das mais antigas cidades da Arábia, ponto de peregrinação obrigatória para os maometanos.

* * *

É melhor abordar esse tortuoso assunto de maneira direta. Nenhuma igreja verdadeira de Deus insistiria com seus adeptos para que odiassem seu próximo, e a que isso faz é antes uma instituição do demônio, apesar de todas as niquices de suas reivindicações e rituais. Nenhuma organização pode silvar através de seus dentes quebrados, instigando o ódio contra todos os hereges, e esperar que acreditemos que faz isso em nome de Quem disse: “Paz na terra aos homens de boa vontade”.

Talvez o cravo mais agudo no flanco do doce Jesus tivesse sido enterrado, não em Seus próprios dias, mas em tempo posterior, quando as doutrinas de salvação foram pregadas com a ajuda do cavalete das torturas, dos feixes de lenha inflamados, e do madeiro do carrasco.

É mérito de uma religião “pagã” como o Budismo, o fato de que nunca precisou nem procurou propagar a idéia de uma vida espiritual através de tais horrores, de que não recomendou suas verdades racionais através da machadinha, ou tentou suprimir a razão irreprimível do homem usando outros meios assim delicados. Só as pseudo-religiões tentaram difundir sua doutrina, que não podia entrar à força na cabeça dos homens por meio da inteligência, torturando-lhes os corpos nos cavaletes.

Agradeço às minhas boas estrelas o fato de não viver em épocas em que a hierarquia da Igreja e do Estado considerava necessário dar a homens mal orientados, como eu, algumas voltas aos parafusos dos potros, [50](#) de vez em quando, se não fizessem pior e não terminassem o trabalho na fogueira. Apesar de que em nossa época não nos queimam, apenas zombam de nós, podemos suportar melhor a zombaria do que o fogo!

[50. Cavalo de madeira onde os acusados ou condenados sofriam torturas.](#)

* * *

Nunca ocorre a um sacerdote ou a um clérigo que um místico possa estar muito mais engajado no serviço de Deus do que eles estão — embora esse místico não tenha credo, nem igreja, nem sermões.

A verdade é que devemos afastar qualquer doutrina que reivindica pertencer a Deus, e ainda assim ousa excluir qualquer filho de Deus de suas fileiras ou das consolações de seu credo. Devemos, com todo o direito, suspeitar de homens que falam voluvelmente de Deus mas comportam-se como o demônio, por muito sincero que seja o motivo que tem para isso.

Pode parecer surpreendente para a mentalidade popular o dizer-se que se não se deseja um ateísmo absoluto, não se deve ter um fanatismo duvidoso, mas é verdade. O fiel de qualquer religião tenta encurralar Deus para si próprio, o aloucado de cada credo pensa que Ele estreita Seu amplo amor para aquele rebanho em particular. Mas Seus filhos devem ser encontrados, necessariamente, entre cristãos, judeus, muçulmanos, hinduístas, confucianos, e ateus, entre os que pertencem a um credo ou a nenhum, entre todas as castas e qualidades: porque Ele é o Pai Supremo de todos, sem exceção. De outra forma não poderia ser Deus.

* * *

O Adão e Heva da Bíblia hindu — os Vedas [51](#) ainda ecoam no Adão e Eva da Bíblia Hebraica. Os sábios vêem uma fonte comum para ambas as referências. Os preconceituosos vêem, apenas, um empréstimo, um plágio. Os intolerantes percebem somente impostura e fraude voluntárias. A história real do homem dos primeiros tempos pode ser revelada aos que não têm crenças, mas continua em branco para os que alimentam prevenções. A verdade nua é simples demais para eles. Precisam vesti-la com as roupas coloridas do mito e da fábula. Assim, a primeira raça dos homens vem a confinar-se no primeiro homem pertencente à fábula.

[51. Palavra sânscrita que significa “suma do conhecimento”, ou “conhecimento que em si mesmo contém a verdade”, isto é, “revelação.” São quatro, os Vedas: o Rigveda, o Samaveda, o Iajurveda, e o Atarvaveda, e formam o conjunto dos Livros Sagrados da primitiva religião da Índia.](#)

* * *

A obtusa piedade formal e a aceitação destituída de pensamento não se acomodam com as necessidades mentais de hoje. Já se foram os velhos dias, quando os guardiões de uma religião dogmática tornavam-se, inevitavelmente, conforme nos ensina a história, os carcereiros da mente dos homens e tentavam refrear o fluxo ascensional do pensamento humano. A fé que deve guiar o mundo moderno, onde quer que apareça, quem quer que a inspire, terá de apresentar uma face intelectual.

O surgimento de uma idade da razão está, infelizmente, mas inexoravelmente, pondo fim aos serviços religiosos carentes do espírito da verdadeira religião e às figuras sacerdotais que não representam deus mais nobre do que seus pequeninos eus. Crenças cegamente sustentadas, conquanto sejam recantos confortáveis para se dormir, não satisfazem o temperamento moderno. Queremos saber o como, o por quê e o para quê das coisas, inclusive da religião. Tal como curvadas e ressequidas anciãs, as organizações religiosas do século vinte ainda vão murmurando as velhas estultícias daquela versão irracional das Escrituras Hebraicas, que já há mais de mil anos atrás Santo Agostinho [52](#) considerou demasiado infantis para ser consideradas.

[52. Célebre Doutor da Igreja, nascido em Tagaste \(África Romana\), em 354, autor de inúmeras obras, entre as quais as mais conhecidas são: “Confissões” e “A Cidade de Deus”. Seu pensamento exerceu grande influência em sua época. Foi bispo de Hipona \(cidade da Numídia, ao Norte da África, junto do Mediterrâneo\) e ali faleceu em 29 de agosto de 430.](#)

Porque um grupo de israelitas se reuniu, pelo menos dez séculos depois de Moisés, e codificou suas tradições espalhadas numa coleção de livros, e porque um segundo grupo de cristãos fez a mesma coisa trezentos ou quatrocentos anos depois de Cristo, milhões de homens já não devem pensar, não devem usar a inteligência com que Deus os dotou, mas precisam aceitar as opiniões daqueles homens mortos, por todo o tempo, como se as tivessem recebido de Deus.

As brilhantes vitórias de Voltaire, 53 entretanto, homem que sacudiu a sociedade de seu tempo com os silogismos de sua lógica devastadora, começaram a limpar a atmosfera dos odores bolorentos da superstição, e as décadas que se seguiram à sua morte continuaram com o processo. Pedir que se acredite em dogmas empoeirados só porque são antigos, levando assim a fé a colidir com a razão, é invalidar o verdadeiro progresso.

53. Jean François Marie Arouet de Voltaire (1694-1778), dramaturgo, cético, e historiador francês, nascido em Paris. Teve existência agitada, foi exilado para a Inglaterra, retornou à França, onde morreu. Entre suas obras, grandemente estimadas, estão “Zadig”, “Candide, ou o Otimismo”, “O Século de Louis XIV”, “Dicionário Filosófico”, e muitas outras.

A crua concepção de sacerdotes ignorantes, de que o mundo começou há apenas alguns milhares de anos, de que os maravilhosos e intrincados corpos da humanidade se desenvolveram em alguns minutos nas mãos de Deus, e de que a alma divina foi então acrescentada a esses corpos, como uma espécie de pensamento posterior — são tolices que necessariamente se desvanecem no ar rarefeito, sob os golpes lançados pelas ciências geológica, biológica, e psicológica.

* * *

Não precisamos perder nosso senso comum para manter nossa consciência.

* * *

Vivemos na época mais cética da história. Respiramos uma atmosfera de ardentes debates e acrimoniosa suspicácia. Fé vem a ser, para muitos, a palavra mais tola do dicionário do século vinte. É clara a razão de tal coisa. A crédula estultícia de nossos antepassados criou o ceticismo de hoje. Os que estão dispostos a aceitar as veneráveis tolices que se mesclaram à verdade que outrora mantinha influência prescritível sobre os de mentalidade religiosa, diminuíram, e formam minoria.

A ciência e a história esmiuçaram, ampla e ousadamente, os registros tradicionais da religião, e reduziram-nos à forma de maltratados farrapos. Escrituras carregadas de fábulas pitorescas e figuras impossíveis, com as revelações autênticas adulteradas para estranhas superstições, não podem servir ao educado século vinte, a não ser que sejam editadas e revistas. E quem, entre nós, tem competência para isso? A verdade deve ser agora ensinada em linguagem clara e com exatidão científica, ou mal servirá para alguma coisa. A razão, fazendo caminho ascensional no horóscopo do homem, pede que a apresentação da Verdade seja daqui por diante racional. Se não puder se mostrar convincente, não permitirá a si própria ser engabelada.

* * *

Embora a visão de todo o mundo lhe seja negada, ainda assim o mais cego dos homens pode ver Deus.

* * *

A nova fé do nosso tempo não mais solicitará de seus partidários que acreditem e preguem uma mistura de tolice e sabedoria, de ignorância e de verdade, mas que não se deixem ligar a doutrina alguma, que tomem toda a amplitude da verdade espiritual como coisa sua, e que preguem apenas aquilo que sua consciência e sua razão possam reunir em perfeita concórdia. Isso se fará o arauto de uma coordenação que está para vir, entre a religião, a ciência, e a filosofia.

A religião precisa tornar-se racional e o racionalismo precisa fazer-se religioso. Essa é a solução que os tempos modernos irão encontrar. Se o povo do século vinte tiver de receber algum auxílio das antigas doutrinas, pode recebê-lo alegremente, mas apenas se lhes for permitido dar as boas-vindas com as mãos livres; não se lhe deve solicitar que se amarre a cadáveres de dogmas já ultrapassados. Mesmo as regras de vida têm de ser tratadas dessa maneira. Porque as antigas regras de vida, que foram registradas em escrituras santas, numa época em que os que as estruturaram não podiam ter antecipado as condições dos dias presentes, não devem, necessariamente, ligar-nos àquela época.

A Sabedoria Divina que, através de algum profeta, deu nascimento àquelas regras desgastadas, pode, agora, dar nascimento também a regras novas. Ela não é tão desvalida que, tendo falado uma vez, tivesse sido ferida de mudez para todos os tempos que se seguiram. E nós somos criaturas da época em que vivemos. Nascemos para expressar a mente e o coração do século vinte, não do século três. Portanto, uma religião que foi formada para atrair os homens do terceiro século, talvez nos deixe inteiramente frios.

Um sistema formal, se for propagado hoje, tem de ser recém-nascido. Nosso futuro está com o divino Eu Superior, não com aquelas antigas escrituras recobertas de pó. Porque a religião é apenas uma manifestação da Verdade. É somente um balde de água, dado a um povo em particular. O poço não se exauriu quando lhe retiraram três ou quatro baldes de água para serem distribuídos. Desçamos nossas vasilhas para ele, mais uma vez, e faremos subir uma colheita de água cristalina, adequada para ser bebida pelos nossos próprios dias e época. Embora, entretanto, a técnica da vida espiritual possa modificar-se para se acomodar à nossa época modificada, não nos esqueçamos de que seu núcleo é eterno — a entrega do eu pessoal ao divino Eu Superior.

* * *

O amor é a força mais poderosa do Universo. Por isso é que o Ser Supremo deve conquistar definitivamente o mundo. Porque Ele ama Suas criaturas, e tanto, que estas se renderão completamente a Ele, um dia.

* * *

O mundo moderno não pode digerir a cruel e rude doutrina da condenação eterna. Será capaz de digerir a doutrina racional, e mais doce, da salvação eterna? Todos têm de ser salvos e levados ao Mais Alto, porque todos trazem o átomo divino em seu coração.

8

Intelecto

Embora possamos prever que a religião necessita assumir uma encarnação intelectual se quiser corresponder às exigências dos dias presentes, não queremos dizer com isso que devemos continuar com o presente e exagerado culto do intelecto. Este último tem, também, suas penosas limitações, e sofre da mesma cegueira que leva a não querer ver tais limitações. Na verdade, a reverência pelo intelecto se faz ridícula quando levada a extremos: se Cristo viesse hoje, esperaríamos que ele trouxesse um título de bacharel, ou de doutor.

* * *

Os Sábios não precisam apoiar a Verdade com o círculo vicioso da argumentação.

* * *

A riqueza intelectual do mundo inteiro é nossa, agora, porém nós bem pouco mais sábios somos. Ainda cogitamos sobre o porquê de ter sido feita a Terra, e em qual será o significado da vida. Gostaríamos, ainda, de aprender a arte do autocontrole e o caminho para a felicidade imperturbada. Ainda nos inquietamos com alguns inesperados lampejos de pensamento indagador, que se movem através de nossa mente, e perguntamos por que um Deus bom pode permitir o mal e o sofrimento.

Gostaríamos, também, de descobrir o segredo da morte e de estarmos capacitados a responder esta pergunta: “A beleza da mulher é apenas uma prêsca dos vermes?” A vida, que se estende desde o ilusório até o ilimitado, conserva-se, sempre, o mais torturante dos problemas.

* * *

Quando os químicos modernos descobriram que o átomo não era a última palavra no lado material das coisas, e que o chamado universo físico vai empalidecendo até desaparecer numa Força invisível e praticamente desconhecida, todo o pensador profundo deve ter sabido que havia sido dado o golpe de morte no evangelho do materialismo brutal.

* * *

O materialista intelectual insiste em tomar uma posição: insiste em ficar em atitude vertical, mas de cabeça para baixo, e daí estudar o universo tal como o vê. Podendo ver apenas a terra escura, apressa-se a tirar a conclusão de que ela é o todo-Existente. Se ao menos se desse ao trabalho de trocar de posição, poderia ver tanto o céu como a terra, e assim ganharia perspectiva mais verdadeira. Isto é uma descrição que roça pelo artifício, bem sei, mas aplicável à acusação que faço quanto à sua parcialidade.

O intelectual usa a faculdade de observação e a faculdade de razão, aplica ambas ao estudo do mundo, mas não as aplica ao estudo de si próprio. Oh! Sim! Está disposto a estudar o limite externo do seu eu, as paixões e pensamentos que latejam através de sua personalidade, mas está totalmente relutante quando se trata de penetrar mais fundo, e de descobrir QUEM está atrás dessa personalidade.

* * *

O saber é bom como um passo no caminho da realização do Eu Superior, mas é mau como túmulo no qual encerramos nossa cabeça e nosso coração.

* * *

A lógica é um instrumento notavelmente útil. Podemos realizar muitas, proveitosas, e necessárias operações de natureza comercial, doméstica, prática, ou profissional, com a sua ajuda. Apesar disso, tanto a história como a experiência nos dizem que a lógica é usada com frequência para justificar uma mentira. Na realidade, o homem superficial considera a lógica um meio útil para provar que se está certo, quando se está errado. Assim, ele se impõe sobre pessoas que aceitam qualquer coisa, por mais enganosa que seja, contanto que lhe venha apresentada sob o disfarce externo das provas lógicas.

A lógica é servidora admirável para quem a emprega sensatamente, mas, na realidade, é má senhora. A serviço de um tolo torna-se tanto mais discutível quanto mais lúcida se faz. Não podemos evitar que os néscios se escudem em sua lógica a fim de exhibir provas, embora como o tal cavalheiresco Dom Quixote, [54](#) não parem de confundir bacias com capacetes. O cerimonial da lógica pode ser levado a servir duas doutrinas opostas com igual facilidade, em mão de um perito. Assim, embora não precisemos atirar fora esse instrumento, devemos, às vezes, vigiar cautelosamente o seu uso.

[54. Obra célebre, sátira ao movimento da Cavalaria, do escritor espanhol Miguel de Cervantes Saavedra \(1547-1616\).](#)

O materialismo, por exemplo, depende dessa espécie de lógica para seu apoio. Os materialistas construíram uma grande super-estrutura de hábil raciocínio: a

exatidão de seu pensamento e a precisão de sua lógica só podem obter o nosso respeito. Ainda assim, através de todos os anos em que seu sistema estava sendo erigido, nunca lhes ocorreu que seus dados poderiam ser unilaterais e suas premissas incompletas. Seus vívidos intelectos construíram habilmente, pedra por pedra das consequências resultantes de suas doutrinas, e ainda assim não puderam perceber que os postulados fundamentais dessas doutrinas são verdadeiros apenas em parte. Não estou negando que suas conclusões possam ser bastante corretas, do ponto de vista que adotaram, mas digo, apenas, que “ficar de cabeça para baixo” não oferece o melhor ponto para observações sobre as quais nossa lógica possa trabalhar. Ficar primeiro de pé sobre o próprio EU — que visualiza o mundo — e depois mudar de posição, é o processo correto e completo.

* * *

Os julgamentos intelectuais sempre levarão consigo os ganchos da dúvida e do debate amarrados à sua cauda, se não levarem a negativa. A percepção espiritual direta é única livre e a única que conduz consigo completa certeza. Não quero com isso, referir-me à teorização teológica. Refiro-me a algo dentro do homem, que *sabe*. “Deus não discute: por que deverias discutir, se sabes?” — perguntou um Sábio Hindu. O abrupto lampejo de intuição é a recompensa espiritual do Sábio, substituindo nele o longo e penoso trabalho do raciocínio.

* * *

Embora nosso mundo tenha dado adeus à cega fé espiritual, não precisa dizer adeus à investigação espiritual.

* * *

Ainda assim, quem disser que a verdade espiritual deve contradizer a lógica, estará falando disparates. A verdade espiritual é grande bastante, e ampla bastante, para receber centenas de lógicas em seu avanço, e absorvê-las todas. Cada cânone da sabedoria divina se encaixa nos cânones da lógica perfeita. Perambulei pelos amplos domínios da amável ciência do Professor Jevons, [55](#) viajei das premissas à conclusão, e lutei com as complicações do silogismo, mas nem uma só vez achei necessário atirar por sobre a amurada o meu misticismo.

[55. William Stanley Jevons — Logicista e economista político inglês. \(1835-1882\).](#)

Se um intelectual de curta visão me diz que a verdade mais alta deve ser necessariamente falsa porque é mística e portanto não pode ser lógica, eu tenho, queira ou não queira, de voltar-me e dizer-lhe que vá arranjar experiência mais profunda da vida e que não se limite ao círculo estreito do livro, do pão, e do banco.

Se ele aplicou sua lógica apenas ao mundo exterior e pensa que não a pode aplicar com sucesso a qualquer expressão de verdade espiritual, a culpa não é de tal verdade, mas dele próprio. Que saia do seu cantinho na vida e caminhe através da pesquisa e do sofrimento que todo o verdadeiro místico tem de suportar, e, então, talvez retorne silencioso, envergonhado de suas antigas formalidades e consciente da perfeita e irrefutável lógica que impregna cada escaninho, cada frincha do nosso universo.

* * *

O movimento maquinal da faculdade raciocinadora matou muitas verdades que estavam sendo criadas por homens semi-intuitivos.

* * *

A emoção é força impulsionadora mais forte do que o intelecto: habitualmente tentamos encontrar razões para os nossos sentimentos; raramente procedemos de maneira contrária.

* * *

Não devemos imaginar que adquirimos conhecimento de cada vez que adquirimos um livro. Há tomos pesados que parecem cheios de sabedoria, com suas encadernações austeras, e que se apresentam tão eruditos com sua grande quantidade de citações, que nos iludimos quanto às suas verdadeiras qualidades às vezes, a quantidade de verdadeira inteligência que contém está na proporção inversa de seu tamanho. Pode ser que auxiliem a conversação, mas não a Verdade.

Intelectuais estéreis, que ficam eternamente cogitando sobre os ovos gorados da especulação teórica, nada acrescentam à nossa provisão de verdadeiro conhecimento. Por que ouviríamos com tamanho e tão maravilhado respeito o último pronunciamento dos professores? Lemos cem páginas de sua teia de palavras e começamos a nos sentir como aquele infeliz rústico que se meteu no Trem Circular Urbano do Subterrâneo de Londres, trem que não chega a parte alguma!

Voltamo-nos para uma simples frase dos *Upanichadas* hindus, [56](#) de apenas umas cinco linhas, e contando talvez cinco mil anos; encontramos, ali, alimento e bebida intelectuais, e nos sentimos, ao mesmo tempo menos enfadados. A última produção do Universo não é, forçosamente, a última palavra do Universo! Um acadêmico procurará, com facilidade, em seu guarda-roupas mental, uma Opinião, ou retirará dele uma Teoria empoeirada, e oferecerá essas coisas a clientes tolos, com o impudente comentário que diz serem elas perfeitamente adequadas à verdade, quando, realmente, tais roupas estão apertadas nos ombros, e tão frouxas nos joelhos que serviriam melhor a um espantalho.

56. Palavra sânscrita que significa “sentar-se lado a lado”, o que equivale a “lição oral”. Toma-se, entretanto, no sentido de “conclusão dos Vedas”, ou escritos filosóficos complementares. Tratam de temas religiosos, filosóficos e metafísicos. Deus é o Ser espiritual, onipotente, onisciente, infinito, ilimitado, eterno, cuja manifestação objetiva é o universo, e em cada um dos seus pontos está por essência, presença e potência. Não confundem Deus com a Natureza, entretanto. Dizem, isso sim, que a Natureza é uma manifestação de Deus.

* * *

O intelectual discute, mas o Sábio anuncia.

* * *

A Ciência é, indubitavelmente, de interesse genuíno e evidente valor para o mundo, mas a superciência não é menos interessante e mostra-se infinitamente mais valiosa. Contudo, assim como a ciência é a faculdade intelectual que se faz a mola-mestra da cultura científica, a faculdade intuitiva é a mola-mestra da superciência.

Ainda assim o nosso orgulhoso intelecto não hesita com frequência, em declarar que não há Infinito nem Absoluto, já que não consegue acomodar o Infinito e o Absoluto na pequena caixa de ossos onde se instala o seu cérebro. Tal é a sua temeridade. Podemos apreciar o notável trabalho feito pela ciência experimental e pela ciência aplicada, sem admirar os desastrosos resultados que o abandono da superciência trouxe para nós. O estéril esquecimento dos fatos básicos que ficam por trás da existência humana, esquecimento que cobre muitas mentes, nos dias de hoje, é parte do funesto castigo.

* * *

Apesar dos eruditos e extensos volumes dos nossos professores, ainda pouco sabemos sobre o desconcertante problema da mente. O Sábio, porém, tendo sondado sua profundidade, poderá explicar-nos sua verdadeira natureza, em poucas palavras.

* * *

Os novos físicos explicaram a Matéria, mas nosso Intelecto só pode segui-los teoricamente. Há, contudo, uma faculdade intuitiva no homem, que, embora geralmente adormecida, pode segui-los de forma muito real. Nossa consciência do mundo sólido depende de nossos sentidos, que, por sua vez, são os meios de que dispomos para apreender a Matéria.

Se pudermos retirar consciência dos sentidos, durante algum tempo, em estado de pleno conhecimento, retiraremos essa consciência, necessariamente, da Matéria. E que encontraremos? Um vácuo? Encontraremos o mundo espiritual do ser, tão falado pelos grandes videntes e sábios de todos os tempos.

Para fazer essa retirada, precisamos suspender temporariamente a ação do intelecto e permitir que a ignorada faculdade intuitiva suba à tona. Quantos entre nós, porém, imoderadamente orgulhosos do intelecto e de suas reações, como somos, estariam dispostos a fazer tal coisa? Ainda assim, a não ser que façamos isso, jamais preencheremos o propósito mais alto do nosso nascimento, jamais encontraremos o verdadeiro reino do céu.

* * *

Nós, modernos, temos estado tão ocupados no estudo do mundo exterior que esquecemos, amplamente, o estudo do mundo interior.

* * *

Seria ainda melhor, se fosse necessário — e não o é — atirar toda a nossa erudição passada a uma fogueira, e esquecê-la, do que deixar que ela se ponha constantemente no caminho que nos leva à obtenção desse propósito mais alto. O apelo do eu espiritual do homem é supremamente mais importante do que o apelo de sua máquina mental. O primeiro é divino, e, respondido e obedecido, outorga duradoura felicidade; o segundo é mecânico, e só pode dar satisfação transitória.

* * *

Tenho, francamente, receio de alguns dos nossos empertigados intelectuais. Tento jamais discutir coisa alguma com eles, mantendo pitagórico silêncio diante de sua torrencial tagarelice. Porque eles têm o hábito de usar palavras mais sábias que seus pensamentos. Tais pensamentos podem ser mais superficiais do que um fosso no verão, mas as palavras nas quais eles os envolvem são ponderosas bastante para fazer com que mesmo aqueles que as usam fiquem maravilhados diante de sua própria sabedoria.

Se a filosofia nos dias presentes é com frequência relegada para o sótão, como não tendo mais propósito nos negócios práticos da vida, os próprios filósofos são culpados. A base de seu edifício mental deveria estar aqui, entre os fatos da existência humana, e não apenas entre noções teóricas que encham estantes nas bibliotecas. A posse de uma pequena facilidade literária não é prova de verdade: muitas vezes ela nada mais é do que simples escoadouro, para os escritores. O intelectual carente de espiritualidade condena-me porque não me pode compreender. Eu o condeno porque posso compreendê-lo. O cético que se propõe a examinar o místico, e chega a uma atitude mental de quem vê no outro um tolo ou um velhaco, fecha aquelas mesmas portas que estava pensando abrir. Posso enfrentar a face séria do estudo e ainda assim estar bem longe do verdadeiro conhecimento, fazendo-me simples e ingênua vítima da opinião, peteca de outras mentes.

* * *

A minha acusação final contra o superintelectual, contudo, é que ele rejeitaria um escrito inspirado porque lhe faltasse força silogística: compara-se, assim, aos que rejeitam um diamante porque se apresenta em bruto, não lapidado.

Lógica é a sua Deidade. Dificilmente se encontrará uma verdade que possa suportar o ácido da lógica bem dirigida, e um crítico inteligente pode destruir a visão verídica de qualquer homem. O Arcebispo Whately provou, com agradável ironia, ao publicar *Dúvidas Históricas Relativas a Napoleão*, que não existe fato impossível de ser desacreditado através de boa base lógica. A verdade é que os superintelectuais fazem sua própria trilha e passam o resto de suas vidas percorrendo-a para baixo e para cima. O resultado é que se tornam aptos a ilustrar o pensamento que levou o poeta Byron [57](#) a escrever:

Quão pouco sabemos do que somos!
Quão menos o que podemos ser!

[57.](#) George Gordon, Lorde Byron, famoso poeta inglês, nascido em Londres em 1788 e morto em Missolonghi (Grécia), em 1824. Um dos grandes representantes do Romantismo inglês. Entre suas obras principais contam-se “Horas de ócio” e “Peregrinação de Childe Harold”.

Os que se uniram a uma filosofia de palavras, ou se tornaram altivos pelos farrapos de conhecimento que recolheram da armazenagem infinita, deveriam ser interrogados através do método de pesquisa de Sócrates, [58](#) antes de serem colocados na atitude correta para aprender.

[58.](#) Filósofo grego (470-399 a. C.), nascido em Atenas. Teve muitos discípulos, e foi acusado de impiedade e de corrupção da juventude. Condenado a beber cicuta e tendo recusado consentir nos planos de amigos para libertá-lo, cumpriu sua sentença, estoicamente, embora a soubesse injusta. O método socrático de ensino era o do “exame dos argumentos”. Pode ser considerado como o fundador da lógica formal.

Música, Máscara e Pena

O *jazz*, outrora música da selva, bárbara, sem requinte, é agora a música desta época. Vivemos num mundo de mentalidade jazzística, onde tudo quanto é ruidoso, tudo quanto é clamoroso, tem certeza de ser ouvido. Beleza, dignidade, refinamento e serenidade, tendem a ser esquecidos, e os que gostam deles terão de esperar, em solidão, o seu retorno.

Mal se pode chamar ao *jazz* uma forma de música, embora pessoas bem intencionadas tentem convencer-nos de que ele é a última, e portanto, a mais alta evolução da música. Fêz-se o ritmo do momento, sacudindo as ruínas de séculos passados para fora de nossos corações, mas um ritmo desagradável, paralelo adequado para a nossa vida moderna, sorriso leve à superfície, amargo grito embaixo. A miséria e o materialismo do nosso mundo saxofônico estão adequadamente sincronizados com o fato de que a batida estridente e destruidora de almas do *jazz* é mais popular do que o doce e brando som do violino. Folgamos com o *jazz*, enquanto rodopiamos sem saber para o quê.

Criticamos a elevação da mente e a nobreza do espírito, mas dançamos, estaticamente, quando entramos na lama do *jazz* das plantações, porque ali encontramos um lar harmonioso. Chafurdamo-nos na sua vulgaridade simplesmente porque gostamos disso. O *jazz*, e a dança sob seu comando, com os quais nos rodeamos, são um tanto de aparência e um tanto de compensação para o fracasso espiritual de nossas vidas.

Dançar sob o ritmo estridente da música de *jazz*, embota convencionalmente correto, deixa que o animal de aspecto de pantera e de caráter frouxo se insinue sob nossa pele macia. A moral do mundo é tão caótica quanto a música que ele prefere.

A música, que pode erguer-se à altura de se tornar sussurro bendito da parte de Deus para os homens, mergulha ao nível de lúbrico ruído. A música, que pode ser a voz divina recordando-nos nosso lar espiritual avoengo, tenta agora, selvagememente, levar-nos, sapateando, para o barbarismo. A música, que podia falar do amor ideal entre o homem e a mulher, afoga esse amor em estúpido lodo.

Prefiro muito mais ouvir o trissar das andorinhas à hora do alvorecer do que uma barulhenta orquestra de *jazz* ao crepúsculo, ou voltar as costas ao mundo ruidoso e atentar para as sutis melodias que nos recordam nosso lar ancestral. Quem pode ouvir a música imortal de Beethoven, ⁵⁹ o *Minueto em Sol*, por exemplo, sem sentir algum anseio por uma vida mais bela, uma existência mais espiritual?

59. Ludwig van Beethoven, nascido em Bonn, Alemanha, em 1770 e falecido em Viena, Áustria, em 1827. Gênio da composição musical, autor de Missas, Concertos, Música de Câmara, e, principalmente, de sinfonias que se celebrizaram, como a 3.^a, chamada “Heróica” e a 9.^a, chamada “Coral”. “A história da música não oferece exemplo de evolução mais contínua do que a do gênio beethoveniano.”

Prazer é o substituto fácil que encontramos para a Felicidade.

* * *

O palco e o cinema continuam a especializar-se numa faceta da vida, e é uma faceta duvidosa. Deleitam-se em oferecer aventuras daqueles amorosos e amáveis cavalheiros que perambulam sem bússola, porém com olhos vadios, procurando aventuras licenciosas. Coisas sem importância, como maridos, eles tratam tal se fossem negligenciáveis, na escala das utilidades.

Pareceria, se fôssemos seguir sua orientação sofisticada, que as mulheres entram para o matrimônio apenas para ter o elogiável prazer de encontrar amantes fora do casamento. Que elas procuram lealdade em todos os homens, menos em seus maridos; que vivem para deleite de todos os maridos, menos do seu; e que são prêsa fácil para os alegres caçadores de esposas do nosso tempo.

Se fôssemos acreditar nos dramas, as esposas modernas nada mais seriam do que levianas Vênus, em constante trânsito entre os braços de seu marido e os de algum amante noturno, e os homens modernos seriam Dons Juans do século vinte, elegantes e dourados seres que nada de melhor têm a fazer do que procurar a quem seduzir, mascarando suas palavras adocicadas com o nome de amor.

* * *

Moral assim enlameada pode representar, ou não, a decadência da nossa época, mas oferecem uma forma de sugestão cujo poder é subestimado ou ignorado. É bastante recreativo lançar os olhos para as paixões da noite através da tela ou do palco, mas dificilmente tal coisa ajudará nossa própria moral, se fizermos disso um hábito. A sugestão é uma força: pensamentos acumulados sobre pensamentos tendem, com o tempo, a levar os que os mantêm a passagens escuras que poderão surpreendê-los.

Nossa época desenfreada não passaria pior se tivesse uns quantos antiafrodisíacos através do mesmo agente. A paralisia envolvente do que há de melhor no homem tem estado em derredor de nós e recebe demasiado apoio dos teatrólogos e dos roteiristas. Eles varrem os cantos escusos do crime e do sexo e esvaziam o balde desse lixo em benefício de suas audiências.

Porque a vida é um rápido remoinho, e a espuma se eleva mais depressa à superfície, esses escritores tomam sua espuma por verdadeira água. Sexo e crime constituem alimento para seus esforços. Um observador inteligente que aqui chegasse, vindo de outro planeta, concluiria, a partir daí, que o crime e o sexo ocupam a maior parte do nosso tempo. As tragédias do crime e da luxúria que se desenrolam no palco e na tela, podem formar diversão deleitosa para nós: são, realmente, atrações sinistras, oferecendo inconscientes sugestões. O negócio do homem não é submeter-se a influências que o degradam, mas elevar seu pensamento e enobrecer suas emoções.

* * *

A juvenzinha apaixonada pelo cinema suspira e anela pelo seu homem da caverna, seu adorado xequê. Quando o obtém, descobre que ele não passa de um brutal. Assim, outro romance nascido do cinema é rudemente rompido. Outrora, o palhaço era suficiente para divertir a multidão: agora, nada menos que o criminoso da tela poderá bastar.

* * *

A sensualidade é recompensada enquanto a espiritualidade é repelida. A estrela sensual de cinema, que movimenta as frívolas emoções das adolescentes e dos fracalhões que usam calças, pode esperar tornar-se milionária em dólares. O sábio sem egoísmo, que devota seus dias e sua energia à sublime e nobre pesquisa da Verdade, por si mesmo e por amor à humanidade, pode esperar tornar-se um mendigo.

* * *

As massas, que antigamente cultuavam Deus e reverenciavam Seus profetas, agora cultuam os cinemas-templos e reverenciam suas estrelas. O sexo e o crime recebem, hoje, todas as glórias e todo o romance. Corretamente manejado, com homens inspirados ao leme e inspiradas histórias na tela, o cinema poderia ajudar a educação das massas para que fizessem a espantosa descoberta de seus eus espirituais, o mais maravilhoso dos romances. Ao invés disso, ele as está ajudando a mergulhar na indiferença.

* * *

A inteligência do homem modificou a face do vício e deu-lhe o aspecto de virtude. O adultério, outrora visto como pecado lamentável, é agora considerado como

parte elogiável da experiência de cada casal, se quisermos atender às sugestões dadas pelo nosso palco galicista.

* * *

A canção, o palco e o cinema oferecem notáveis e eficazes meios que podem servir a causas construtivas da vida: a grande arte de qualquer tipo pode inspirar o homem para a verdadeira satisfação e para pensamentos mais nobres. Ao invés disso, deixamos que as massas retirem satisfação espúria de divertimentos espúrios.

* * *

Se fôssemos julgar pelos notáveis sucessos no palco, o libertino, o *gangster*, e o vigarista, são os heróis da multidão, seja esta última a de Bowery ou de Mayfair. ⁶⁰ Observamos com avidez as façanhas de um homem de moral frouxa, e aclamamos vivamente as aventuras do criminoso cuja entrada em nossas vidas dificilmente seria permitida.

⁶⁰. Respectivamente, o bairro pobre e o bairro rico de Londres.

* * *

São comuns, hoje em dia, os livros que expressam, sob nobre linguagem, os medíocres pensamentos de pessoas mesquinhas. Preferimos mixórdia à literatura. Quão pobre parece nossa moderna produção por lhe faltar a qualidade divina que animou muitos dos antigos escritores, que se iniciaram na realidade dos deuses e tiraram sua inspiração do poço sagrado da alma.

Os escritores da antiguidade não eram inteiramente néscios. Há abundantes verdades vivas escritas nas chamadas línguas mortas. Há mais sólido sentido num só volume das palestras de Epicteto, ⁶¹ tal como foram registradas na língua grega, do que em cinquenta volumes de muitos dos notáveis escritores dos nossos dias.

⁶¹. Filósofo estóico, grego (1.º e 2.º séculos) nascido na Frígia. Foi escravo em Roma e libertado após a morte de seu senhor. Viveu pobremente, teve discípulos entusiastas que registraram suas palavras, porque ele próprio nada escreveu. Nessas palavras “sua filosofia se desenha com a doçura de sua alma, com a brusca familiaridade de sua palavra, com o rigor paradoxal de sua virtude, com a segura e insensibilidade de sua moral, com o orgulho de sua doutrina”.

Há melhor orientação e interesse não menos fascinante nas histórias de um antigo e negligenciado trabalho como *O Ioga Vasishta*, conforme o escreveu em sânscrito o bardo Valmiki, ⁶² do que estantes cheias de livros modernos vastamente elogiados. Descer de bela inspiração de tais antigos para ouvir os balbucios mentais dos nossos modernos romancistas-psicólogos, é, às vezes, como entrar na casa de mórbidos neurastênicos, ou estar num tribunal ouvindo os lascivos testemunhos sobre um divórcio, ou, ainda, insinuar-se para dentro

de um clube noturno repleto de gente que esvazia copos de bebida, ou engolir uma trama de episódios criminosos sob a impressão de que tudo isso será boa coisa para a saúde.

62. Poeta hindu, de época incerta, autor do célebre poema “Ramayana”.

* * *

Nossa época ouvirá bem depressa os pretensiosos audazes, mas voltará a cabeça para o outro lado quando sábios iluminados se aventuram a escrever serenamente sobre as verdades que jazem nos fundamentos da vida. Podemos admitir que as brilhantes tagarelices de muitos dos nossos modernos são melhores do que a insípida tagarelíce do século passado, mas serão mais importantes do que simples tagarelíce?

* * *

Ler é pedir emprestado o pensamento de outra pessoa.

* * *

Nossa maior ilusão é a desilusão. Imaginamos que estamos desiludidos da vida, quando a verdade é que nem sequer começamos a viver. Garatujadores e rabiscadores polvilham seus romances com suspirosos solilóquios ou enchem o ar com desejos frustrados: sabendo quase nada sobre a vida espiritual — que é o importante segredo da nossa existência — estão incumbidos, portanto, de retratar as possibilidades sociais do homem.

Colocamos efusões pueris em nossas estantes, mas temos pouco lugar para volumes de valor eterno. Quando lemos um livro, viajamos com a alma de outra pessoa. Devemos, por isso mesmo, ter, em relação às páginas impressas que lemos, o mesmo cuidado com que escolhemos a companhia de homens e mulheres de nossa convivência.

* * *

As pessoas preferem clorofórmio; digam-lhes o que já sabem ou o que já pensaram centenas de vezes, e elas ficariam satisfeitas com o que lêem. Dêem-lhes histórias gastas até o fio e elas recomendarão o livro aos seus amigos. Ofereçam-lhes algo apropriado para Babitts, ⁶³ não para homens de pensamento, e elas saudarão o aparecimento desse trabalho. Sirvam-lhes idéias que não passam de empoeiradas banalidades, escrevam muito mas consigam nada dizer, ou nada tenham a dizer mas usem muitas palavras para isso, manejem uma pena que sofre de pronunciada senilidade, ofereçam uma palavrosa e inflada exposição de seu tema, e podem ter a esperança de se tornarem um leviatã da moderna literatura.

63. Referência ao personagem-título de um romance de Sinclair Lewis, que personifica o norte-americano comum.

* * *

Uma minoria escreve para a posteridade, a maioria escreve para a prosperidade!

* * *

Em todo o escrito sincero o autor jamais procura, conscientemente, mostrar-se inteligente; nunca tenta animar aqueles brilhantes poderes de talento e expressão que movem as penas pertencentes às mentes dotadas. O que vem do bico de uma pena de alguém deve fluir espontaneamente, ou então nada escrever. Contudo, quando escrevo o que para mim parece simples e óbvia verdade, espanto-me ao ouvir críticos azedos exclamarem: “Ele está tentando mostrar-se inteligente!”

* * *

Os mordazes ditos de espírito do cínico podem entreter e divertir, mas a não ser que sejam complementados pelas intuições inspiradas do profeta, em nada contribuem para o esforço construtivo de cujo benefício o mundo está necessitando. A crítica deve ser construtiva: não deveria degenerar em simples vitupério e também não deveria ser substituído o argumento pelo motejo acrimonioso. No entusiasmo, igualmente, de propagar uma só verdade, não é necessário pisotear todas as outras verdades, ou fazer como aqueles autores que parecem escrever através de um megafone.

* * *

Nossa talentosa gente moderna não considera que lhe cause tédio a leitura de elegantes disparates, mas sente-se excessivamente enfadada quando lhe apresentam um livro que dá voz ao eu imortal.

* * *

Os que consideram misteriosos os nossos filmes “sensacionais”, ou os livros escritos em torno de aventuras criminosas, com frequência se enganam: eles são, muitas vezes, banais e corriqueiros. Acreditamos que passamos à frente de nossos brandos ancestrais, produzindo-os. Nós, deste século, nos orgulhamos de fazer a vida e a literatura mais interessantes. Na verdade, não há mistérios reais em nossa época sobre os quais valha a pena escrever, ao passo que houve “Antigos Mistérios” entre a maioria das antigas nações, porque essas nações tinham muitos segredos espirituais e psíquicos para cuidar.

* * *

Nos velhos tempos, um livro geralmente tomava seu lugar na literatura: hoje em dia, com frequência, eles nada mais são do que extensos artigos de jornal,

trechos de estilo jornalístico, oferecendo pitéus informativos àqueles que só podem fazer sua leitura sob a forma de retalhos de ligeiros conhecimentos, e que fecham os olhos às estrelas fulgurantes do firmamento literário, capazes de iluminar a alma dos homens e trazer beleza para as suas vidas. Os que possuem mentes anãs só podem esperar a espuma da superfície da vida, já que regateiam o tempo exigido por um livro vigoroso e significativo, que impõe algum trabalho mental aos que quiserem entender o que lêem.

* * *

Gostamos dos livros apenas quando eles pensam por nós. Não nos interessamos pelos que ousam pensar profundamente demais para nós; preferimos os autores que tomam os distúrbios moleculares de seu cérebro por pensamentos criativos.

* * *

“A pena é mais poderosa do que a espada.” Não me compete, pacífico cidadão que sou, discutir essa declaração idealista. Entretanto, em tempo de guerra, mesmo uma granada de mão pode provar que é superior a um parágrafo, enquanto a pena pode ser um tantinho mais fraca do que qualquer projétil veloz.

* * *

As flores da literatura desabrocham apenas para aqueles que apreciam o encanto do estilo, a dignidade da verdadeira erudição e a inspiração do pensamento profundo. Mercadores de palavras, que se empenham em lisonjear o gosto do momento, isto é, em satisfazer o vulgar e o profano, podem dispensar aquilo que nomeamos em último lugar.

Por amor de sua alma, entretanto, encontrariam emprego melhor seguindo o arado do que manejando a pena. Da tranquila e transcendental literatura de eras passadas, descendo para a saxofônica literatura da idade moderna, há um longo passo, pois é um passo que nos tira dos valores eternos e nos leva para o materialismo espúrio.

Os antigos autores ergueram arranha-céus muito melhor do que jamais a América fêz, aqueles arranha-céus que estão certos de durar enquanto a inteligência e os bons sentimentos existirem entre nós. As vistosas e gigantescas torres de muitos dos modernos terão, porém, o seu dia.

* * *

Alguns nascem escritores: outros fazem o curso por correspondência!

* * *

A fábula é uma forma negligenciada de literatura, que os antigos valorizavam altamente e cuja importância entendiam bem. O mundo abandonou aquela forma expressiva e condensada, voltando-se para os volumosos romances e os grossos livros de ensaios, mas eu penso que ele um dia reconhecerá seu erro. Há lugar na literatura para todos os três. Porque o fabulista oferece valiosa sabedoria, mas sem seu peso, e moraliza sem enfadar. Instrui os que erram e adverte os fracos, porém faz isso sem entediá-los.

* * *

A imprensa não precisa perder sua forma para levar adiante o dever que lhe cabe de oferecer informações: não tem necessidade de trazer ao público a vida particular de um homem contra a sua vontade, nem de obter capital excessivo através da vergonha, da desgraça, ou da tragédia das nossas vidas.

Imprensa limpa e sã ajudaria a produzir cidadãos limpos e sãos. Os que tornam sensacionais ou exageradas as notícias simples, os que sacrificam a verdade e a decência por amor de proezas publicitárias, os que tripudiam sobre defeitos e exultam com a sensualidade, não compreendem até onde são responsáveis. A página impressa se tem tornado, em grande extensão, o moderno púlpito. Que espécie de sermão pregam os nossos jornais modernos?

* * *

Se os proprietários de jornais gastassem a metade do dinheiro que gastam, e a quarta parte da energia do seu pessoal, na obtenção de notícias e comentários da mais alta qualidade, poderiam deixar que sua estrutura física se fosse, no momento marcado, sabendo que uma carga de pecados tinha sido expiada. Nossos jornais não podem dedicar espaço suficiente para assuntos mais importantes porque dedicam espaço demais para matéria trivial, para crimes repulsivos, para escândalos e para sensacionalismo. Não há proporção correta nessas coisas.

A busca patética de mera velocidade está bem exemplificada no jornalismo diário, e envenena nossa existência com sua fútil excitação. A cada acontecimento é dada uma vida breve, rodopio através de dois ou três dias de carreira em letra de fôrma, e é depois esquecido por um público fraco demais para resistir à próxima sensação, forçada sobre sua mente enfraquecida.

Uma paixão da noite, quando exibida com certo escândalo, movimenta milhares de corações que lêem o caso impresso, mas um tópico vital, do qual depende a verdadeira ventura da humanidade, recebe apenas uma linha, ou é inteiramente ignorado através do receio de que o mal-educado público leitor se mostre, em relação a ele, de uma frigidez ártica.

* * *

Jornalista é aquele que, desde que o avisem cinco minutos antes, pode formular opinião firmada a propósito de qualquer assunto existente sob o sol, inclusive sobre aqueles que têm deixado os grandes filósofos em frustradora dúvida e em perplexo desespero durante séculos.

* * *

Editores arrojados dão-se ao cuidado de evitar o tédio em seus jornais, enchendo as páginas com as coisas puramente acidentais, ou anormais, da vida. Ao invés de nos oferecerem tantos relatórios de casamentos desfeitos, podiam tentar dizer algo sobre os casamentos não desfeitos, sobre os casamentos felizes, e assim prestar um serviço muito mais construtivo à humanidade dos dias presentes. Ao invés de revelarem os sombrios pormenores de como a morte arrebatou o último suspiro de um homem assassinado, podiam tentar revelar os pormenores da forma pela qual a felicidade vem a um homem vivo.

Ao invés de se darem à orgia de minudências sensacionais sobre assuntos desagradáveis, deviam — se é que precisam referir-se a tais coisas — simplesmente relatar o fato de dá-lo como encerrado. Ao invés de fazerem do jóquei que vence uma corrida de quinze minutos um herói público, podiam empenhar-se em procurar um herói verdadeiro da vida interior. Ao invés de fomentar ódios nacionais e internacionais, deveriam ver o que lhes seria possível fazer para fomentar boa vontade nessas mesmas regiões.

* * *

Pode pensar-se que um jornal, imprimindo somente notícias proveitosas, em lugar de cretinices, crimes, e recursos de publicidade, não tivesse lugar no mundo moderno, mas não concordo com isso. Um jornal feito com base na espiritualidade e na ação, que levasse a Verdade às massas e não temesse trabalhar pelas idéias espirituais, que aplicasse princípios espirituais no manejo de assuntos materiais, que ligasse consciência à coragem e inspiração à opinião, poderia surpreender o mundo com o seu sucesso. Poderia ser algo mais do que simples nau de transporte jornalístico: poderia ser voz profética bradando na imensidão do materialismo moderno, um dedo apontando para o futuro da humanidade, neste país, e se fizesse bem seu trabalho não precisaria fracassar.

Seus repórteres poderiam procurar notícias de todos os acontecimentos que pudessem levar satisfação à mente de criaturas decentes, de todos os movimentos que trabalhassem pelo bem comum, de toda a pessoa que fosse benfeitora da humanidade. E poderiam encontrar histórias publicáveis do Bem, da Verdade, e do Belo.

Escritores que não fossem simples mercenários, que possuíssem alguma fagulha de idealismo, que compreendessem que têm um dever nesta época, poderiam ser encontrados, e ficariam felizes por servirem um jornal assim. Que

tarefa maior poderiam eles encontrar, seja como for, do que contribuir com suas mãos para o renascimento espiritual de sua raça, e elevação coletiva da sociedade de seu país? Esse é o verdadeiro patriotismo, não a coisa mesquinha que odeia outro povo em nome de seu próprio povo. A primeira função de um jornal é ser límpido espelho da vida: hoje ele se tornou poderoso fabricante de vida.

* * *

Muito ouvimos falar na necessidade de afastar para o lado os ideais, se o artista criativo quiser produzir para algo mais do que para o simples pão. Carlyle definiu o gênio, certa vez, como a capacidade de aceitar esforços infinitos. É provável que muitos gênios não concordem com ele, e digam: “Gênio é a capacidade de aceitar pagamento infinitesimal!”

Porque o artista inspirado, seja da pena, do pincel ou do macête, chega ao angustioso momento em que tem de escolher entre o abismo onde se reunirá ao despençamento geral para fazer mais dinheiro, e o pego onde ganhará a custo uma existência mesquinha. Se, como acontece na maior parte das vezes, o pagamento melhor vence e seu fervor empalidece, derrotado, sua rebelião transformada em resignação, podemos ainda reconhecer a natureza real de sua luta, e respeitar a fonte sublime que o induziu a fazer tal coisa.

* * *

Há destinos piores para um escritor honesto do que tornar-se seu único leitor!

10

Solidão e Lazer

Não podemos escapar à solidão essencial de nossa natureza particular. Podemos escondê-la sob deveres sociais, laços pessoais, e pensamento convencional, mas nas crises momentosas da vida, ou nos pontos mais profundos das nossas mais penosas agonias, descobrimos que estamos indizivelmente sós e que permutamos a força da alma pela posse de espinhos e urzes.

A natureza nos impõe essa condição, mas a sociedade conspira para escondê-la de nós durante longos períodos de tempo. Na realidade, somos seres isolados. Sofremos porque tentamos recusar a aceitação desse fato, e porque tentamos ludibriar essa condição que a Natureza nos outorgou. No momento, entretanto, em que a reconhecemos e aceitamos, recebemos nova força e renovada paz.

“O homem mais forte é o que se mantém mais isolado” — declara o dramaturgo escandinavo Ibsen ⁶⁴ numa frase que constantemente me perpassa pela mente. Essa frase sugere uma série de verdades profundas. Não que seja necessário a uma pessoa tornar-se esquiva para ficar a sós. Há uma solidão espiritual, uma independência viril, que um homem pode levar consigo às mais movimentadas regiões do mundo, e que é coisa tão real quanto a que ele poderia obter fugindo à voragem e indo para um refúgio solitário.

64. Henrik Ibsen (1828-1906), dramaturgo e poeta norueguês, autor, entre outras peças, representadas constantemente em todo o mundo até os dias presentes, de “Casa de Bonecas”, “Peer Gynt”, e “Os Espectros”.

Há uma razão profunda para essa solidão interior do homem: a obtenção do Reino do Céu — que é a meta secreta da vida — pede o afastamento de qualquer dependência do nosso próximo, a fim de que possamos depender apenas do Poder Mais Alto, que os homens chamam Deus. E Jesus não nos disse que o Reino estava dentro de nós? Tal afastamento, necessariamente, solicita que nos voltemos constantemente para nosso eu interior, fazendo da aceitação da solitude uma coisa não menos desejável do que a convivência.

É coisa penosa tomar conta de nosso próprio negócio, de nosso maior negócio — mas vale a pena. Atendamos nosso próprio eu, nosso Eu Superior, e então os cuidados e as cargas da existência recuarão, serenamente, sob sua benigna influência. Jesus pôs essa verdade numa parábola, mas nossos inteligentes teólogos não perceberam a significação.

* * *

O que se aplica ao gênio aplica-se, igualmente, aos outros homens, muito embora em menor grau. Se o gênio fosse fiel a si mesmo, deveria alienar-se do mundo e nutrir sua vida interior em pensamento solitário. Onde mais pode ele encontrar as maravilhas criativas que dará depois ao mundo, a não ser em sua própria originalidade? Porque a perspicácia que a solidão lhe dá é a verdadeira visão.

Não é menos verdadeiro que o homem comum deve encontrar-se na solidão e gastar-se em sociedade. Quando volta as costas ao seu próximo e caminha pelos escuros corredores da solidão, pode chegar a ele próprio. Poucos, porém, estão prontos a receber esse pensamento, e o apóstolo da solidão deve desperdiçar sua voz bradando no deserto. Erigimos a sociedade em ídolo, cultuando-a de joelhos diante de sua face fátua e estúpida, e assim chegamos ao esquecimento do culto da divindade que se encontra oculta dentro de nós mesmos.

Os melhores homens não são gregários: sentem-se fortes bastante para ser fiéis a si mesmos. Mas os outros — e formam a maioria — amontoam-se, juntos, em casas, inscrevem-se em clubes e sociedade, reúnem-se e confraternizam. Solidão é força. Depender da presença da turba é fraqueza. O homem que precisa da multidão para animar-se está muito mais solitário do que imagina.

O instinto gregário escraviza-nos e enfraquece-nos, quando precisamos estar correndo a toda a hora para ver o nosso próximo, a fim de nos assegurarmos de sua existência e apoio. É melhor desconfiar da rápida *camaraderie* ⁶⁵ de homens superficiais e andar um tantinho cauteloso em seu meio, sabendo que o segredo da vida espiritual cavou um fosso temporário entre nós e eles.

⁶⁵. “Camaradagem”. Em francês no original.

* * *

O fundador da Ordem dos Jesuítas ⁶⁶ conhecia o valor da solidão: “Quando mais a alma estiver sozinha e em insulamento” — instruiu ele os seus adeptos — “mais adequada ela se torna para aproximar-se e atingir seu Criador e Senhor, e quanto mais perto d’Ele chegar dessa maneira, mais se prepara para receber as graças e dons de Sua Divina e Soberana Bondade”.

⁶⁶. O fundador da Ordem dos Jesuítas — Companhia de Jesus — foi Inácio de Loyola, monge espanhol (1491-1556).

A solidão parece um caminho de certa forma sombrio para nos levar à casa da sabedoria espiritual, e na verdade assim podemos considerá-la durante alguns anos. Quando a alma que aspira retraça seus passos, entretanto, e se reúne demasiado com os demais, cansa-se e apressa-se a voltar às suas vigílias solitárias, para restabelecer sua integridade interior.

A verdade é que para a maioria dos homens que trilham a caminho avançado, alvorece um dia em que eles terão de escolher entre a vida solitária do Eu Superior e a existência gregária de carne. O sol fulgurante que seguem seduz-lhes os passos para a estrada solitária. E embora pensemos que nosso caminho se faz a sós pelo mundo cinzento, se formos sinceros, tal coisa não se dará. Espíritos auxiliares vêm nos apaziguar; amistosos pensamentos chegam para nos fazer companhia; mãos estranhas, invisíveis, estendem-se das trevas para nos ajudar; figuras angélicas podem guiar-nos; e se descansarmos um pouco, poderemos perceber vozes sussurrantes rompendo através do silêncio outrora temido, murmurando conforto e consolação.

* * *

Uma solidão sábia promove, assim, o crescimento da alma, conserva a mente livre de pensamentos mesquinhos, e faz amadurecer a bela qualidade mental da independência. Façamos nosso caminho a sós, e iremos por uma estrada que realmente nos levará algures. Porque solidão não é isolamento, tédio ou tristeza. Estar solitário é estar entre os que não compreendem. Na solidão, porém, podemos povoar nosso lugar com pensamentos, se quisermos, e sempre temos a nós próprios, ao nosso Eu Superior, como companhia. “Deixa-me a sós! — exclamava a lagosta, no *Water Babies de Kingsley*.⁶⁷ “Eu quero pensar!” Mostrava, assim, que é um instinto a busca da solidão, quando alguém sente necessidade de meditar. Sir Thomas Palmer,⁶⁸ o talentoso amigo de Cranmer,⁶⁹ quando se preparava para colocar a cabeça sob machado do carrasco, disse: “Aprendi mais num canto escuro da Torre,⁷⁰ do que viajando por toda a Europa”. E algures, na Bíblia, há uma frase que diz: “E ele subiu à montanha para rezar, consigo mesmo, sozinho”.

67. Charles Kingsley (1819-1875), romancista e clérigo inglês.

68. Thomas Palmer: a única indicação existente sobre esse nome, em 10 enciclopédias consultadas, está na Espasa-Calpe que o dá como um dominicano do século XV.

69. Thomas Cranmer, primeiro arcebispo protestante de Canterbury, (1489-1556). Foi um dos compiladores do “Livro de Oração Comum”, símbolo da Igreja Anglicana. Deposto e julgado, por motivos político-religiosos, foi persuadido a abjurar das idéias que mantinha. Arrepentido daquela fraqueza, rejeitou a abjuração, assumiu a posição anterior e subiu corajosamente à fogueira do suplício, fazendo queimar, em primeiro lugar, a mão com que assinara a abjuração.

70. Edifício-castelo, construído às margens do Rio Tâmisa, em Londres. Foi palácio real, prisão, fortaleza, serviu à Casa da Moeda, ao Observatório Real, e como depósito de documentos do

Estado. Ainda serve, ocasionalmente, de prisão para traidores, mas é visto, com maior frequência, como atração turística.

* * *

Há sábios do Oriente que encontram amizade melhor em sua própria mente do que na sociedade. Zombamos dos homens que fogem das cidades onde há aglomeração e preferem distrair-se em lugares solitários. Falamos, totalmente, de sua covardia. Mas aceitar o gregário conforto da multidão pode ser mais fácil do que ficar em retiro, diante do seu próprio eu. Quem sabe se essa solidão, que facilmente poderia levar homens superficiais à loucura, consegue devolver a outros a verdadeira sanidade mental?

Nós nos assustamos diante da simples sugestão de nos retirarmos da multidão e vivemos como se a segurança estivesse em estúpidos números. O sábio que fica em sublime harmonia com os melhores pensamentos e os mais sábios ideais, embora viva numa floresta, não está solitário. Poderíamos, dessa forma, chamar solitário ao sol. Ali o homem pode, proveitosamente, esquecer o mundo, sabendo que agora sabe recordar a si próprio, seu verdadeiro eu, seu Eu Superior.

Bacon ⁷¹ não foi indevidamente áspero quando acusou a sociedade nesta frase mordaz: “Multidão não é companhia, rostos não passam de uma galeria de quadros, e conversação é o tilintar de címbalos, onde não há amor”.

71. Rogério Bacon (1214-1294), filósofo inglês do século XIII, chamado “Doutor admirável”. Foi monge franciscano e é considerado como um gênio, dono de conhecimentos relativos a quase todos os ramos do saber humano, em sua época. Para Bacon, “ao lado da experiência exterior há a interior, que nos ministra os nossos conhecimentos sobre a alma... a experiência interna é uma iluminação da alma por Deus, cujo grau supremo é a união extática com o mesmo Deus”.

* * *

Nosso eu é sagrado: sejamos fiéis a ele.

* * *

O irmão da solidão é o lazer, e seu primo é o campo. Os que moram em cidades movimentadas fariam bem em fugir do torvelinho, de vez em quando, e ir para algum bosque tranquilo, ou para junto de um brando riacho, não só pelo ar restaurador, mas também para que pudessem procurar beleza, luz e verdade — a não ser que estejam mortos para essas coisas. Ali encontrarão espaço bastante, até de sobra. Então, quando deixarem a sua Londres, ⁷² com as ruas familiares repletas de pedestres apressados e motores barulhentos, e entrarem pela primeira vez numa vereda do campo, vão sentir-se perdidos.

72. Londres está aqui na qualidade de símbolo das grandes cidades, evidentemente.

Sua inteligência cessa ao deparar com a verde Natureza. Ela não diz palavra alguma de sabedoria aos seus ouvidos, não lhes oferece espetáculo de encanto para seus olhos. A vida se torna, de súbito, um vácuo horrível, e o tempo se transforma em companheiro tedioso.

* * *

A alma pode falar conosco em momento de serena meditação e em instantes de pacífica tranquilidade. Não: ela está sempre falando, mas na pressa e na febre da existência ativa, sua voz não pode fazer-se ouvir, seu rosto não é reconhecido.

* * *

Eu ficaria contente se pusesse o céu entre mim e as grandes cidades e encontrasse nas solitudes de pacíficas e pitorescas regiões rurais aquela grandeza de disposição que as ruas estreitas me negam. Faria o que a alma me pede, sabendo que não me arrependeria. Porque há uma forma de vida que é proveitosa, e que se faz melhor vivida entre as árvores, sobre a relva, e nos luxuriantes campos verdes onde se pode encontrar uma reprodução externa da quietude central da alma.

Não preciso de cidade populosa para animar-me. A própria Natureza é o melhor calmante e o melhor restaurador. Numa vereda de Buckinghamshire, tocada pelo vento e ensombrada pelas faias, observando as borboletas pousarem nas moitas floridas, ou deitado ao lado de um regato sinuoso e deixando que meus olhos repousassem sobre o malmequer do brejo que brilhava sob a luz solar, aquela pura paz da alma levou minha mente para o que há de melhor na vida.

Cada árvore e cada moita traziam uma voz mais verdadeira do que as que eu poderia ouvir entre os homens. Penso, melancolicamente, em meu exílio asiático, naqueles grilos que cricrilavam ao crepúsculo, som alegre que se ouve como se fosse música. Simples sol vermelho descendo para o poente numa paisagem agradável, colocou-me em disposição mais santificada do que uma centena de sermões. Uma caminhada pelos bosques atapetados de folhas e pelas campinas silenciosas, durante o outono, um repouso no campo de feno, docemente perfumado, sob o sol de junho, um encontro marcado com a aurora na crista de uma colina — tudo isso trouxe bálsamo secreto, e ali não houve solidão. Melhor do que tudo, assim podemos ser nós mesmos, e não precisamos manter a língua em constante operação para falar apenas por falar.

* * *

Achei o Tâmis, em cada partícula, tão sagrado quanto o Gânges. Com sua corrente lodosa eu vivi em alta companhia! A Natureza me era íntima e sua beleza se fez o meu modelo. Perambulando pelas suas margens relvasas, numa tarde ensolarada, depois que o Velho Sol me tentara para que abandonasse meu

trabalho por um dia, caminhando devagar pelas línguas de terra mais silenciosas, do lado que se afasta de Richmond, e sentando-me num ponto afastado e deixando minha mente deslizar, docemente, de volta à sua indescritível e infinita Nascente, eis que dentro de uma hora fui admitido à serena consciência e à misteriosa dimensão da divindade.

Para mim, o Tâmis flui sempre através da segura serenidade do Paraíso, e será o rio de sagrada memória. Agora, caminho ao lado de uma corrente mais ampla, e o sol que me chama para lá brilha num mundo mais estranho do que o nosso.

* * *

Há uma amistosidade na água que flui, uma animação nas vertentes das colinas, uma estabilidade nas árvores que crescem, e um encanto nas flores coloridas, que nos arrastam para essas coisas quando procuramos sossego para a alma ou inspiração para a vida. Mesmo no Oriente eu acho que as florestas, as colinas, as margens dos rios, e os jardins, estão entre os lugares recomendados pelos sábios aos seus alunos, como os melhores para praticarem a meditação.

Escolha-se certo pequeno riacho sobre cuja superfície talvez flutuem algumas pétalas de flores extraviadas, quando se puder escapar, por uma ou duas horas, para sonhar com os assuntos divinos. Crescerá nesses lugares uma paixão pela solitude e uma apreciação da beleza simples, que a descida de volta à sociedade tende a confirmar. A Natureza se tornará uma das melhores amigas, e em todos os anos de uma longa amizade jamais deixará que tombemos. Quando o cansaço ou a angústia se mostrarem fortes demais para nós, só precisaremos retornar, e encontraremos seus braços sempre dispostos a nos oferecer consolo.

* * *

As águias moram em solitárias altitudes de penhascos e montes, mas os pardais pipilam abundantemente pelas cidades.

* * *

*Não temos tempo para parar e olhar, 73
Não há tempo para parar sob os ramos,
E olhar por tanto tempo como as ovelhas ou as vacas*

73. William Henry Davies (1870-1940), poeta inglês. Viveu perambulando, ocioso, pela América do Norte, para onde emigrou. Entre suas obras conta-se a “Autobiografia de um supervagabundo”.

— canta o poeta nômade, W. H. Davies. O verdadeiro luxo é o lazer. Mas esse lazer deve ser corretamente usado, deve tornar-se oportunidade para o retorno espiritual, e não para ruidosa excitação, se tiver de nos ser realmente proveitoso.

Quiétude é começo de sabedoria. As estrelas fazem seu trabalho, mas não fazem barulho. O poder vem da paz e depois da paz. Exaurimos nossos recursos numa incessante vida centrífuga. A Sábia Natureza nos impõe o sono, porque ainda não aprendemos a equilibrar nossa atividade externa com o repouso centrípeto.

Mesmo as horas dadas ao chamado lazer vibram com agitados estimulantes e tensões nervosas. Assim, a humana bateria sofre curto-circuito em seu poder. Alguns entre nós mais depressa desafiariam os perigos físicos do que se sentariam por uma ou duas horas para obter uma disposição mais alta. As pessoas não podem satisfazer sua paixão pela atividade — seja em trabalho, seja em pseudolazer — sem pagar o preço,

Na corrida e no bramido da civilização ocidental, é tarefa realmente dura o modificar radicalmente os esforços e deixar que as coisas vão adiante. Não devemos, porém, consentir que a poeira dessa inquieta existência obscureça nossa visão espiritual. Precisamos aproveitar, através do nosso lazer, e nos colocarmos de lado, com frequência, quanto à infindável procissão de acontecimentos que — loucamente — acreditamos conterem tudo quanto há no viver. Precisamos nos apoderar de um bocadinho de real lazer, tão frequentemente quanto possível, quando poderemos viver por uma hora quietos e contentes, despreocupados e desimpedidos, erguidos acima da escravidão servil da vida da cidade, e não mais governados pelo relógio.

* * *

A árvore do silêncio pode produzir as peras da sabedoria, se a regarmos na solidão.

* * *

Por que desperdiçar a verdadeira fragrância da vida por amor de pseudo-sensações?

* * *

O mundo deseja que mergulhemos inteiramente nos negócios e nos prazeres. Devemos reivindicar a completa liberdade de não fazer nada disso quando quisermos, e solicitar do mundo que mantenha seu ruído longe de nossos ouvidos, quando quer que o desejemos. Tal lazer pode trazer grandes vantagens aos angustiados homens de hoje. A vida os encurrala contra a interminável fila de acontecimentos que passam, e eles não conseguem obter uma perspectiva verdadeira.

Cansaço, pressa, ansiedade, inscrevem-se em sua pele, em seus olhos, em sua boca. Sobrecarregam seus dias com atividades próprias de robôs, e isso fixa trancas e ferrolhos em sua vida interior. Têm uma pressa tremenda, mesmo que

tal coisa acelere as rodas de sua existência. A Natureza recusa-se, friamente, a acrescentar uma simples unidade à sua própria presteza.

* * *

Estamos tão ocupados em dominar as coisas que não temos tempo para nos dominar.

* * *

Embora eu trabalhe mais duramente do que a média dos homens, tenho grande simpatia por um homem que foi visto sentado durante horas sobre uma tora de madeira, na Flórida. Quando lhe perguntaram qual era a sua ocupação ele respondeu, calmamente, que não tinha tempo de sobra para trabalhar! Estaria ocupado em comunhão com seu Eu Superior? Quem sabe que soberba recompensa recebia ele naqueles seus silenciosos solilóquios?

* * *

Conhecer o Eu Superior é conhecer o profundo, inalterável repouso que está no centro do nosso ser.

* * *

Precisamos estar quietos e prontos, durante uma hora, se quisermos que o Eu Superior fale conosco, mas quando todo o nosso dia é tomado por interminável atividade, seja de trabalho ou de prazer, quem deve ser censurado pelos sofrimentos do coração e pelas lutas da mente, senão nós próprios?

O primeiro passo será libertar-nos por um breve período, diariamente, das redes de atividade que se espalham para prender os pés dos homens. Demônios de riso perverso assediam-nos e perseguem-nos até o último minuto das horas do dia, dando-nos alguma tarefa a realizar ou algum prazer a procurar. A não ser que os expulsemos durante uma hora, como poderemos chegar àquele mais profundo conhecimento de nós mesmos, encontrado apenas na quietude do corpo e na imobilidade do pensamento?

* * *

Passamos tanto tempo do nosso lazer sem fazer nada realmente importante, que pouco tempo nos resta para fazer a única coisa que, enfaticamente, importa.

* * *

Temos a loucura da velocidade. Estamos atarefados, correndo o mais depressa que podemos, mas para onde? O lazer é uma arte perdida para o mundo moderno. Metemo-nos em nossos carros e saímos aí a quarenta milhas a hora [74](#) a fim de fugir de nós próprios, de nosso Eu Superior, que se poderia levantar e enfrentar-nos acusadoramente, se passássemos uma hora em tranquila

meditação. A tarefa devastadora que Voltaire empreendeu está sendo adequadamente continuada pelo automóvel!

74. A milha inglesa tem 1609 metros, o que equivaleria a pouco mais de 60 quilômetro a hora. É preciso não esquecer que este livro teve sua primeira edição em 1936, quando ainda não se faziam médias de 80 a 100 quilômetros, no mínimo.

A destruição do que é falso num credo está sendo seguida pela destruição do que é verdadeiro num credo — o fato inabalável de que o homem deve tentar comungar com o seu Criador, se quiser *viver*. E porque tão poucos vão à igreja para essa comunhão, fica-nos a ida para o único lugar onde podemos encontrá-la — dentro da nossa natureza divina, o Eu Superior.

Contudo, nossos carros nos levam a imensas distâncias, mas só para transformar o lazer em mais uma atividade, seja de que gênero for, e assim jamais conseguem habilitar-nos a chegar a algum lugar definido. Nossos corpos são transportados de um lugar para outro, enquanto nossa alma permanente inerte, não tendo progredido um só passo para a frente.

O automóvel poderia levar-nos a um lazer proveitoso, se nos transportasse a algum bosque, ou campo, ou riacho, onde a mente pudesse ter certos momentos claustrais. Que fim pretendemos tenha todo esse empilhar de cavalos de força, quando não existe outro fim do que a viagem divina para a descoberta do Eu Superior? E ele está interiorizado, em desprendida equanimidade.

* * *

Todas as nossas viagens seguem apenas o caminho de um círculo, porque onde quer que vamos só conseguimos chegar ao próprio eu.

* * *

É verdade que hoje em dia muitos de nós acreditam que nossa intensa atividade nos é ditada por circunstâncias inexoráveis. Contudo, uma atitude correta em relação ao eu e ao ambiente em que vivemos, traria a compreensão da suprema importância do nosso lazer particular, a compreensão que nos levaria a procurar o lazer, mesmo quando não temos tempo para isso.

Deveríamos ver, claramente, que simples meia hora retirada do torvelinho diário de trabalho, do prazer, e do tempo desperdiçado, meia hora voltada para o alto propósito de atingir contato com o Eu Superior interno, transformado num oásis de bela serenidade, oferece-nos elevado privilégio e não um dever difícil de cumprir.

Mesmo seis meses de prática, feita corretamente, fielmente, seguida com sinceridade, nos capacitaria a ilustrar, com a experiência pessoal, a profunda sabedoria da exortação de Jesus: “Procura primeiro o reino do céu, e todas as coisas te serão acrescentadas”. Se colocarmos em primeiro lugar as primeiras

coisas, e mantivermos o correto sentido dos valores espirituais, nossa existência mundana se colocará, por si mesma, sobre fundações firmes como rochas.

* * *

Se a alma não obedece hoje à lei da gravidade, mas flutua de cá para lá, subindo e descendo ao sabor das circunstâncias, chegará, com certeza, uma hora, na plenitude dos tempos, em que ela recuperará seu centro perdido. Quando pudermos afastar a paixão da caprichosa atividade pela paixão do conhecimento de nós mesmos, a façanha estará cumprida.

* * *

O dia que não nos traz o sussurro adorável do Eu Superior, e em que não sentimos seus dedos serenos acariciando nosso coração, é estéril. Ainda assim, regateamos o tempo dado ao recolhimento e ao silêncio, que oferecem ao Eu Superior sua oportunidade de servir.

* * *

Cem atividades várias competem agora umas com as outras para tomar nosso tempo. Todas procuram roubar-nos os minutos que poderiam ser devotados ao alto propósito pelo qual nascemos neste planeta. “As horas extinguem-se e são levadas à nossa conta” — é a advertência preventiva inscrita em latim sobre o mostrador do relógio de um velho edifício escolar, em Oxford. ⁷⁵ Nossos dias têm apenas vinte e quatro horas no mostrador; nós as recebemos de graça, queiramos ou não recebe-las.

^{75.} Cidade inglesa, famosa principalmente pela sua Universidade, que data dos primeiros anos do século XII.

Se fôssemos ceder a todas as importunações que se abatem sobre o nosso tempo, jamais começaríamos o trabalho divino que está diante de nós, e muito menos chegaríamos a completá-lo. Cada dia nos traz seu precioso dom de tempo. Devemos lançar fora nossa oportunidade, através de indiferença, ou devemos levá-la honestamente em conta? Pois desde que nos ensine quanto ao nosso verdadeiro valor e tenhamos um lampejo de nossas divinas possibilidades, abraçaremos o tempo como se abraçássemos a própria vida. Desperdiçar tempo é, portanto, desperdiçar vida, mas aumentá-lo, cogitando sobre assuntos eternos, é aumentar vida.

Os que matam o tempo podem chegar a chorá-lo. A máquina fotográfica não pode captar cena alguma para nós, a não ser que a focalizemos sobre a cena. A mente não pode alcançar o Eu Superior, a não ser que a coloquemos em foco na direção daquele ser divino. Passamos todas as horas e todos os dias focalizando a mente sobre atividades tanto importantes como triviais. Não poderíamos mudar, e concentrar-nos durante um breve período de tempo, diariamente, sobre

a realidade extraordinária do Eu Superior? Porque, se o fizermos, chegará um tempo, com toda a certeza, mais tarde ou mais cedo, em que a existência mais profunda na profundidade do coração se fará revelada.

* * *

A paz é um privilégio caro — pelo que é preciso lutar, para atingi-la, para ganhá-la. Vem apenas da mente conquistada.

* * *

Imaginamos que não temos possibilidade de sacrificar alguns minutos ao Eu Superior, no altar do nosso tempo, contudo estamos dispostos a dar meses e anos a uma atividade caprichosa, que nos deixa internamente piores do que nos encontrou, e que nada traz consigo a não ser inquietação destruidora da paz, para as nossas mentes.

* * *

Além disso, estar ocupado não é, necessariamente, ser frutífero em benefícios, como ser social nem sempre indica que sejamos sociáveis. E ainda está para ser demonstrado que o homem foi mandado ao mundo para esquecer completamente de si próprio entre centenas de atividades. Um esperto e bem sucedido homem de negócios frequentemente falha no recordar que o mundo dos negócios existiria, tivesse ou não tivesse ele nascido. Que a Natureza sempre pode encontrar as mãos de algum homem por meio das quais realizar sua vontade, e que até que um homem saiba para que ele vive, muito de seu trabalho, e a maioria dos seus prazeres, estão escritos na água.

* * *

O homem deve voltar os olhos para dentro e começar a mais maravilhosa de todas as explorações.

* * *

Raramente nos encontramos em posição, hoje em dia, de nos darmos ao luxo do lazer com devaneio. Não devemos culpar nossa estrela por isso, nem nosso ambiente, nem nossos amigos. Aceitemos, sem discutir, a sociedade em meio a qual nascemos; submetamo-nos, livremente, quando ela se impõe e nos aprisiona. Para obter lugar considerado na sociedade, teremos, forçosamente, de pagar o preço da liberdade. Os que estão preparados — sejam plebeus ou reis — quando necessário, para desdenhar as reivindicações da ambição e a crítica dos demais, por solicitação do verdadeiro eu, têm direito a amplo tempo para o devaneio. E os deuses arranjam as coisas de forma que eles obtenham esse tempo.

* * *

O homem! Essa criatura estranha que insiste em manter-se distante do seu Eu Superior.

* * *

O aplauso não pode perturbar e a desventura não pode interromper a serena paz que um homem, tirando proveito espiritual do lazer, pode encontrar em seu coração. A arriscada tarefa de encontrar o caminho de volta para o nosso céu nativo foi facilitada para ele.

* * *

Se ao menos as pessoas deixassem tudo de parte por alguns minutos, todos os dias, abandonando toda a tensão, relaxando os músculos, repousando a mente e retardando a respiração, poderiam começar a oferecer as condições exigidas, através das quais o Eu Superior conseguiria fazer sentida a sua serenidade em suas vidas. Assim, aprenderiam, a cada dia, a recolher-se caladamente em sua paz. Suas atividades não sofreriam, mesmo que um pouco de tempo lhes fosse roubado. Porque a vida se tornaria mais equilibrada, os deveres seriam cumpridos de maneira mais calma, mais tranquila, e todas as crises e emergências os encontrariam ao mesmo tempo prontos e firmes, livres de pânico.

* * *

Assim, a serenidade do lazer forrado de sonho pode envolver-nos e manter livres de perda os padrões coloridos da aspiração espiritual. Quando o trevoso culto da Matéria, nas cidades movimentadas onde trabalhamos e vivemos, torna-se asfixiante, a recordação daquele pequeno e doce oásis de paz interior levanta-se diante de nossos olhos e nos leva às águas que curam.

* * *

O uso que fazemos do lazer é expressivo. Tornemo-lo, então, voltado para um propósito mais alto e para um valor mais divino.

11

Felicidade

Um poderoso desejo domina o mundo. Vive intensamente no coração dos ricos; possui os pobres. Prevalece-se tanto dos poderosos como dos humildes. Prende santos e pecadores. É o desejo de felicidade.

* * *

Felicidade! Como atrai as mariposas humanas que adejam da escuridão pré-natal para a outra escuridão onde a alma descansa!

* * *

Nossa exaltação eleva-se apenas sob a solicitação de róseas circunstâncias: perdemos a bela arte de encontrar alegria em nós mesmos. A Natureza nos pede que fixemos nossas esperanças de felicidade na vida transcendental, mas a necessidade parece encaminhá-las para a existência transitória.

* * *

Nossos pensamentos e desejos são os nossos traidores. Iludem-nos para que os aceitemos como guias para a felicidade, mas ao fim escarnecem de nós. Levam-nos de cá para lá, desde o nascimento até a morte, desde cada aurora cinzenta até cada noite trevosa, e imaginamos que nos apressam em direção de alguma felicidade longamente procurada. Desiludidos, um dia, vemos que estavam realmente nos apressando para longe da verdadeira felicidade. A moral — se há uma — é que quando os pensamentos cessarem de nos instigar, e os desejos se acalmarem, seremos verdadeiramente bem-aventurados.

* * *

Repudiamos a realidade espiritual porque os sonhos terrenos parecem prometer mais. Demasiado tarde, demasiado tarde! Descobrimos que eles não passavam de sonhos.

* * *

Penso que o pastor, na vertente da colina, respirando o ar límpido e contemplando o céu azul, dia a dia, e as brilhantes estrelas, à noite, ou ouvindo

o rumorejar do vento e o sussurrar dos riachos, tem vida principesca, em contraste com a de alguns abastados homens de negócios, que conheço, aflitos e sobrecarregados de trabalho, cujas mentes correm numa só direção; que nada sabem fora dos seus interesses comerciais; que há muito perderam a capacidade de gozar alguma diversão simples e inocente da vida; que se tornaram vítimas involuntárias das sombrias apreensões, das ansiedades, e que não conseguem ouvir a calma e incentivadora voz do Eu Superior, no profundo silêncio de seu coração.

Invejados pelo seu pessoal, por pertencerem à classe patronal, descobriram que seus negócios se tornaram seus patrões. Compram cigarros para acalmar os nervos, mas, quando terminam de fumar, o efeito depressa se vai. E poderiam acalmar os nervos procurando, internamente, o Eu Superior, e esses nervos se acalmariam para sempre. Consomem enormes quantidades de álcool, por causa de seu trágico e temporário poder de dar alívio às aflitivas ansiedades, e porque dilata a personalidade. Ainda assim, só encontram um reflexo defeituoso do sereno alívio que os esperava dentro de seu próprio ser, a feliz expansão e liberdade interior do Eu Superior, coisas que são mais sólidas e duradouras.

* * *

Enquanto há harmonia interior, não há infelicidade. Tudo é uma questão de controle da mente, de nos tornarmos mentalmente afinados com o Infinito. A felicidade deve vir de dentro.

* * *

As extintas civilizações do passado ensinam-nos uma terrível lição. A Caldéia era, já não é. Onde estão, agora, as esperanças e os esforços, os desejos e as ações de cada um daqueles que outrora foram caldeus de carne e osso? As coisas pelas quais lutaram são hoje tão destituídas de existência quanto eles próprios. Aproveitemos a lição e cuidemos de levar uma vida que será verdadeira e imperecível, ao invés de devotar nossos dias ao falso e ao transitório.

* * *

“Eu próprio sou o Céu e o Inferno” — cantou o talentoso Omar. ⁷⁶ O Sábio tem a mesma atitude. Acredita que o céu deve ser encontrado enquanto ele está vivo. Procura alcançar a felicidade penetrando em sua própria mente, e dominando-a.

76. Abul-Fath Omar ibn Ibrahim el-Khayyami, conhecido universalmente como Omar Khayyam, poeta e matemático persa, falecido pela altura do ano de 1124. Foi astrônomo-chefe do sultão Malik, escreveu um tratado de álgebra e os célebres poemas conhecidos pelo nome de “Rubaiyat”, que têm traduções em todas as línguas civilizadas.

* * *

Cegos por mesquinhas distrações, ensurdecidos por desvaliosos alaridos, e aturdidos por necessidades opressoras, os valores do mundo estão amplamente errados.

* * *

Podemos agarrar de passagem os prazeres, por alguns meses ou alguns anos, mas não podemos conservá-los duradouramente. A felicidade é dura de se obter, porque está na paz interior e deve ser ganha. E a calma só vem depois da tempestade. O efêmero pode iludir o homem por algum tempo, mas não pode dominar sua ânsia inata de conseguir felicidade.

Embora o homem esteja ocupado demais, cultuando os deuses que não merecem tal culto, em lugar de se voltar para o verdadeiro Deus, que está sorrindo, sem ser visto, acima da balbúrdia consumidora, dia virá, seguramente, em que ele se voltará, cheio de dor, e prestará a atrasada homenagem, mesmo que não seja senão depois que tiver pago com a moeda da desilusão as experiências feitas com as doçuras da existência social.

Os homens que vivem à larga, que provam a maioria dos prazeres que a vida pode oferecer, apenas para senti-los amargos sobre a língua, ao fim, podem começar a perceber esta verdade. O Sábio a descobre pela introspecção.

* * *

Só da completa identificação com os vivos elementos espirituais que estão dentro de nós, pode vir integral e duradoura felicidade. A própria vida, com suas sinas mutáveis e variáveis, oferece a melhor iniciação a essa verdade. Não precisamos de outro professor que nos ensine estar o bem apenas dentro de nós. Contudo, essa verdade, tão claramente escrita em nosso coração pela mão do nosso Pai Supremo, é geralmente ignorada, ou condenada.

* * *

Os anjos guardiões de muitos homens tremem quando os frutos de seus esforços lhes são colocados ao alcance das mãos, quando aplausos da fama lhes são atirados, e adocicadas palavras de louvor lhes chegam aos ouvidos. Porque o sucesso tem tantos perigos quanto o fracasso, e almas que poderiam suportar este último foram incapazes de suportar o primeiro. A felicidade só pode vir para aqueles que conseguem resistir às atenções de ambos, os que conseguem preservar e reter uma equanimidade da mente, sem deixar que ela seja enganada pelo mundo.

* * *

Não invejei Gordon Selfridge quando falei com ele, certa vez, em seu escritório, lá em cima, no imenso edifício onde reinava como um soberano. Senti que eu

era proprietário de melhor negócio do que ele jamais teria, negócio que continuaria pagando altos dividendos num século distante, quando Selfridge & Companhia Limitada nada mais forem do que um simples nome ao qual os historiadores dedicarão três ou quatro linhas.

* * *

As ambições mostram ao homem um arco triunfal que o aguarda ao fim do caminho. Com que frequência, entretanto, tem esse homem de beber até às fezes uma taça de fel, depois de ter passado sob aquele vistoso arco? Com que frequência a prometida coroa de louros que iria honrá-lo se transformou em coroa de agudos espinhos sobre sua cabeça? Assim, mesmo a ambição abortada lhe ensina melhor filosofia do que muitos livros.

Vale a pena atirar fora os verdadeiros tesouros da mente e da alma na corrida, após mesquinhas bugigangas que podem revelar-se destituídas de valor? Vale a pena formular pensamentos ansiosos sobre como planejar melhor suas pequenas metas, ao lado da horda febril de caçadores de posições, quando lhe basta apenas entregar toda a sua vida aos cuidados do Eu Superior, que sabe melhor do que ele o que fazer?

O homem é hoje vítima da praga de uma multidão de preocupações mortais, que, definitivamente, só deveriam preocupá-lo ligeiramente, pois o Eu Superior sabe muito bem como tratar com elas. “Que proveito terá o homem se ganhar o mundo todo, mas perder sua alma?” — perguntou o Sábio galileu. ⁷⁷

77. “Porque, de que aproveita ao homem ganhar todo o mundo, se vier a perder a sua alma?” Mateus, Cap. 16 v. 26.

* * *

Notoriedade não é fama, e nem uma nem outra fazem a verdadeira felicidade do homem.

* * *

Confiemos no Eu Superior — e as circunstâncias se tornarão a nossa providência!

* * *

O homem imagina que sua herança consiste no fardo de paixões, desejos e angústias que carrega às costas. Pobre criatura! Não sabe que pode levar os documentos de homologação para uma propriedade divina que está à sua espera, e que o fará verdadeiramente feliz. Quando um místico fala da exaltação espiritual que encontra, sacudimos sensatamente a cabeça, e supomos que ele está sendo sentimental. Nunca nos ocorre que ele possa ser tão positivo como qualquer realista.

* * *

A felicidade é filha da Verdade.

* * *

A felicidade é nascida do Eu Superior. Aquilo que estamos procurando freneticamente através de uma dúzia de formas diferentes, está, despercebido, em nosso regaço. Nosso estado consciente é grandemente limitado. Nosso ponto de vista é amplamente unilateral. Porque quase sempre tomamos apenas o ponto de vista do corpo. Se por um só momento, contudo, conseguíssemos nos apoderar do ponto de vista do Eu Superior, poderíamos compreender que o corpo é apenas um pouco mais efêmero do que o pó. Por que continuar agarrando-nos aos seus brinquedos?

* * *

É estranho que, embora todos tenhamos de viajar pelos caminhos da vida, poucos se importem de saber para onde estão indo. Perambulamos, do berço ao túmulo, e não conhecemos nosso verdadeiro destino. Não é o túmulo: é o nosso Eu Superior.

“Não posso cantar porque vejo” — escreveu um homem inteligente, Israel Zangwill. ⁷⁸ “Posso cantar porque vejo” — é a resposta do Sábio.

⁷⁸. Israel zangwill (1864-1926). Romancista inglês, judeu, nascido em Londres. “O Rei dos Schnorrers”, história grotesca da vida dos judeus no *East End* de Londres lhe trouxe fama. “Os Filhos do Gheto” (1892) é um estudo da vida dos judeus na Inglaterra.

* * *

Abaixo de tudo, como a meia voz da verdadeira música, estão os Sempiternos Braços Daquele que tem estado observando e esperando desde o início dos tempos, e cuja paciência é sem limites e cuja benevolência prevalecerá, ao final. Por que, então, deveremos cansar-nos, resistindo? Por que não repousar nosso eu no Eu Universal? Se algures existe a felicidade, deve ser seguramente ali.

* * *

Os apreensivos não têm outro apoio senão a prudência: os que possuem mente espiritual apoiam-se na providência.

* * *

A divina canção sussurra em torno de nós, mas somos tão rudemente constituídos que não a ouvimos. Só entrando no divino silêncio poderemos abrir nossos ouvidos e alcançar a esquiva melodia. De outra forma teremos de chegar à felicidade através dos pântanos de amargas desventuras.

* * *

“Isso não! Isso não!” — exclamava o Sábio hindu quando, em seu transe, viu visão sobre visão de nossa vida mundana em seus mais tentadores disfarces. “Isso não” irá tornar-se, também, nosso veredito final sobre a existência limitada, desde que tenhamos penetrado na vida mais divina que se esconde atrás dela.

Porque, então, descobriremos que a felicidade que procuramos tão furiosamente entre os ídolos de um dia, aprisionadores dos sentidos, existe, embora não nos lugares onde pensamos que esteja. ⁷⁹ Tal felicidade é a vida do Eu Superior, vida na única realidade permanente, Deus, o segredo supremo de nossa constante pesquisa.

79. Há, aqui, curiosa coincidência com o terceto final do conhecido soneto de Vicente de Carvalho, quando diz que a Felicidade “existe, sim, mas nós não a encontramos / porque está sempre apenas onde a pomos / e nunca a pomos onde nós estamos”.

Essa é a meta oculta da vida. É uma estrela que brilha fascinantemente sobre nossas cabeças, enquanto corremos atrás de seu reflexo nas poças enlameadas. Acordar para essa compreensão absoluta é a beatitude final da vida. Expulsa tudo quanto nos limita e outorga jubilosa liberdade aos ex-escravos.

* * *

O evangelho do otimismo é apenas um simples reflexo, mais opaco, da brilhante verdade que afirma ser a felicidade o definitivo e inevitável destino espiritual do homem.

* * *

O Eu Superior tem sua própria meta inata, que persiste, imorredoura, através de todos os acontecimentos. Enquanto lutamos numa direção que não é a que nos foi atribuída, estaremos, inconscientemente, escrevendo uma história de esforço desperdiçado.

Virá um tempo em que, desesperando de trazer todos os nossos desejos pessoais a uma fruição perfeita, olharemos ao derredor e receberemos o propósito do Eu Superior em nosso coração. E porque dali por diante será ele quem suportará as nossas cargas, a paz nascida disso nos informará que escolhemos corretamente. O propósito do Eu Superior é atrair-nos para ele. Isso é a felicidade.

12

Sufrimento

Talvez seja possível imaginar-se semelhante acontecimento, mas virá um tempo, certamente, quando do amadurecimento da alma, em que reconhecamos não ter o infortúnio chegado com um só dia de avanço, e que o insucesso é, muitas vezes, melhor do que o êxito. Tal é o mistério do sofrimento, paradoxo dominante da vida.

* * *

Procuramos cura para nossas dores e mágoas, para nossas asma e reumatismos. Entretanto, para os desejos febris e para as inúteis ambições não procuramos cura.

* * *

Por que teríamos nós, atores do moderno espetáculo, de descobrir que nossos prêmios são, com tanta frequência, taças de amargura e desapontamento? Sombrias angústias e torturantes ansiedades emboscam-se atrás de nossas frentes. Podemos comprar coisas e podemos comprar pessoas, mas não podemos comprar felicidade.

O Gólgota chega igualmente para todos, e as mãos que distribuem sofrimento não poupam ninguém. Mesmo a riqueza senta-se à porta da vida, chapéu na mão, suplicando que aquela coisa terrível seja afastada, enquanto pelas ruas da existência espalham-se os descorados esqueletos dos desafortunados, dos desesperados, dos prostrados pela dor.

Muitos dos que a vida obrigou a percorrer os trevosos caminhos do infinito sofrimento, amiúde contemplam a chegada da morte sem exagerada preocupação. Quantos saíram para a vida, após os anos juvenis, com grandes esperanças? E quantos retornaram com as mãos vazias? Assim, os dias da existência, alguns alegres, alguns tristes, passam e desaparecem.

* * *

Fazemos frenéticos esforços para nos agarrarmos aos prazeres ilusórios deste mundo, mas compreendemos, através do sabor amargo dos frutos posteriores,

quanto são efêmeros. Quem, entre os que viveram integralmente, não conheceu a amargura do Getsêmane, não sentiu os agudos cravos da insuportável agonia enterrarem-se em sua própria carne? A tragédia bíblica é assim renovada, em menor grau, para quase todas as vidas. Tentamos primeiro uma coisa ou lugar fascinante, um após outro, ou colocamos nossas esperanças numa ou outra pessoa atraente. Quando, depois de muita luta e desilusão, imaginamos ter encontrado a esquiva figura da felicidade, a mão irresistível da efemeridade esmaga nossa alegria de curta duração, enquanto as impiedosas palavras ferem nossos ouvidos: “Isto também passará”.

A recordação de nossos tempos amargurados nos oferecem hesitações particulares sobre a alegada benevolência de Deus. Quando o sofrimento suga em nós a doçura da existência, com frequência vem a sugar, também, a nossa fé. Quando estamos atados à fogueira de suplício dos desgostos terrenos, o reino celestial forçosamente deve aparecer como um sonho sem base, pelo melhor, e como farsa motejadora, pelo pior.

* * *

Aquele que quiser curar as almas feridas de outros precisa, primeiro, ter sofrido. Só tem direito de dizer palavras de esperança e pronunciar frases de fé para os homens, quem caminhou estonteadoramente através de noites de desespero, e conseguiu, ao final, sair da sombra de profunda melancolia.

Porque também ele passou noites insones, banhado no suor de inflexível agonia, e temendo o horror de mais um dia de tormento. Pode, então, vir para nós trazendo bálsamo em suas mãos, e ungir-nos, até que a dor desapareça. De outra forma chega vazio. A amargura que um dia sofreu pode abrir em seu coração uma porta para o sofrimento de outros seres humanos.

Aqueles que sofreram profundamente, aqueles cujos corações foram partidos e cujas esperanças foram abatidas, podem ouvir mais depressa a mensagem que ele traz do que a dos outros, não importa quão inteligentes, quão intelectuais estes últimos possam ser.

Quem é essa estranha e severa Figura que aparece nos períodos sombrios de nossa vida e nos chicoteia em direção do deserto da dor, para que ali soframos, enlanguescamos, e aprendamos? Quem vem empilhar aquelas pesadas cargas que transportamos, e impiedosamente nos obriga a aceitá-las? Quem fica sentada, silente e sinistra figura, à mesa da vida, e joga xadrez com a humanidade? De quem é a forma espectral que nos segue para onde quer que vamos, caminhando atrás de nós pelas ruas da cidade e através dos vestibulos de suas casas, viajando conosco para a verde região rural, ou atravessando o mar em nossa companhia?

Essa figura é o Destino. Podemos com maior facilidade escapar à prisão por um crime, do que fugir ao nosso destino.

* * *

O Eu Superior fala ao homem na única linguagem que sua mente ensurdecida se preocupa em compreender — a do sofrimento. E usa, como seu instrumento, o destino. Sabe que as verdades que o homem aprende lentamente, através de dias de sangue e lágrimas, são aprendidas para todo o sempre.

As lições podem ter de repetir-se algumas vezes para fortalecer sua impressão, mas, eventualmente, de tal maneira profunda se inscrevem, que nunca podem ser esquecidas. Então, tornam-se mais penetrantes e mais vitais para nós do que quaisquer outras aprendidas através dos lábios de Arders. O destino é, simplesmente, o meio através do qual o Eu Superior trabalha.

* * *

Por muito que a lembrança não agrade ao coração, a mente um dia não lamentará aqueles longos interlúdios de dor que vieram, como inconscientes professores, para nos ensinar a caminhar sensatamente entre os homens.

* * *

O destino, então, é cego, é força que irresponsavelmente abate um homem, enquanto exalta outro? Se assim fosse, o Eu Superior compartilharia da mesma censura, seria digno de condenação, por se mostrar força injusta e irresponsável. Parece provável, porém, que um Poder mais alto e mais nobre do que o homem impenitente seja pior do que ele em seu trato conosco? Tal pensamento é irracional, e aqueles entre nós que comungaram com o Eu Superior, sabem bem que não é verdadeiro.

* * *

“Coincidência” e “casualidade” são palavras que só têm significado para os materialistas cegos, não para o que acordou espiritualmente. Porque há uma rede cobrindo o universo e ligando homens a homens, homens a acontecimentos, e acontecimentos a acontecimentos. As mãos que manejam e guiam essa estranha rede, são, necessariamente, invisíveis, mas ali estão. Os deuses têm muitos servidores, e nem todos usam um corpo feito de carne.

* * *

“Os deuses ordenaram, e assim tem de ser” — Sófocles, [80](#) em *Ajax*.

[80.](#) Sófocles (c. 496-405 ou 495-406 a. C.) dramaturgo grego, de Atenas, e poeta trágico. Entre seus trabalhos, além do citado “*Ajax*” (antes de 440) estão “*Antígona*”, “*Édipo-Rei*”, “*Édipo em Colona*”, até hoje representados em todo o mundo.

* * *

Que é, então, o destino? É a nossa herança, derivada de antigos nascimentos daquela criatura paradoxal, nossa personalidade, nosso ego, nosso eu separado, encarnado em diferentes ocasiões e em diferentes países, muito mais recuadamente do que podemos querer recordar. Porque somos os herdeiros de nosso próprio e longo passado.

Os pensamentos que arrebataram nossa mente em civilizações que agora são poeira morta, de novo nos arrebatam na moderna Europa. Os atos de bondade ou maldade que marcaram ou mancharam nossos antigos aparecimentos sobre este planeta em rotação, atiram fulgor de sol ou sombra tenebrosa sobre nossos dias presentes.

O longo panorama da vida humana faz seu sinuoso e velho caminho através de cidades e desertos, mandando as mesmas pessoas de volta, muitas e muitas vezes, para que retomem a antiga trilha, na bela, e aparentemente débil esperança de alcançar alguma Canaã ⁸¹ de duradoura felicidade.

81. País da Ásia, junto do Mediterrâneo. Segundo a Bíblia, Deus prometera aquela região aos israelitas, e para lá eles foram pela altura do ano 1200 a. C., levados por Josué. Daí seu outro nome: "Terra Prometida".

A vida é, assim, em si própria, perene maravilha. Desaparece de nossa vista através dos sombrios portais da morte, apenas para reaparecer de novo, com recém brotadas folhas de primavera, e as flores de pétalas brilhantes de um novo nascimento. Os materialistas podem falar até enrouquecer, tentando tornar este mundo um gigantesco túmulo, mas isso se dá porque não aprenderam o segredo de sua própria natureza. O corpo, e a mente corpórea encarnam muitas e muitas vezes, mas o Eu Superior nunca o faz. Os primeiros são transitórios, seus prazeres e suas dores desaparecerão com eles, um dia, mas o último é eterno e imorredouro, *porque é Vida*.

* * *

Mente superficial pode considerar claro que o Supremo Criador fez certo gracejo com o homem — e um mau gracejo. Porque o homem — pobre e indefesa criatura — nasce de bom ou mau grado neste mundo material; cresce, e habitualmente vive apenas a terça parte dos dias que lhe foram assinalados, antes de começar a entender, ao menos, que é possível a existência de um outro mundo para os seres. Então, o destino começa a dar-lhe as cartas e ele bem pode perguntar por que recebe algumas que não são dadas aos outros. Não há resposta, a não ser no silêncio absoluto de seu mais íntimo ser, e ele anda ocupado demais para ouvi-lo!

* * *

O eu pessoal insinua-se de volta, outra vez, no corpo de uma criança recém-nascida. Aos bocadinhos, os velhos gostos e capacidades, as antigas características, começam a emergir. E chegam à realização com a idade adulta. Não permanece lembrança alguma das existências passadas, simplesmente porque a Natureza sensata e misericordiosamente, ofereceu a taça da água do Lestes, [82](#) o gole que traz o esquecimento de todo o pretérito. Contudo, embora a memória de seus atos passados possa desaparecer, seus resultados, no homem e em outros, permanecerão.

[82. Na mitologia grega, o rio cujas águas são bebidas pelos mortos e provocam o esquecimento de todos os males passados.](#)

Qual de nós pode recordar um só de seus atos durante os primeiros doze meses de sua existência? Contudo, os anos seguintes são, simplesmente, o fluxo continuado desses meses. Assim, embora também um homem não se recorde de suas vidas passadas, sua existência presente é, apenas, o fluxo continuado daquelas que se extinguiram.

Se a Natureza não fosse misericordiosa e não nos libertasse dessas lembranças desaparecidas, não conseguiríamos suportar choque tão grande, que se estende até a obscura antiguidade, e ficaríamos completamente loucos. Se a memória desapareceu, entretanto, as influências do passado mostram seu resultado em nosso caráter presente, e no destino que nos foi distribuído.

* * *

As mentes mais agudas e os intelectos mais vigorosos aceitaram essa doutrina. Podemos revolver as estantes dos conhecimentos, nas bibliotecas do mundo, mas não encontraremos verdade mais adequada para explicar os vários caracteres dos homens. O renascimento vem da atmosfera incerta da teoria e se estabelece por si mesmo, como um fato, na mente dos homens de discernimento.

Encolhida na matriz dos credos orientais como tem estado, a doutrina da reencarnação será embalada no Ocidente como a mais filosófica das explicações para as diferenças existentes na humanidade. Mergulhamos na história em série da Vida, a cada reencarnação, e a reencetamos no próximo fascículo.

O que somos é o resultado de nossas experiências, mas estas não estão limitadas ao breve espaço de uma só existência. É melhor acreditar que Deus nos encarnou para divertir-se em Suas horas de lazer, alternadamente animando-nos com alegrias e torturando-nos com sofrimentos, ou acreditar que cada nascimento não passa de uma lição na grande escola do universo, e que a alta sabedoria vem lentamente à maturidade, dentro das nossas mentes, através desse repetido reunir de experiências de toda a espécie, a cada reencarnação?

* * *

A roda da vida gira e nos traz as velhas experiências sob outras formas. Sei que sou um antigo escriba: não acho que tenha me servido da pena somente nesta existência. Não duvido que tenha usado o estilo e a pena de ganso, em seu tempo. Essas vidas anteriores deram forma e cor à vida presente, e levaram-me de volta à velha vocação.

Nossas características e capacidades nascem conosco, e os primeiros anos de cada vida são, simplesmente, seu desdobramento. A sabedoria deve, finalmente, surgir de nossas múltiplas experiências, e então fluir para a nossa atitude diante da vida.

* * *

O destino deriva também, inevitavelmente, dessas repetidas reencarnações, trazendo-nos os resultados de pensamentos e atos, os frutos de ações meritórias e os espinhos da conduta errada. A cada ano a pena do destino escreve seu incansável registro de nossas vidas. O destino, afinal, não passa de uma velada lei de justiça, trabalhando inexoravelmente num tribunal invisível aos nossos olhos, e nosso destino está escrito, portanto, menos pela mão que não vemos do que por nós próprios.

Não devemos atribuir o destino às ordens arbitrárias de uma deidade caprichosa: ele é auto-obtido, e automerecido, embora as causas que o criaram se estendam longamente, para o passado. Recebemos precisamente o que merecemos. Habitualmente, não pensamos assim, mas isso se dá por causa da nossa cegueira, porque somos conscientes de apenas uma fração do nosso passado. A Natureza, contudo, recusa-se a desculpar-nos por imaginarmos, tolamente, que o presente é um fragmento isolado.

* * *

Nossa ignorância do fato da reencarnação, com seu consequente corolário de compensações ineludíveis, não nos desculpa aos olhos dos deuses do destino. Somos responsáveis diante deles por nossas vidas, até o derradeiro pensamento. Os atos que praticamos tão irresponsavelmente, não passam por eles com a mesma leviandade. Conhecem nossos móveis secretos, e não ousamos esconder propósito algum de seus olhos impiedosos.

O Homem é orgulhosamente consciente do fato de que ele parece governar este planeta: não é consciente do fato de que os deuses governam os homens. E assim, mesmo vendo a única existência que conhece, o homem sobressalta-se quando as sombrias forças da justiça oculta se erguem subitamente do deserto e o dominam. O poder dos deuses do destino circunda e encadeia este mundo, embora não o saibamos. Mantém estranhos registros de assuntos e acontecimentos que a frágil memória do homem olvidou inteiramente. Além

disso, conhecendo a personalidade e a natureza do homem, pode esboçar, a partir de um nascimento, a parábola exata de sua curva de experiências e conhecer e prever as variadas coordenadas de seu provável comportamento.

Como gigantes esculpidos, ali estão quatro seres estupendos que guardam os confins do mundo, nos quatro pontos da bússola. Seus olhos flamejam fogo mais terrível do que jamais foi aceso num altar druídico, porque é o fogo da justiça perfeita. Poucos homens ousam olhar para aquele tremendo fulgor, que os caustica até o último pensamento; menor número, ainda, deixa de mover os lábios queixosos, quando sua taça de amarga retribuição lhes é inesperadamente apresentada, para que bebam dela até o fim.

Aqueles quatro seres trazem o mundo sob seu majestoso poder, como sob uma teia finíssima de onde nem um só átomo pode escapar. Empregam uma legião de servidores invisíveis e mensageiros de velozes asas, cujos estranhos poderes são entendidos apenas pelas crianças, de tal maneira incríveis são para as pessoas que, ao se tornarem adultas, perderam o senso do maravilhoso, bênção dos anos iniciais da vida.

Aquelas secretas legiões do ar saltam de homem para homem e ligam os fios invisíveis que correm através de nossa complexa e misteriosa existência humana, levando terríveis atribulações para uns e a arca dos tesouros para outros. São conhecidas pela mente grega como Fados, ou Fúrias, e por outros antigos através de nomes menos pitorescos, porque nos dias primitivos de nossa raça a tela que esconde seu domínio estava descida apenas até o meio.

* * *

Os tempos e as marés do destino não permanecem para homem algum. Aquele que cegamente imagina que pode espalhar sofrimento para os outros ao mesmo tempo em que tenta trabalhar apenas para a sua egoística vontade, supondo que assim vencerá, é digno de piedade. Cada encarnação lhe trará um novo purgatório, e cada morte o encontrará dirigido para o inferno temporário dos lamentosos, até que aprenda a transformar em obediência à consciência aquela voz lentamente aumentada de muitas encarnações.

Se ele fere as regras do jogo da vida, os deuses, no devido tempo, ferem-no, também. “Não há educação melhor que a adversidade” — dizia d’Israeli. ⁸³ O leopardo pode não mudar suas manchas, dizem os que sabem, mas que ele seja reencarnado com a necessária frequência e poderá. O mesmo se dá com o homem. O tempo pode mudar o aspecto de qualquer temperamento, e transformar o mal em bem.

83. Issac d’Israeli, escritor inglês (1766-1848), pai do famoso Benjamin Disraeli, Conde de Beaconsfield, (1804-1881) escritor que foi primeiro-ministro da Inglaterra.

O que é verdadeiro para um homem é verdadeiro também para a humanidade. O mundo inteiro, hoje, está passando por uma fase fatal de ajustamentos, muito dolorosos, mas ainda autoprovocados, e as figuras notáveis da história de nossos dias são, simplesmente, instrumentos inconscientes da Nêmesis, ou ferramentas da Providência.

* * *

Um simples João-Ninguém, mesmo assim, pode dominar o mundo, se o destino o decretar. Somos excessivamente inclinados a julgar um homem pelo registro de seu passado, seja de pequenez ou de grandeza, todos errando quanto ao fato indubitável de que não somos apenas nós que escolhemos nosso trabalho e fornecemos nossos conhecimentos, mas também o dominante destino.

Tomamos demasiadamente as pessoas pelo valor aparente e muitíssimo pouco pelo valor íntimo. Martinho Lutero ⁸⁴ era um desses Joões-Ninguém, desconhecido e nada importante monge da pequena cidade alemã de Wittenberg. O mundo não podia ver a alma que se escondia sob o capuz e o hábito grosseiros, embora pudesse ver a orgulhosa pompa do Papa Leão. ⁸⁵ Lutero atraiu a atenção da Europa e fez oscilar o poder papal. Assim, representou um papel destinado a ele no excitante drama composto na história daquela época.

⁸⁴. Martinho Lutero, líder da Reforma Alemã, de onde nasceu o Protestantismo. (1483-1546)

⁸⁵. Papa Leão X, que ocupou a cadeira pontifícia de 1513 a 1521. Nasceu em 1475 e faleceu em 1521.

Napoleão ⁸⁶ era outro João-Ninguém, pobre primeiro-tenente que na batalha de Toulon nada realizara. Ninguém sabia que sua mente estava habitualmente ocupada com a política que deve ocupar a mente de um general, mas todos sabiam que se tratava de um subalterno sem recursos e sem importância, que podia ser menosprezado. Então, o destino pôs-se a trabalhar e fez dele o alvo da admiração do mundo ocidental. Assim, tanto o monge como o soldado obedeceram a um destino protetor e levaram adiante suas silenciosas instruções. É porque tinham trazido os talentos, as capacidades e o caráter exigidos, e isso lhes vinha de anteriores existências sobre a terra.

⁸⁶. Napoleão Bonaparte (1769-1821), imperador dos franceses, nascido em Ajaccio, na Córsega.

* * *

Sorte! Dois homens estavam viajando a pé, na Alemanha medieval, quando tremenda tempestade subitamente os alcançou. Entre o sonoro ribombar dos trovões ambos correram à procura de abrigo, lado a lado. Antes que alcançassem lugar seguro um raio cortou-lhes o passo. Um dos homens caiu morto quase aos pés do companheiro, que se viu inteiramente ileso. Os fados o

havia salvo, seu destino o protegera, porque ele estava ligado ao destino religioso da Europa. Aquele homem era Martinho Lutero.

Um general caminhava em torno de fortificação que estava sitiando, em certa noite tenebrosa, sem lua. Um de seus próprios sentinelas pediu-lhe a senha, sem o reconhecer. O general estava mergulhado em seus pensamentos, planejando e esquematizando, como era de seu hábito. O devaneio a que se entregava era tão profundo que não ouviu o pedido. Quando só estava a alguns pés do sentinela este último atirou contra ele, à queima-roupa. O general foi atirado ao chão pela força do disparo e ali ficou prostrado. Um minuto depois levantava-se, totalmente ileso.

De novo o misterioso trabalho do destino tinha protegido aquele homem contra a morte explosiva, porque também ele estava ligado com a não realizada história da Europa. Aquele homem era Napoleão Bonaparte.

Os homens podem planejar a vida que quiserem, mas permanece um imponderável e invencível elemento que se move por sua livre vontade — o elemento destino. Vidas anteriores lançam suas sombras escuras ou iluminam os anos com uma sorte imprevista.

* * *

O mundo moderno, que se orgulha do poder da vontade humana, que tudo conquista, terá de aceitar, finalmente, a presença do destino como uma das poderosas forças do universo, tal como aprendeu a aceitar a presença da eletricidade. Os sábios de todas as épocas, tanto no Oriente como no Ocidente, subscreveram seus nomes na submissa crença de sua existência. Se, apesar disso, ele permanece um mistério profundo, e os Sábios pouco deram ao mundo em relação às suas atividades, não precisamos esbarrar em muitas palavras sobre esse caso, mas tomar, apenas, um princípio geral.

Então, compreenderemos que nada de importante acontece em nossa vida por casualidade, que não há acontecimento nem pessoa que nos influencie e tenha chegado a nós por puro acaso, e sim, que tudo é obra avançada da justiça e da inteligência universais. Compreenderemos, também, que a vida se parece muito com aquela estranha arma australiana, o bumerangue. ⁸⁷ Atiramos nossos atos prejudiciais e maus pensamentos contra outros homens, mas o tempo passa, e eis que volta para nós o que atiramos, ferindo nosso próprio corpo e envenenando nossa própria mente, tudo devolvido pelas irresistíveis forças da Natureza.

⁸⁷. Arma de arremesso, usada pelos indígenas da Austrália, espécie de arco de madeira escavada, que retorna para aquele que o atira.

Devemos, então, cessar de bater a cabeça contra as paredes, queixando-nos das circunstâncias, ou de reclamar em voz alta contra quaisquer poderes que

sejam. Devemos aceitar o pensamento de que nós mesmos somos os criadores da maior parte do nosso destino.

* * *

Não podemos usar a palavra destino sem arrastar a antiga controvérsia que o liga ao termo oposto, o livre-arbítrio, este, por sua vez, ligado às artes da predição. Tão paradoxal é todo esse assunto que sabemos de poderosos homens de ação, como César ⁸⁸ e Napoleão, que o mundo vê na qualidade de apóstolos do livre-arbítrio, mostrando-se crentes convictos no poder dominador do destino.

88. Caius Julius Cesar (101-44 a. C.). Ditador, nasceu e morreu em Roma. Político e guerreiro, foi assassinado por Brutus, a quem sempre protegera como a um filho. A história registrou sua última frase: “Também tu, meu filho!” Orador e erudito, escreveu, entre outras coisas a famosa “Guerra dos Gauleses”.

Podemos passar muitas horas fascinantes, mas perplexas, pensando nessas velhas questões. Se o destino existe, devemos nos abandonar, em irremediável letargia, porque o livre-arbítrio é um sonho? Como todas as perguntas desse gênero, as respostas, tanto de proponentes como de opositores, contêm apenas meias verdades. Solução completa desse problema não se oporá às réplicas, antes as aceitará e se esforçará por encaixá-las umas nas outras. Julgamento equilibrado pode conciliar a crença no destino com a percepção da necessidade do esforço individual. Aceitar qualquer das posições na qualidade de inteiramente satisfatória, é indicar que há uma excentricidade na natureza da pessoa, bem como trair compreensão superficial da existência. Se o homem está preso à garra de acontecimentos predeterminados, é igualmente verdadeiro que há um elemento de liberdade, algures, ou nunca será capaz de alcançar o alto propósito a ele atribuído pela evolução espiritual.

* * *

O Oriente exagerou o poder do destino. O Ocidente exagerou o poder do livre-arbítrio. Uma visão mais sã combinará os dois dominadores da força inata do homem, com o devido crédito para com os preordenados decretos do destino. Assim, podemos aceitar a doutrina de dois gumes do *kismet* ⁸⁹ autocriado e beber o desagradável gole, se for preciso. Mas poderemos, também, afirmar que a alma, em luta para se modificar, está, da mesma maneira, lutando para modificar o seu destino.

89. Palavra turca para “Fatalidade”.

Assim, os nós que aparecem em nossa vida são, antes de mais nada, atados pelas nossas qualidades de caráter e capacidade, e por nenhuma outra mão. Trazemos dentro de nós mesmos o dispensador de nosso destino, o árbitro do nosso bem e do nosso mal. Que seja verdadeiro isso de um destino secreto dominar nossos pequenos avanços e nossos esforços menores, e que a vitória

do jogo dependa, com certa frequência, do seu sorriso ou da sua carranca. Devemos reconhecer, também, que esse destino significa nós próprios, em outro disfarce.

Ele é o fruto bom ou mau que tombou da árvore plantada por nós em outras encarnações. Precisamos aceitar e comer esse fruto, e se for ácido demais para o nosso gosto, aprenderemos a plantar melhores sementes e a trabalhar no pomar da vida de maneira mais meritória. Afinal, se é o homem que cria seu próprio destino, a conclusão lógica é a de que ele próprio pode influenciá-lo. Aqui, a lógica se faz coincidente com a verdade. Mostrar o destino todo-poderoso, incapaz de ser influenciado pelo homem ou pelos anjos, é tornar prejudicial e não proveitosa para os homens aquela grande verdade.

* * *

Os orientais, mantendo como postulado central de suas religiões que o destino é implacável, porque dá ao virtuoso a recompensa exata e persegue o mau até sua punição, têm mergulhado em supino fatalismo que os torna crédulas e lamentáveis vítimas de todos os adivinhos da sorte.

As artes da predição prosperam amplamente no Oriente, e agora estendem seus tentáculos também pelas terras ocidentais. Prognosticadores profissionais fizeram-se, hoje, membros de um comércio florescente. A carência de qualquer coisa estável na estrutura do mundo moderno, as inseguranças e desesperos, as tragédias das fortunas que se foram e dos empregos perdidos, a romântica noção de sexo nutrida pelos cinemas e pelas histórias modernas, são coisas, todas elas, que mandam a taça humana aos chamados videntes — menos, talvez, porque tenha completa fé no que dizem do que por não saber para onde mais se voltar.

Aquela esperança, que se imagina brotar sempre no peito humano, induz o homem a procurar um magro conforto na possibilidade de ouvir que a roda giratória da Fortuna pode, acaso, girar a seu favor. O abismo da incerteza se escancara sob seus pés. Outros tentam aumentar as fortunas existentes em suas mãos, usando dispendiosos prognósticos, mal despertados para o fato de que quem quer que seja capaz de predizer resultados futuros bastante corretamente para fazer a fortuna alheia, provaria melhor isso fazendo sua própria fortuna em primeiro lugar.

As absurdas reivindicações de completa presciência feitas por muitos profissionais, só podem ajudar a fortalecer as alegações de seus críticos. Embora seja verdade que um estudo científico e sem prevenção das grandes artes da predição pode levar à descoberta do significado mais profundo das coincidências e casualidades do mundo, não é verdade que isso capacitaria alguém a tornar-se possuidor da onisciência de um deus.

* * *

Se a desgraça nos ameaça, não rezemos para ser salvos: rezemos, antes, pedindo mais força, mais fé, mais coragem. Salvemo-nos, e deixemos que os deuses do destino façam o que quiserem com o nosso corpo. Assim, atraímos o auxílio de forças invisíveis.

* * *

O homem sensato sabe quando deve abaixar a cabeça diante do inexorável e invencível destino, e quando deve atracar-se com ele, em luta renhida, persistentemente. Saberá suportar, pacientemente, o destino que parece maléfico e que não pode ser alterado, façamos o que for, mas também saberá que importa menos o que diz o seu horóscopo do que o que diz a sua alma.

Se há sabedoria em acreditar no destino e na reencarnação, será sabedoria maior acreditar no poder do recôndito eu do homem, o Eu Superior, confiar nesse poder, relaxar, e deixar que ele cuide dos problemas, infortúnios, dificuldades e desesperos. É melhor, até, esquecer as idéias de muitas encarnações e da sombra do destino suspensa sobre nós, se essas lembranças nos escravizam numa desvalida letargia, como escravizaram muitos orientais.

Precisamos esquecer todas as limitações que essas idéias trazem, a fim de obter fé segura na possibilidade de que o reino do céu exista para nós, aqui e agora. Deixamos que desapareça na mente o destino desanimador, e todos os futuros infortúnios em que os adivinhos irresponsáveis da sorte nos fizeram acreditar, e encontremos a liberdade interna no Eu Superior. Mesmo que fôssemos imutavelmente predestinados a suportar desastres vaticinados, nossa reação para com eles não é predestinada.

* * *

Preocupação é miopia espiritual. Sua cura está na fé inteligente.

* * *

A vida, vista como educação para a sabedoria, parece, afinal, ter algum sentido.

* * *

O homem, em si próprio, é livre, eternamente livre. Só seu corpo e sua mente estão submetidos ao destino. A conduta mais sensata é procurar reivindicar essa liberdade. Então, o destino todo é obrigado a abrir suas tenazes.

* * *

O homem fraco preocupa-se com o seu horóscopo, mas o homem sensato rasga-o. Sabe que o Sol, a Lua, Marte, Saturno, e Júpiter, estão todos dentro

dele. “O defeito, caro Brutus, não está em nossas estrelas, mas em nós mesmos, no fato de sermos subordinados” — disse Shakespeare. ⁹⁰

90. William Shakespeare (1564-1616), célebre dramaturgo e poeta inglês, batizado na igreja da Santíssima Trindade na cidade de Stratford-on-Avon. Entre as inúmeras obras que escreveu, salientam-se, como conhecidas em todo o mundo, “Ricardo III” (1592), “Romeu e Julieta” (1594), “Júlio Cesar” (1599), “Hamlet” (1601), “Otelo” (1604), “Rei Lear” (1606), “Tempestade” (1611) e muitas outras.

Todos os planetas se tornam astros auspiciosos que auxiliam e nunca prejudicam, desde que o homem tenha alcançado o caminho de uma vida divinamente harmoniosa. A Natureza é amiga do homem, não sua inimiga, e prova isso, realmente, quando o homem deixa de lutar contra ela, colocando sua vida nas mãos de seu senhor, o Criador. Que fizemos nós à Natureza para que ela nos deseje mal? Recebamos a fortuna caladamente e a desgraça ainda mais caladamente. Os efeitos das angústias dependerão, precisamente, da maneira como pensamos nelas.

Ver os acontecimentos e os homens dessa maneira é compreender que oposição também é oportunidade. Oportunidade de ganhar fé maior, maior coragem e maior sabedoria. Tais ganhos substituirão qualquer perda de coisas que nos possa ter ocorrido, e, assim, oferecem compensação. Mudemos nosso ponto de vista, tirando-o do ângulo comum, e reflitamos as divinas qualidades ocultas dentro de nós — sejamos positivos, afirmadores, e, acima de tudo, calmos.

Então, enquanto fazemos nosso caminho através das urzes e dos espinhos que um destino aparentemente maligno plantou em nossa trilha, não temos necessidade de deixar que esses espinhos e urzes entrem dentro de nós. Nem uma só das qualidades protetoras da divindade a cuja imagem somos feitos, pode jamais ser perdida, ou ferida, ou posta de lado. Estão todas dentro de nós, e quando não pudermos controlar as coisas externas, chamemos essas qualidades otimistas a que tomem expressão, e então, com certeza, controlaremos seus efeitos sobre nós. Por que alimentar pensamentos negativos, quando podemos ter pensamentos brilhantes?

* * *

As lutas ajudam uma pessoa a avançar, os experimentos fazem e expandem um homem. Portanto, com frequência será melhor não saber qual será o nosso futuro, e sim, depender dos recursos interiores com os quais enfrentar todos os acontecimentos. A mente deve manter seu equilíbrio nato, e se a maioria não preparada visse tudo, suas mentes se tornariam desequilibradas.

Os trabalhos do Criador são revestidos de mistério com um bom propósito, e é melhor viver em admiração reverente até que a hora da iluminação chegue, até que tenhamos chegados a nos emparelhar com o Eu Superior. É melhor sofrerar

a tendência inquisitiva, que quer perscrutar o tempo, e ser inquisitivo quanto ao que transcende ao tempo. Procuremos nosso Eu Superior, cheguemos ao conhecimento do nosso ser íntimo, e entraremos em sereno contato com o eterno.

Então, jamais murmuraremos contra o nosso sombrio destino. O véu da catarata tombará de nossos olhos, e naquela hora sagrada viveremos entronizados, protegidos, seguros, com as asas da divindade desdobradas em torno de nós. Por que, então, daremos trabalho aos adivinhos e deixaremos que nos arrastem a uma curiosidade ansiosa, a um correr de cá para lá em busca de retalhos de bem-estar, quando a inefável condição de suprema e constante serenidade nos espera?

Por que procurar o menor quando o maior está ao alcance de nossas mãos? Espreitar ansiosamente os anos futuros é confessar nossa carência de fé, nossa incapacidade de confiar num poder mais alto. Confiemos nele, e na medida da nossa fé, ele agirá em relação a nós. Dentro do santuário do nosso sempre presente Eu Superior, todos os infortúnios desaparecem, todos os enigmas recebem sua silenciosa resposta, todos os problemas se desfazem, toda a preocupação com o passado e com o futuro se dissolve, e todas as incertezas e receios fazem sua não lamentada despedida.

Isso foi o que Jesus quis dizer quando pediu aos seus discípulos que não pensassem no amanhã. [91](#) Não precisavam disso, porque tinham confiado suas vidas ao Seu poder maior, um poder que saberia bem cuidar, para eles, dos anos vindouros. E porque o Coração do Ser é Benevolência, saibamos que nossa vida não é menos cara ao Supremo Pai do que é para nós. Ouçamos, profundamente, o Monitor que está dentro de nós. Deixemos que fale o que não tem voz, porque é “Um que carrega tanto este mundo como as nossas cargas, não nós”.

[91. “E assim não andeis inquieto pelo dia de amanhã. Porque o dia de amanhã por si mesmo trará seu cuidado: ao dia basta sua própria aflição.” Mateus, 6, v. 34.](#)

* * *

Certa vez Jesus caminhava brandamente pela praia da Galiléia. Voltou-se para aqueles que O acompanhavam e disse: “Se confiásseis no Pai tanto quanto eu confiei, encontraríeis o reino do céu. Se viverdes dia a dia como se Ele estivesse convosco e morasse em vós, então estaríeis verdadeiramente nos assuntos de vosso Pai. Aflição! Aflição! É o que está com aqueles que não confiam Nele”.

* * *

Dessa elevada maneira, então, saberemos como sofrer e como gozar, e podemos voltar nosso rosto para o amanhã como seu mestre iluminado, e não como sua perturbada vítima. Assim possamos viver no divino presente.

13

O Eu e o Eu Superior

Eu daria uma nova beatitude ao mundo: “Bem-aventurado seja o homem que encontrou seu próprio eu!”

* * *

Olha atentamente para teu próprio coração, ó Homem, e vê que lamentável multidão ali se reúne! A adejante figura da Alegria caminha de braço dado com a Depressão, de olhos abatidos, e ambas parecem ser amigas inseparáveis. A inquieta pantera da Luxúria move-se de cima para baixo no espaço estreito, enquanto no mais recuado ângulo, vestida de branco, aquela criança que cresceu, a Inocência, chora sobre suas passadas lembranças.

A Angústia, cinzenta e curvada anciã, cambaleia por ali com sua enorme carga, seus olhos turvos e cansados lançando, de vez em quando, invejosos olhares à Paz, que está calada e contente como num retiro cor-de-rosa. Ah! Chega, bruscamente, a auto-importante Ambição, cuja forma encapotada esconde muitas dores e desapontamentos...

E assim poderíamos continuar, espiando aqui e ali em teu coração, revelando todos esses intrusos estranhos, que tomaram posse da tua morada, porque, fica sabendo, eles não são tu, nem seu lar é teu coração verdadeiro.

* * *

“Homem, conhece-te a ti mesmo!” Toda a sabedoria de idades passadas, toda a sabedoria que as idades por nascer jamais descobrirão, mostram-se resumidas nessa frase. Cinco palavras, contudo, cobrem toda a vida! Desafiamos alguém a encontrar cinco outras palavras capazes de dar melhor conselho ao homem. Estão inscritas em mármore sobre o mais sagrado Templo-Mistério da antiga Grécia, [92](#) estão escritas em folhas de palmeira pelos Sábios Richis da antiguidade hindu, e ecoaram silenciosamente, durante altas iniciações, dentro da própria pirâmide.

[92. Famosa inscrição grega, “Gnôthi seautou”, que figurava no frontão no templo de Apolo, em Delfos, cidade da Grécia antiga. Nesse templo o oráculo era lançado pela sacerdotisa Pítia.](#)

* * *

Há na alma de cada homem algo infinitamente maior e mais grandioso do que ele sabe, mais do que chegou a sonhar. Nós nos agarramos fortemente à casca exterior da consciência do corpo, porque ignoramos o núcleo divino que ele contém. Perambulamos pelas águas amplas e pelas encrostadas terras deste globo, e agora é tempo de mudar de rumo e explorar o que há em nós próprios — o mais maravilhoso de todos os globos.

Aqui estão os vários continentes da mente e aqui se estendem os mares ilimitados do coração, pouco navegados e escassamente registrados nos livros. As mais estupendas descobertas virão quando os nossos cientistas se afastarem durante algum tempo do metal, da pedra, e da eletricidade, para examinar e explorar a natureza do eu, dentro do laboratório do Homem. “Eu e toda a humanidade, sob nosso aspecto trivial, escondemos enigmas” — escreveu, intuitivamente, Herman Melville. [93](#)

[93. Herman Melville \(1819-1891\), escritor norte-americano, autor, entre outras obras, do famoso romance “Moby Dick”.](#)

* * *

A auto-ignorância senta-se ao trono do mundo do conhecimento. Nossos guias correm febrilmente de cá para lá a fim de apanhar retalhos de informação sobre isso e aquilo, mas dão pouco tempo à consideração de assunto muitíssimo mais importante: *“Quem é este ser que procura esta informação?”*

* * *

Não há estudo abaixo do eu que valha os mais altos poderes da mente do homem. Porque ele não poderia perceber o mundo fora dele, e não conseguiria registrar suas impressões do mundo através de seus cinco sentidos, se seu eu não existisse para receber essa percepção e aquelas impressões.

Numa palavra: o mundo não existiria para ele se ele próprio não existisse antes. Os cientistas já sabem, através de experiências com o hipnotismo, que o agente real da visão não está no órgão físico do olho, mas na mente que usa aquele órgão. Resumindo: é a mente que movimenta os olhos. Os cientistas ainda estão para descobrir o que é que movimenta a mente. E, quando fizerem isso, entrarão em contato com o eu real do homem, o ser do qual tanto a mente como o corpo derivam sua existência e mantêm sua vida.

* * *

Immanuel Kant [94](#) deu, no mundo filosófico, ampla prova de que o universo é, realmente, uma matriz na qual o homem lançou sua consciência, e que a existência definitiva dele está dentro de nossa mente. Demonstrou isso pelas mais estritas deduções e as mais cuidadosas considerações. Tão profundo e tão

próximo foi seu raciocínio que poucos podem aventurar-se em segui-lo, e menor, ainda, é o número dos que chegaram sequer a compreendê-lo.

94. Metafísico alemão (1724-1804), um dos maiores e mais influentes filósofos do mundo, autor da “Crítica da Razão Pura”.

Para além e para cima ele colocou o lugar do mundo real, o Infinito, o Absoluto, que declarou desconhecível para o intelecto humano. Nisso ele estava obviamente correto. Para além da máquina-lógica do cérebro, entretanto, os Sábios apontam uma faculdade maior, que ilumina a espessa treva que a envolve, e declaram que aqueles nos quais essa faculdade despertou, encontram como realidade o que para Kant foi apenas uma teoria posta em ensaio.

A consequência prática de toda essa metafísica é abrir a possibilidade de libertar o homem do constante domínio de seu ambiente material. Ele pode desafiar o mundo externo, se ao menos conseguir penetrar naquele mundo interior do ser, porque pode viver uma existência independente dentro deste último. Até agora ele conhece apenas uma parte fragmentária de seu ser interior, onde imensos estratos de poder e inteligência jazem, latentes.

* * *

Mas esse ser é, aparentemente, a coisa mais esquiva no mundo. “Como quer ser enterrado?” — perguntou Criton ⁹⁵ a Sócrates, um pouco antes da morte deste último. “Como quiseres” — respondeu o sábio — “se puderes apanhar-me e eu não me esquivar à tua perseguição!”

95. Discípulo e amigo de Sócrates, que tudo fez para que seu mestre se evadisse da prisão, com o que Sócrates não concordou.

A ciência, que fez tanta pesquisa ao longo de uma quantidade enorme de linhas, ainda não descobriu o que somos. Porque isso é algo de que os instrumentos, por muito custosos que sejam, jamais se apoderarão, e que os telescópios jamais verão. Contudo, os cientistas podem obter os meios necessários para perceber tal coisa, de graça, porque ela está dentro deles próprios, em sua própria mente e coração. Aquele eu real está escondido nos recessos da alma do homem, onde os olhos da carne jamais penetram. Se as cortinas tiverem de ser afastadas, como podem ser, então os meios usados devem ser sutis bastante para alcançar essas profundezas.

* * *

Os meios usados são, então, nada mais do que pensamento e sentimento. Espalhamos nossos pensamentos de forma de todo indiferente, e deixamos que nossas emoções se modifiquem a cada momento. O poder que pode ser obtido pela sua concentração é habitualmente perdido. Nossa mente está, portanto, em permanente estado de vibração, e raramente descansa. Essas são as causas

reais de estarmos de tal modo atados ao mundo material que nos deixamos cegar por ele, e perdemos a realidade espiritual que espera pela nossa atenção, dentro das regiões da alma.

* * *

Este não é o lugar apropriado para descrever um método psicológico em pormenores, mas os princípios que o fundamentam podem ser descritos. Quando a mente está profundamente engajada numa linha de pensamento, tende a tornar-se inconsciente da vizinhança externa, à proporção que a concentração aumenta. Quando esse estado é levado a uma profunda extensão, a mente torna-se voltada para um só ponto. Se, a essa altura, o assunto da meditação pudesse ser de alguma forma abandonado, o vácuo consequente causaria, rapidamente, um movimento do mundo oculto da alma do homem, que viria preenchê-lo. Naquela aparente vacuidade, o homem se tornaria consciente da presença de um novo visitante, seu Eu Superior. Tal é o princípio essencial por trás desse processo de autoconhecimento.

* * *

A dificuldade de concentrar suficientemente os pensamentos é seguida pela dificuldade maior de suspender de todo os pensamentos. A primeira será dominada por uma firme prática diária, um pouco de cada vez, até que a teimosa persistência possa levar os pensamentos perambulantes a se fixarem durante algum tempo num centro interno.

A segunda pode ser anulada através de inteligente estratagemas psicológicos revelados pelos Sábios de venerável antiguidade, mas depois disso negligenciado durante muitos séculos. Agora reviveu, e recebeu ênfase por parte do Maharichi do Sul da Índia.

Consiste em tomar como objeto de meditação a pergunta: *“Quem sou eu?”* A mente deve centralizar-se nessa única pergunta, pressionando profundamente para dentro, no esforço de descobrir o esquivo habitante do corpo. Se a concentração for completa e a persistência nunca diminuída, se a pergunta for conduzida de maneira correta, se a pessoa é realmente sincera, então a coisa extraordinária acontecerá.

A corrente mental da auto-indagação, a tentativa de investigar o que realmente a gente é, a observação dos próprios pensamentos nos primeiros momentos do processo, finalmente reúnem todos os pensamentos no pensamento único da existência pessoal. “Eu” é o primeiro pensamento espalhado pela nascente da vida do ser, mas também é o último. Conforme esse pensamento final é mantido no foco de atenção e consultado de maneira especial, subitamente desaparece, e o Eu Superior toma o seu lugar, dominando tanto quem indaga como a indagação, em sua divina quietude.

Através de todo o curso da meditação, o Eu Superior interno esperou e observou, aguardando o seu tempo, pois ele é sempiterno. O princípio que fica por trás desse processo que segue o eu até a sua toca, pode ser explicado por uma simples analogia: um cão pode seguir o rasto e descobrir seu senhor entre uma porção de gente, apenas pelo sentido do olfato. Da mesma forma o intelecto pode seguir o rasto e descobrir seu verdadeiro senhor — seguindo o caminho do sentido do “Eu” até a sua nascente.

* * *

Essa técnica é perfeitamente sólida, psicológica e espiritualmente, embora envolva certos fatos dificilmente aceitáveis pela ciência moderna, mas destinados a ser amplamente provados ainda dentro deste século. Ele retraça o intelecto até sua verdadeira origem, e revela a verdadeira natureza do eu pessoal. Restaura o equilíbrio da trindade do homem — corpo, mente, e alma — de há muito perdido, e que agora está às avessas. Repõe a Consciência em seu trono de direito e na profundidade do coração, e destrona esse usurpador, o cérebro.

Resolve problemas obstinados, que têm confundido os pensadores entre os homens, desde que a razão se expandiu. Dissolve toda a necessidade de argumentação, porque oferece uma experiência de primeira-mão, que estabelece a questão da alma de uma vez para sempre. Torna possível, para nós, compreender hoje, neste prático e agitado século vinte, o que nos foi devolvido pelo eco das palavras de notáveis Mestres espirituais das antigas eras.

Capacitando-nos para entrar no centro básico do homem, aquele lugar de repouso absoluto, fulgurante sabedoria e silenciosa harmonia, revela a identidade entre o bem-aventurado Nirvana de Buda, o Reino do Céu de Jesus, a Libertação de *Sri* Crisna, o Domínio de Osíris. ⁹⁶ Sonda a profundidade da mente e traz à tona o nosso retorno ao elemento oculto do qual tanto ela como o corpo foram realmente criados. Esse elemento é, nada mais, nada menos, o Ser Absoluto, o Espírito Subjacente, que subsiste, eternamente, entre os nascimentos e mortes dos homens mortais e dos mundos materiais.

⁹⁶. Um dos principais deuses do antigo Egito. Foi morto por Set, mas de novo ergueu-se e tornou-se juiz dos mortos nas regiões inferiores.

* * *

Um esforço diário para meditar ao longo dessas linhas vale a pena, porque produz, eventualmente, a bela sublimação do Eu Superior. Reservar um pouco de tempo para fazer algo bastante oposto à comum rotina da vida, traz nova influência para as horas de trabalho, tão poderosa é essa prática. O Eu Superior espera com os braços abertos, mas poucos se preocupam em arranjar tempo, seja o do lazer ou o de toda a vida, e lançá-lo às chamas do sacrifício. Se dermos

ao Eu Superior algum do nosso tempo e muita da nossa devoção, ele se dará a nós, eventualmente.

* * *

Educação alguma será completa e verdadeira se omitir a preparação essencial para o assunto de viver. Ninguém é jovem demais, ou velho demais, para praticá-la. O desaparecimento do ódio e do egoísmo, da crueldade e da cobiça, da acrimônia e da bestialidade, não poderá dar-se enquanto o homem persistir em identificar-se inteiramente com o seu corpo material.

Nenhuma reforma eterna renovará a humanidade enquanto ficarmos, como Prometeu, ⁹⁷ encadeados ao rochedo da matéria. A humanidade, durante sua longa perambulação através das idades, foi ter longe demais de seu centro espiritual. Gostemos ou não gostemos disso, agora não há meio de restabelecer o equilíbrio e a harmonia que perdemos, a não ser voltando-nos de novo para aquele centro.

97. Na mitologia grega ele é o mais antigo dos mestres e benfeitores da humanidade. Roubou o fogo aos deuses para dá-lo aos homens. Foi punido. Acorrentado a um rochedo, tinha o fígado devorado todos os dias por -uma águia. Regenerado o fígado, voltava a águia ao castigo. Hércules o libertou.

Vários caminhos foram mostrados pelos Mestres do passado, mas a técnica aqui proposta é a que parece ter aplicação universal nestes dias e época. Porque vivemos uma época intelectual, e essa técnica usa como instrumento de obtenção o próprio intelecto — até aqui visto pela maioria dos místicos como inimigo da realização espiritual!

* * *

O homem retirou muitíssimo sua fé em Deus, mas não pode retirar sua fé no eu! Se ele abandonou o que lhe parece problemático e duvidoso, jamais pode abandonar o fato de sua própria existência consciente. Nada é mais certo para ele do que a certeza do “Eu sou”. O caminho da indagação da natureza do eu, é, portanto, o que trata com assuntos certos e não com deidades supostas.

Eu faria um apelo à esta idade racional, em seu terreno, se não em outro. Se uma doutrina tem de ser inteiramente convincente para o cérebro moderno, deve ter suas raízes tanto na razão como na experiência. Embora o mundo educado tenha dito adeus à fé cega, não fez investigações. E pode explorar os labirintos e registrar uma sugestão mais poderosa do que esta. O tolo materialista e o religioso fanático podem rejeitá-la, mas farão isso porque ambos preferem a tolice e o fanatismo à verdade.

* * *

Fomos nós que levantamos as telas que nos escondem o Eu Superior, portanto somos nós que devemos descer essas telas. Algures, na profundidade do nosso

ser, reside essa augusta e eterna existência. Está aqui dentro. É o propósito supremo de todo o viver. Enquanto insistirmos em ignorar isso, nossa condição permanecerá verdadeiramente patética, porque ficaremos involuntariamente exilados de nosso lar nativo.

Não compreendemos que há tesouros sepultados em nós. Os que chegaram a compreender isso por si mesmos foram ricamente recompensados. Sentem sua soberania interior e sabem que a fraqueza e a penúria já não estão com eles: que o pecado e a estupidez são teias que já não têm permissão para ficar suspensas, mas foram varridas. E que o tesouro secreto que descobriram ficará com eles por toda a eternidade, sem que as traças o possam devorar ou os ladrões o possam furtar.

* * *

Tentemos reconhecer aquele sobre o qual baseamos toda a nossa existência. Procuremos esse eu pessoal, esse “eu sou” ao qual ligamos todos os fios de esperança e de medo, de propósito e de desejo.

* * *

Sofremos porque nos extraviamos do nosso centro. Quando nos recordarmos do que somos, e retornarmos, os desgostos desaparecerão por falta de pensamentos que os nutram, como as folhas tombam, no outono, sem a seiva que as alimenta.

* * *

A vida recusa ceder seu mais sublime segredo aos preguiçosos. Se quisermos encontrar seu verdadeiro significado devemos começar a procurá-lo. E o lugar dessa procura deve ser o interior.

* * *

Nós nos conhecemos como seres humanos, mas ainda precisamos conhecer-nos como seres espirituais.

* * *

Quando todos os eruditos, e sábios, e teólogos, tiverem escrito a última palavra de suas várias teorias e comentários, quando os grandes filósofos tiverem terminado seus longos discursos, ainda continuaremos frustrados diante do mistério do Eu Superior. Ele é inexplicável. É o raio autocriado de luz, saído da Treva Absoluta. É o ponto mais próximo de Deus a que qualquer ser humano já conseguiu chegar. Tudo quanto pode ser verdadeiramente dito a respeito dele, cabe nestas palavras: *O Eu Superior É.*

Devemos curvar com humildade a cabeça diante dele. A religião repousa sobre a proposição de que o Criador deve receber nossos melhores pensamentos e os mais profundos movimentos do nosso coração. Mas o Criador está para além do alcance do homem comum, é o Mistério dos Mistérios, e não há caminho que se estenda em direção d'Ele, a não ser o da intensa fé.

O homem que nasceu religioso pode dar tal fé, mas o homem que perde sua religião com a sua juventude, é, muitas vezes, incapaz de tal coisa. Na verdade, os pontos de vista tradicionais da religião perderam muito de sua força convincente para o homem moderno. Como criar fé e amor por um Ser desconhecido e desconhecível, é pergunta que a religião não responde. Mas o caminho da auto-inquirição espiritual repousa sobre um simples fato — nossa própria consciência individual.

É um caminho que tem finalidade, e mais uma segura recompensa. Leva paulatinamente o homem, de seu eu menos transitório para aquele glorioso centro onde mora o Eu Superior, que nada mais é do que o raio de Deus nele. Assim nos podemos aproximar de Deus, mas não precisamos colocar nessa tarefa uma credulidade cega. Ao contrário, isso requer inteligência.

* * *

Tentemos explorar o interior, procurando nosso Eu Superior e um dia teremos a experiência.

* * *

Tentemos encontrar a Verdade de primeira-mão dentro de nós próprios e não depender tanto do ministério de segunda-mão de outros homens, nem de depender dos véus de terceira-mão que são os livros e a Bíblia. Devemos ficar sobre nossos próprios pés, e não caminhar através da vida pelos pensamentos alheios. Devemos nos erguer sobre nossa divindade inerente, porque uma iluminação de segunda-mão já perdeu algum de seu valor quando chega aos nossos ouvidos. A referência final está, e sempre estará, no interior. A verdade jamais torna pública sua declaração final, reservando-a para aqueles que se aventuram até a sua moradia.

* * *

Antes que estejamos em condições de ajudar outros, devemos poder nos ajudar. Poderemos receber em vínculo ou penhor a alma dos outros homens, mas só depois que tivermos reunido recursos suficientes, que nos pertençam. Precisamos ser o nosso próprio amigo, antes de amparar outros. Enquanto estivermos como mendigos espirituais à porta da vida, é loucura falar em conceder esmolas a outras pessoas.

Sejamos essa raridade, o homem que procurou, e encontrou, o Eu Superior, e então teremos dons armazenados, que um milhão de homens não podem outorgar. Saberemos, a essa altura, como servir a humanidade, sem ostentação, secretamente, sem atos e sem palavras, ainda assim tão eficazmente que chegaremos a remodelar os homens e, conseqüentemente, suas vidas.

* * *

O Eu Superior está instalado na alma do homem como uma deusa oriental está instalada em seu trono de madeira laqueada — calmo, imperturbável, e intocado pelas formas agitadas de nossa inquieta existência. Cada homem é, assim, seu próprio deus, seu próprio mestre, seu próprio profeta. Não é confortador, pelo menos, saber que entre as perturbadas paixões, as sombrias depressões, e os pensamentos ingovernáveis da nossa natureza, existe um núcleo de quietude?

Não vale a pena fazer o esforço que um dia nos levará a repousar no berço do ser, como criança recém-nascida, confiando, serenamente, naquilo que acima de tudo é digno de confiança? Não é melhor tornarmo-nos o oráculo da divindade para nós próprios, um canal de sublime inspiração, e um embaixador do Absoluto, que está sempre acenando para nós, em chamamento?

Aquele que pode dominar o pensamento conquistou o mundo. Essa é a única vitória que vale a pena obter, porque entrega todos os despojos em nossas mãos. O domínio do pensamento é a quintessência do domínio do mundo. Lá, no reino das coisas ocultas, na região das forças invisíveis, estão as verdadeiras fontes do poder. Quem quer que tenha contato com aquelas regiões, de maneira certa, pode fazer e desfazer tanto os homens como os movimentos. Pode viver desconhecido e trabalhar em segredo, mas seus esforços alcançarão seu fim. Seus resultados serão seguros. Ele alcançará a sublime confiança e ainda sentirá dominadora humildade, porque compreenderá que Seres elevados trabalham por seu intermédio.

As forças irresistíveis trabalham silenciosamente. Quando Jesus disse aos que O ouviam que se procurassem primeiro o reino do céu todas as outras coisas lhes seriam acrescentadas, não fazia apenas uma declaração geral — como o foram tantas de Suas frases — mas, também, uma declaração definida.

* * *

Estamos todos reagindo à atração gravitacional do Eu Superior, e se o caminho é longo o final é seguro. Porque o homem, o homem real, o Eu Superior, é verdadeiramente feito à imagem de Deus, conforme diz a frase bíblica, e as qualidades divinas que ele possui nunca podem ser destruídas.

Primeiro começamos a sentir a orientação do Eu Superior da maneira mais branda possível, depois ouvimos seu murmúrio místico mesclando-se à multidão

dos nossos pensamentos, finalmente somos impelidos a seguir sua estranha sugestão.

Podemos resistir hoje, mas um amanhã seguramente alvorecerá em que, de joelhos, seremos forçados a nos entregar. A própria Natureza não tem pressa. Dispõe de abundância de tempo para cumprir seus propósitos em relação ao homem. Mesmo que o dia se retarde, nem por isso é menos certo. O homem não pode usar de falsidade para com a sua hereditariedade, eternamente. Produto dos deuses, a eles terá de retornar.

* * *

Esse eu cintilante é a essência final, o princípio doador de vida, dentro de nós. Sua separação do corpo significa morte. Mas, porque ele é o verdadeiro Coração do Homem, e inseparável dele, não precisa temer. É integralmente sábio, integralmente compassivo, e integralmente belo, porque é o inefável raio de Deus em nós, e é, também imortal. Enquanto Deus viver, nós também viveremos.

14

Epílogo

Se os líderes do mundo, e as massas que os acompanham, estivessem prontos para aceitar o caminho melhor, para ter fé e para ousar fazer uso da Regra de Ouro, seus problemas se dissolveriam, toda a Natureza cooperaria, e os poderes ocultos começariam a ajudar. Se estivessem prontos para aceitar os valores espirituais como padrão digno de ser seguido, poderiam ver seus sonhos de terras felizes, prósperas e pacíficas, se tornarem realidade. Se tivessem coragem bastante para desafiar os deuses dessa maneira notável, não ficariam, não poderiam ficar, desapontados.

A mão morta do passado, porém, arrasta-os para trás. O ontem já passou, mas não para eles. Por que não deixar que os mortos enterrem seus mortos ⁹⁸ e seguir o novo sol, começando tudo de novo? Os antigos maias ⁹⁹ da América Central levavam isso ao ponto de queimar todos os seus objetos pessoais, a um certo intervalo. Há algum sentido nesse costume aparentemente sem sentido. Podemos sempre recomeçar, sempre voltar-nos com esperança para o infinito que nos tornou seres, e realmente nos criou.

⁹⁸. “Mas Jesus lhe respondeu: Segue-me e deixa que os mortos sepultem os seus mortos.” Mateus, 8 v. 22.

⁹⁹. Índios americanos, do Iucatã. Império florescente entre o segundo e o sétimo séculos a. C. A mais evoluída das raças americanas, possuindo linguagem escrita e construindo templos grandiosos onde adoravam o Sol.

O mundo sofre as dores de parto de um novo nascimento. Sentimos, realmente, essa agonia, mas a alegria da *delivrance* deve seguir-se. Entretanto, será bom que compreendamos não ser este planeta, onde estamos acampados por algum tempo, nosso verdadeiro lar. Somos peregrinos errantes, e não há repouso para nós enquanto não voltarmos, espontaneamente, para o Eu Superior.

* * *

A última palavra foi escrita. A tarefa de que me incumbiram em Arunachala está terminada. Contemplei bastante o mundo, durante a minha observação. Agora chegou o momento de erguer a cabeça e contemplar o próprio cimo.

Sentei-me no áspero degrau de pedra, do lado de fora da minha cabana, mexi minha xícara de chá de Darjeeling [100](#) e, confortado pelo seu aroma atraente, contemplei as cercanias. A velha “colina de fogo” lemuriana, conforme o povo a chamava, erguia-se mesmo da borda da pequena clareira, da vegetação de cactos e das moitas de arbustos.

[100. Cidade da Índia \(Bengala\) ao pé do Himalaia, exportadora de excelente chá.](#)

Um lagarto verde, de olhos que pareciam contas, espiava para mim, da parede da cabana, à qual se agarrava obstinada. mente, mesmo quando eu olhava para a cabeça achatada do cimo. Um corvo preto desceu para o telhado, crocitando vigorosamente, vociferantemente, à procura das migalhas que tinha certeza de encontrar espalhadas pelo chão. Uma macaca de buliçosos olhos amarelos passou por mim, saltando de penedo em penedo, seu feliz filhote agarrado ao peito com ambos os braços acinzentados. Chegou ao poço artificial e depositou o filhote na margem. Precipitando-se para a água, bebeu-a ansiosamente. Depois, entrou para o poço e esfriou ali seu corpo aquecido, debatendo-se ruidosamente.

Como acompanhamento final do som, o persistente zunir dos mosquitos se manifestou, mesclando-se ao coro perpétuo que vinha das árvores onde centenas de pardais bulhentos se haviam reunido.

Meus olhos vaguearam pela paisagem irregular até alcançar o horizonte de colinas escuras. Eu esperava, pacientemente, pela descida diurna do sol, que enche o mundo de colorida beleza e meu coração de macia tranquilidade.

Quando, finalmente, Ravi [101](#) começou a descer de seu trono flamejante no fulgente céu da Índia, e lançou luz rosada sobre a solitária e solene colina, esta última tomou aspecto mais vivo. Sua aparência tristonha desapareceu, e o rosto pétreo das vertentes, recoberto de lascas, cintilava agora com animado rubor.

[101. Deus hindu, personificação do sol, considerado como o primeiro dos nove planetas.](#)

O céu apresentava-se irregularmente tocado de um brando tom róseo, cujo reflexo lampejava sobre a terra inundada de luz. Sombras de uma pérola opalescente apareceram como grandes manchas contra a tonalidade cor-de-rosa do céu. Fiquei a ver os raios tepidamente coloridos desaparecerem do ponto mais elevado da colina. O contorno desgracioso de Arunachala que se espalhava, ia se fazendo sombrio contra o céu do anoitecer. O sol poente havia cessado seu esforço para brunir com ouro a paisagem.

Fiquei a pensar na era passada da história do nosso planeta, quando gigantescos terremotos empilharam a montanha rochosa sobre a terra, fazendo-a parte da Lemúria, companheira do continente dos atlantes. A Lemúria desfaz-se hoje sob as águas escuras dos oceanos Pacífico e Índico, transformando esses antigos mares em colossais mausoléus para cidades mortas e raças

extintas. Seus fragmentos subsistentes e suas ciclópicas relíquias, estão espalhados pelo mundo meridional.

E pensei em como a Natureza não é sentimental quanto à transitória vida humana. Quando grupos inteiros de povos maculam seu corpo e descem a monstruosas perversidades, ela não hesita em destruí-los com terríveis cataclismas. Não se trata de superstição. Se podemos conceder mente e inteligência ao eu, em nossos corpos, por que não podemos conceder mente e inteligência ao eu da Terra, donde vieram nossos corpos e para onde devem eles retornar? Não é menos racional o pensar-se que há Mente Orientadora, Alma Planetária, a habitar nossa Terra, do que pensar que há mente orientadora habitando nosso próprio corpo, porque carne e pó são apenas duas diferentes formas de matéria.

* * *

O dia havia terminado. Os rochedos dentados e as pilhas de penedos da muda relíquia da Lemúria eram muito pouco visíveis, agora. Arunachala estava para desaparecer. Sua silhueta foi aos poucos se apagando, à proporção que o crepúsculo hindu rapidamente crescia. Finalmente, a Luz da Índia se extinguiu. Trevas, completas e irreveláveis, cercaram-me.

Ainda fiquei sentado nos degraus, detestando a idéia de voltar-me para o limiar da porta e acender a lâmpada que me esperava. A hora crepuscular tinha exercido sobre mim seu velho feitiço. Eu não me podia mover. A beleza do entardecer se havia insinuado docemente em meus sentidos, e, através deles, em minha mente. Senti que se a Natureza podia ser impiedosamente cruel, podia, também, ser incrivelmente boa.

Sabia, apenas, que a beleza sublime e a atmosfera serena se haviam filtrado para meu mais íntimo coração. O corpo passou para uma posição firme, como se eu estivesse em êxtase. Fiquei ali, imóvel, tal como um homem fascinado, olhos abertos e sem pestanejar, olhos de um pássaro noturno, vendo, e entretanto não vendo, os primeiros vagalumes que cruzavam o ar.

O oculto botão da alma abriu-se e revelou a flor maravilhosa que trazia dentro de si. Tornei-me consciente de um deslumbrante mundo interior. Esqueci o mundo externo a fim de recordar meu eu interno. Foi um devaneio silencioso, tão intenso, que a paz sentida por nós, às vezes, durante um minuto tranquilo na deleitável região fronteira entre a vigília e o sono, não passa, ao lado dele, de ligeira insinuação, quanto ao que eu sentia.

Todas as faculdades físicas foram embaladas em delicioso repouso, todos os pensamentos errantes se aquietaram, enquanto eu me erguia acima do rio espumante da existência superficial para me instalar sobre suas felizes margens.

As horas passaram, sem carrilhão e sem registro. Face a face com o Divino Silêncio, recebi a mensagem final da Arunachala. Era a mensagem esperançosa sobre a bondade eterna e indestrutível do homem. Porque, bem ao centro de seu ser, Deus habita.

PAZ A TODOS OS SERES